REVISTA DA SEMANA

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

N.º 34 ★ 20-8-1949



NOVA E EMPOLGANTE FASE DE

A CENA muda

Agora Sim!

MODERNA
DINÂMICA
MOVIMENTADA



SEMANALMENTE

- ★ REPORTAGENS — assuntos de atualidade.
- ★ ARTIGOS — amplamente ilustrados.
- ★ CRÔNICAS — assinadas com exclusividade.
- ★ HUMORISMO — ironia e sátira às coisas do cinema.
- ★ CRÍTICAS — dos últimos lançamentos.
- ★ FLAGRANTES — instantâneos de "astros" e "estrêlas".
- ★ GALERIA — as mais recentes pôses de artistas.
- ★ ENTREVISTAS — com as celebridades do écran.
- ★ CINE-ROMANCE — novelização de filmes inéditos com especial sabor literário.
- ★ INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA — a opinião de consagrados literatos.
- ★ MODAS — artigos exclusivos e ilustrados com as mais elegantes "estrêlas".
- ★ SEREIAS — apresentando os últimos modelos de maiôs... e de pernas.
- ★ MÚSICA — recentes novidades em letras de foxes, boleros e sambas.
- ★ TESTE — Passatempo leve e divertido.

COMPRE JÁ! EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS

CRÔNICA

CÊNA DE RUA

NÃO foi só eu quem ouviu. Muita gente, também. Mas como ninguém abriu a bôca para reclamar, fiquei sem saber se eu era a única revoltada. A frase brutal ficou doendo em meus ouvidos (e em quantos ouvidos mais?):

— Não tem vergonha na cara? Pedindo, p'ra beber! P'ra cair de bêbedo por aí, que eu sei! Mas não dou. P'ra cachaça não, preguiçoso! Vai trabalhar!

O dono da frase sorriu como se houvesse conquistado a posteridade tão só com um punhado de palavras, e erguendo muito a cabeça passou no meio do grupo. Alguém se voltou para vê-lo bem. E depois cuspiu com nojo. O dono da frase nem reparou, crente dos elogios que merecia. Instintivamente o grupinho se esgaçou, desfez-se na calçada e uma das senhoras chegou mesmo a encostar-se na parede. (Talvez o homem pensasse que se lhe abriam alas, mas foi puramente por repugnância. A senhora pensou que gritaria se o homem lhe tocasse sequer com a ponta do casaco. — Um bruto dêsses!)

Os olhares das criaturas caíram em cheio nas costas largas que se afastavam, depois voltaram solícitos, bondosos, com uma bondade que há momentos não existia dentro deles, e se aproximaram do mendigo. Em silêncio o grupo de criaturas, desconhecidas entre si mas aproximadas pela necessidade de tomar o mesmo bonde, largou, de uma em uma, moedas que foram pingando, pingando, até formar uma pequena mancha clara no fundo escuro do chapéu.

Eu poderia mentir que o pobre velho tentou agradecer, mas desatou em soluços, ou naquele momento seus olhos se encheram de lágrimas; poderia mentir e ninguém ficaria sabendo do nada. Mas não deixaria de ser uma grande mentira.

O mendigo só resmungou:

— E' p'ra beber mesmo! O que é que êle tem com isso? — E espichou um lábio desdenhoso em direção ao homem bem vestido já quase escondido dentro de um taxi. — Quem é que come com êsse dinheiro? Ou se veste? Ou consegue uma coberta prás noites frias? A cachaça é roupa, cama, confôrto, comida, e também um pouco de esquecimento. Até que eu compro tudo isso muito barato!

Depois desceu a rua. A gente sabia de sobra onde êle iria entrar. E onde entrou, mesmo. Algum tempo depois, quando saiu, enxugando ainda com as costas da mão escalavrada um restinho da última cachaça, trazia o olhar torvo e um sorriso mole nos lábios grossos onde os fiapos amarelados do bigode pareciam pedaços de palha.

Êle se aproximava e ainda o pessoal do grupo discutia:

— Quando vejo um sujeito fazer isso, me dá vontade de lhe amassar a cara numa bofetada! Imagina! E' um pobre coitado que pede esmola. Um velho que nem tem fôrça p'ra mais nada. E o outro, porque tem sua boa casa, suas roupas, sua barriga cheia, vem largar uma brutalidade dessas na cara do infeliz.

— Se fosse êle o mendigo, bem que não ia gostar de ouvir uma coisa dessas!

— E depois, que importa que o velho vá beber o dinheirinho que ganha? E' como êle diz. A bebida lhe dá confôrto e esquecimento. Sabe lá o que o coitado deseja esquecer...

O velho esmoleiro veio se aproximando e terminou por sentar no mesmo lugar de onde saíra. Interrompida sua discussão pela presença do velho, o grupo ficou por momentos sem saber o que fazer, num silêncio constrangido. Depois, um a um, foram sentindo o cheiro forte da cachaça. Quem primeiro não resistiu a presença da miséria foram as senhoras que, mesmo condoídas, afastaram-se um pouco. Uma cochichou para outra:

— Pobre! Coitado! — E, hesitante, como se quisesse sondar a companheira: — Mas é um cheiro...

A outra concordou. Então começaram as duas um cochicho muito cheio de mímica.

O velho não deu mostras de reconhecer a gente do grupo. Olhava para os lados, engrolava resmungos e de quando em quando estendia o chapéu a alguém que passava na calçada, meio a jeito.

Dos homens, alguém — um rapazola — olhou-o com estranheza, um pouco chocado; outro, pôs curiosidade no olhar e foi se chegando, parecendo tomado de súbito por um desejo mórbido de estudar a ação do álcool num velho de oitenta anos e estômago vazio. Mas a maioria dos benfeitores afastou-se, incapaz de dominar o nojo, repugnadas, e depois, numa revolta, com uma censura quase a saltar-lhe da bôca, virou-se de costas para o mendigo, ansiando pelo bonde que se demorava tanto.

Houve mesmo alguém que, não suportando mais o triste espetáculo, reclamou com raiva:

— Não sei como permitem tais cenas no centro da cidade!

THEREZA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

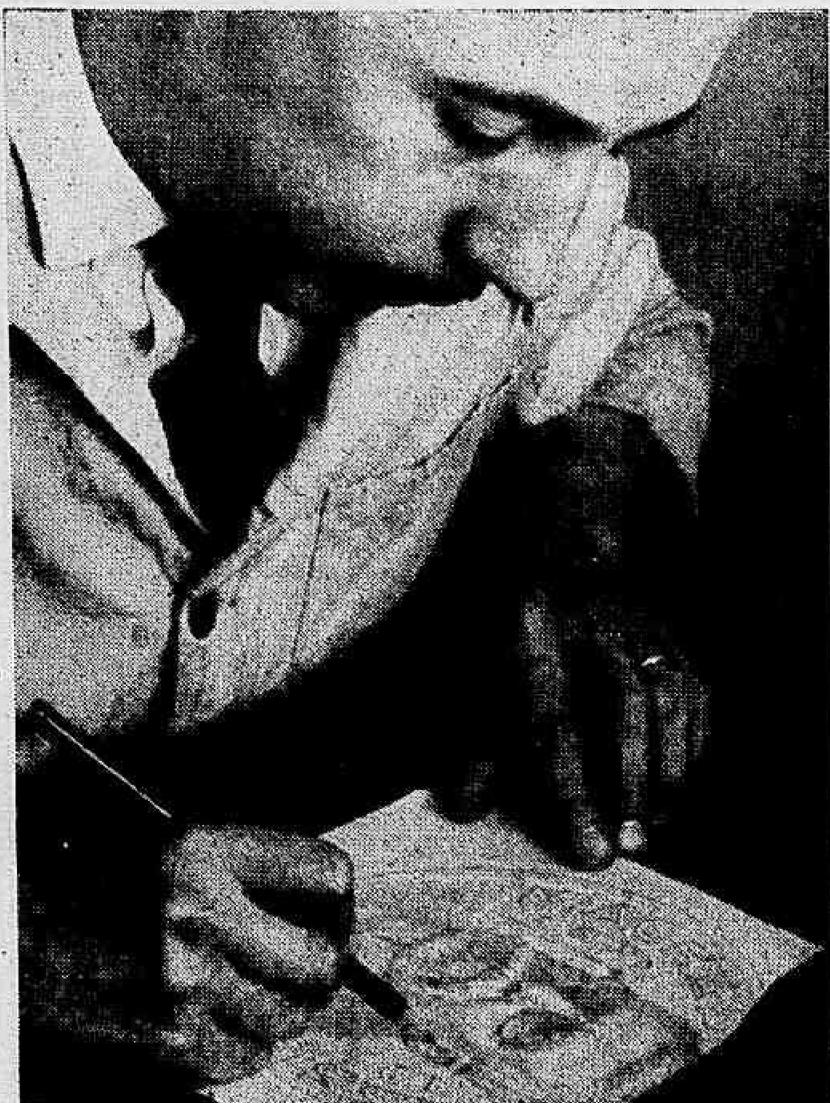
SEÇÕES PERMANENTES
Cena de rua (Thereza de Almeida) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
REPORTAGENS
Devassando a forja dos milhões (Armando Migueis) 4/7
Ampliando as diversões públicas 15/17
Quatro irmãos, quatro destinos (Carlos Galvão Krebbs) 26/29
O centenário de Joaquim Nabuco (Maria Vesentine) 32/36
Até que a morte os separe (Hélio Fernandes) .. 56/57
LITERATURA
Livros novos (João Luso) 10
Vida literária (A. Catete Reis) 14
HUMORISMO
Bolas (Théo) 11
Bom humor 15
O mundo manca e a mula murcha 58
ROMANCE
Viver com amor (Margaret G. Nichols) 12/13
NOVELA
Vertigem (Gerardo Santos) 18
SUPLEMENTO FEMININO
Nos bastidores femininos 19
Noite de gala 20
Manteaux e seus vestidos 21
O amor é assim 22
Detalhes e novidades 22
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 24
Cocktail 24
Os problemas da mulher 25
De Pierre Balmain 25
Em grande voga o "pied de poule" 40
As belas espáduas 41
Chapéus 43
Week-end na cozinha 43
CONTOS
Dúvida (Vicente A. de Carvalho) 30/31
A bandeja de prata (Vera W. de Carvalho) .. 42
RÁDIO
Broadcast 37
CINEMA
Cine-Revista 45
MÚSICA 46
TEATRO 47
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu 51
FOLHETIM
Scarlet 53
ILUSTRADORES
Osvaldo da Cunha
Lylian
Armando Pacheco

NOSSA CAPA

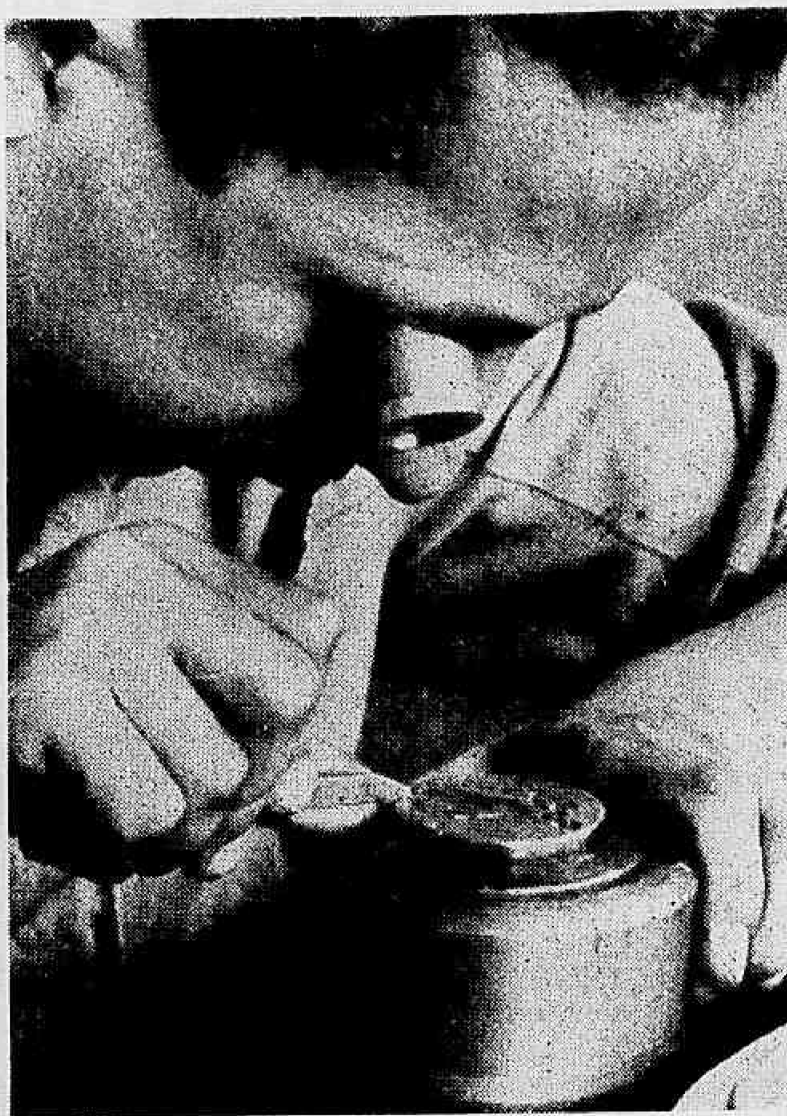
Alex Smith foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Figura bastante conhecida dos fãs de cinema, Miss Smith pode, sem dúvida, formar ao lado das grandes figuras do cinema de Tio Sam. Prêsa por longo contrato à Warner Bros., onde iniciou sua carreira cinematográfica, Alex tem-nos dado ótimas atuações ao lado de famosos galãs. Seu mais recente trabalho foi "Jornada de agonia" (Whiplash).

(Foto Warner)

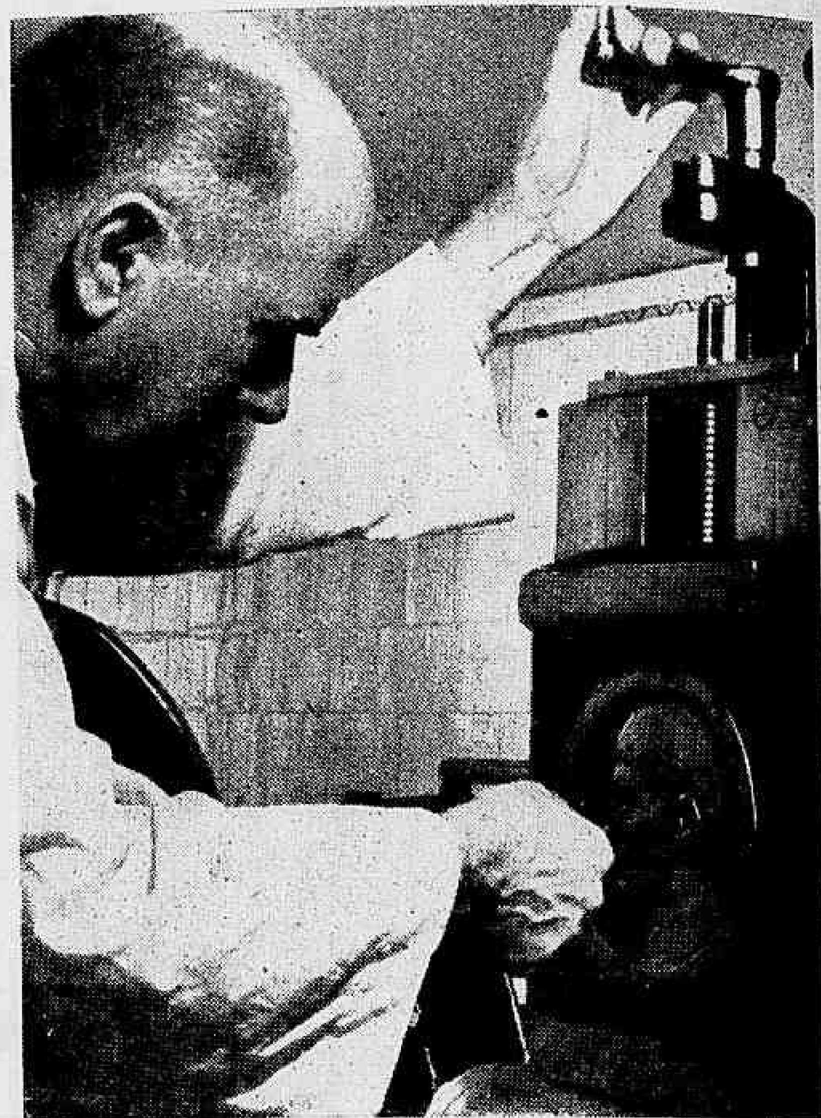




O primeiro passo para a produção do papel-moeda e da moeda divisionária. Dentro da norma estabelecida, o desenhista trabalha no preparo do modêlo artístico



Agora o buril entra em cena para corrigir os defeitos do cunho. E' um trabalho de minúcia e paciência, bem especializado



A redução da imagem, ponto capital, no fabrico do dinheiro, é feito por um pantógrafo moderníssimo, que trabalha automàticamente



Neste forno a coque, a matéria prima transforma-se em líquido. Daí, nasce a liga que, afinal, depois de outras operações será moeda divisionária



A liga que se destina à fabricação de moeda, após retirada do forno, é encaminhada às serrilheiras



Aqui, nesta indispensável fase, as barras entram na laminadora, onde perdem as rebarbas, numa rápida operação

DEVASSANDO A FORJA DOS MILHÕES

COMO É FEITA A MOEDA DIVISIONÁRIA ★ DUAS INICIAIS QUE VALEM UMA CADEIA ★ O BRASIL VAI FABRICAR PAPEL-MOEDA ★ O HOMEM QUE DESVENDOU O MISTÉRIO

Report. de ARMANDO MIGUEIS. ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

COM um atraso de dois séculos, mais uma tentativa malograda no govêrno Rodrigues Alves, vai o Brasil, tão logo os poderes legislativo e executivo deliberem, fabricar papel-moeda. Para tanto, não foi preciso recorrer a verbas extraordinárias, nem lançar mão de técnicos estrangeiros, tão seguro estava o diretor da Casa da Moeda do êxito de seu arrojado empreendimento. Usando de simples golpe de inteligência, através de consultas prévias às demais congêneres dos dois hemisférios, logrou o ilustre cidadão desvendar o segrêdo da fabricação de papel-moeda.

Com as cartas na mão, deixando em "suspense" os grandes magnatas do fabrico de dinheiro, pôde o engenheiro civil Felinto Moreira apresentar um trabalho limpo e seguro, capaz de causar inveja aos similares estrangeiros. Com êsse feito, uma nova história tem por cenário o estabelecimento da praça da República que, por lei de nosso segundo imperador, teve sua fundação assegurada no decorrer de 1902.



O líquido metálico está abrasador. E' derramado nas fôrmas, onde se processa, a seguir o seu resfriamento

Contando com o trabalho de mil e trezentos operários, dentre os quais se encontram artistas laureados nas mostras oficiais de Belas Artes, a Casa da Moeda tem por finalidade a produção dos valores impressos da Nação e o fabrico de moedas divisionárias. Além dessas atribuições executa, através de suas oficinas complementares, trabalhos artísticos de fundição, gravura, medalharia, independente do serviço de perícias referente a fraudes sôbre os valores do país.

PRIMEIROS PASSOS PARA FAZER NOTAS... — Seguindo os processos técnicos adotados na fabricação do dólar, pôde a Casa da Moeda após exaustivas pesquisas feitas por seu modesto diretor, chegar à fase definitiva do fabrico do papel-moeda. Para isso foram inauguradas as novas instalações destinadas a tão arrojada iniciativa, as quais compreendem uma seção de preparação de modelos artísticos, dividida em doze ateliers. Cada atelier está sob a responsabilidade de um antigo artista gravador, que tem dois aprendizes como auxiliares. E' nesse importante setor, sob as vistas de competentes mestres, que as notas recebem o primeiro sôpro de vida.

E' preciso, porém, prosseguir. Todo um mundo de máquinas complicadas aguarda o trabalho da seção de preparação de modelos. O "tôrno geométrico", instrumento de vital importância, a julgar-se pela sua aquisição, que é feita por intermédio de acordos especiais é uma delas. A seguir, vem a máquina cicloidal e epicicloidal, logo precedida da máquina especial de transferência que dispõe de dispositivos moderníssimos, e do pantógrafo. Não pára aí, porém, a cédula, que mais tarde virá a ser distribuída por todo o território nacional. Um completo equipamento "foto-mecânico" a espera, a fim de que seja conduzida ao setor de impressão, onde três máquinas das mais modernas para trabalhos coloridos dão prosseguimento ao preparo do papel-moeda. Mas seu destino é caminhar sempre, motivo porque vai dar com os costados no setor de impressão especial de "talho-doce", onde máquinas numeradoras e de corte finalizam o serviço.

Através desa aparelhagem, a nova linha de impressão do papel-moeda, no momento, tem capacidade para produzir 16 mil cédulas diárias, número que será aumentado para cinquenta mil tão logo cheguem as novas impressoras, já encomendadas no estrangeiro.

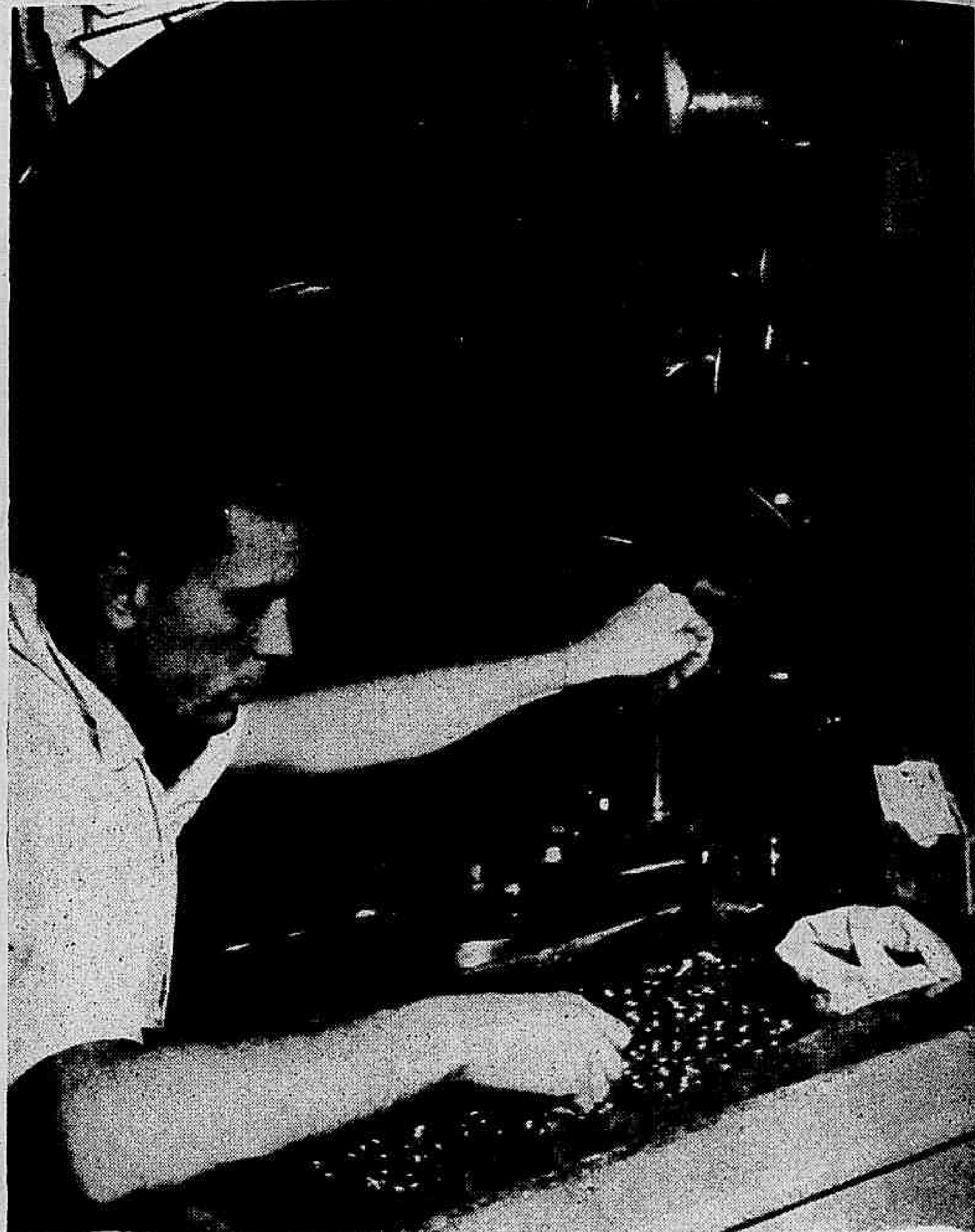
O fabrico do papel-moeda acarreta apreciável economia para os cofres públicos uma vez que atira por terra os intermediários na compra de dinheiro. Além disso, quebra o tabu a que nos achávamos presos. Não mais necessitamos recorrer aos fabricantes inglêses e norte-americanos, aqui representados pelos srs. Valentim Bouças e Guilherme Guinle, êste, aliás, o vencedor da última concorrência levada a efeito pelo Ministério da Fazenda.

Dispondo da maquinaria indispensável, das tintas utilizadas nesse fabrico, resta-nos somente a aquisição do papel, o que é feito no estrangeiro, em virtude de as fábricas nacionais não produzirem material adequado. Dado, porém, o interêsse despertado pela iniciativa da Casa da Moeda, já diversos estabelecimentos se empenham no preparo do mesmo.



Aqui nasce o disco. Seu tamanho varia de acôrdo com o valor da moeda. Depois de orlado, ei-lo a caminho de novo recozimento





Um higiênico banho de ácido nítrico. Uma vez lavado e enxuto em cilindros com serragem, os discos são, então, pesados. A cunhagem é um serviço executado por técnicos competentes. E' a última fase no preparo da moeda divisionária



A máquina cicloidal e epicicloidal, necessária na produção do papel-moeda, sofre o exame do Presidente da República, que recebe esclarecimentos do eng. Felinto

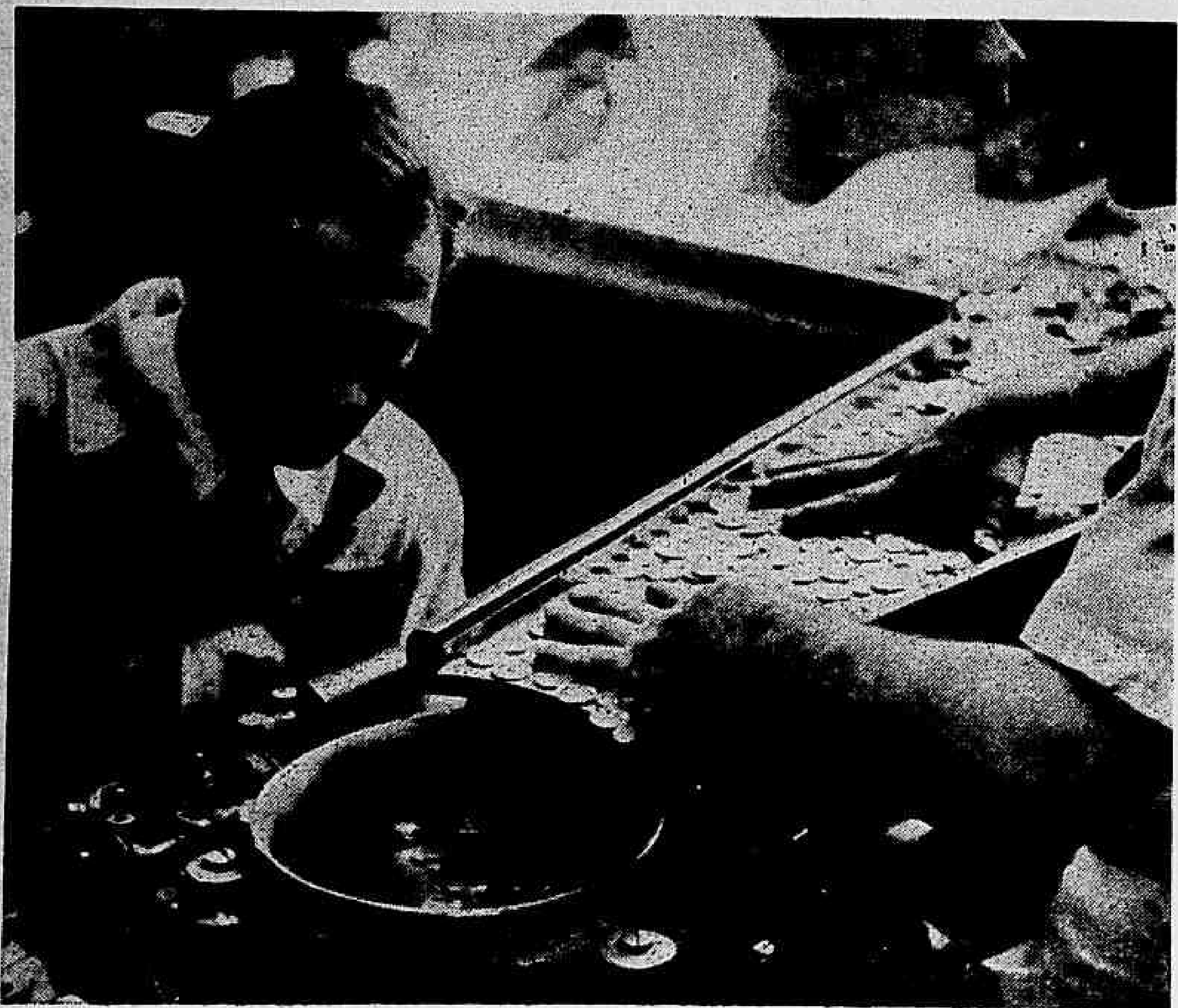
MOEDA DIVISIONÁRIA — Nasce a moeda divisionária, como o papel-moeda, na seção de preparação de modelos artísticos, passando a seguir para a gravura. Daí através do trabalho conjugado das oficinas de fundição de ligas monetárias, de laminação e preparo dos discos, ela chega à seção de cunhagem, de onde sai para percorrer todo o imenso território brasileiro.

A matéria prima utilizada na sua confecção constitui-se de cobre, zinco e alumínio, fundida em fornos elétricos e a coque. Essa mistura é vasada em rilheiras especiais, a fim de ser obtida a lâmina que, por sua vez, passa por uma laminadora, onde perde tôdas as rebarbas. Vai, então, à seção de discos. Trabalho seguro e meticuloso, que requer cuidados especiais. Os discos obtidos sofrem uma operação de recozimento, passando por um tratamento especial à base de ácido nítrico, com o que voltam à sua primitiva côr. Após êsse banho são enxutos em cilindros de madeira e polidos. Em seguida, passam às máquinas em que são orlados. Logo depois, pesados e contados, vão aos cunhadores em sacos especiais que, por sua vez, os devolvem às máquinas de contagem, cuja capacidade é de mil moedas por segundo. Nesse serviço, em que são empregados doze conferentes, as moedas defeituosas, tecnicamente chamadas "cizalha", são devolvidas à fundição para que voltem ao forno. Dessa última operação, ou seja, contagem e pesagem dos centavos e cruzeiros, os níqueis são ensacados, recebendo a assinatura do cunhador e do conferente, aos quais cabe a responsabilidade sôbre qualquer falha porventura existente. Esta porém, é diminuta, sendo sua percentagem de um décimo por cento, número insignificante, sabendo-se que a produção diária da Casa da Moeda é, em média, de trezentos e cinquenta mil moedas, o que representa a média anual de cento e cinco milhões.

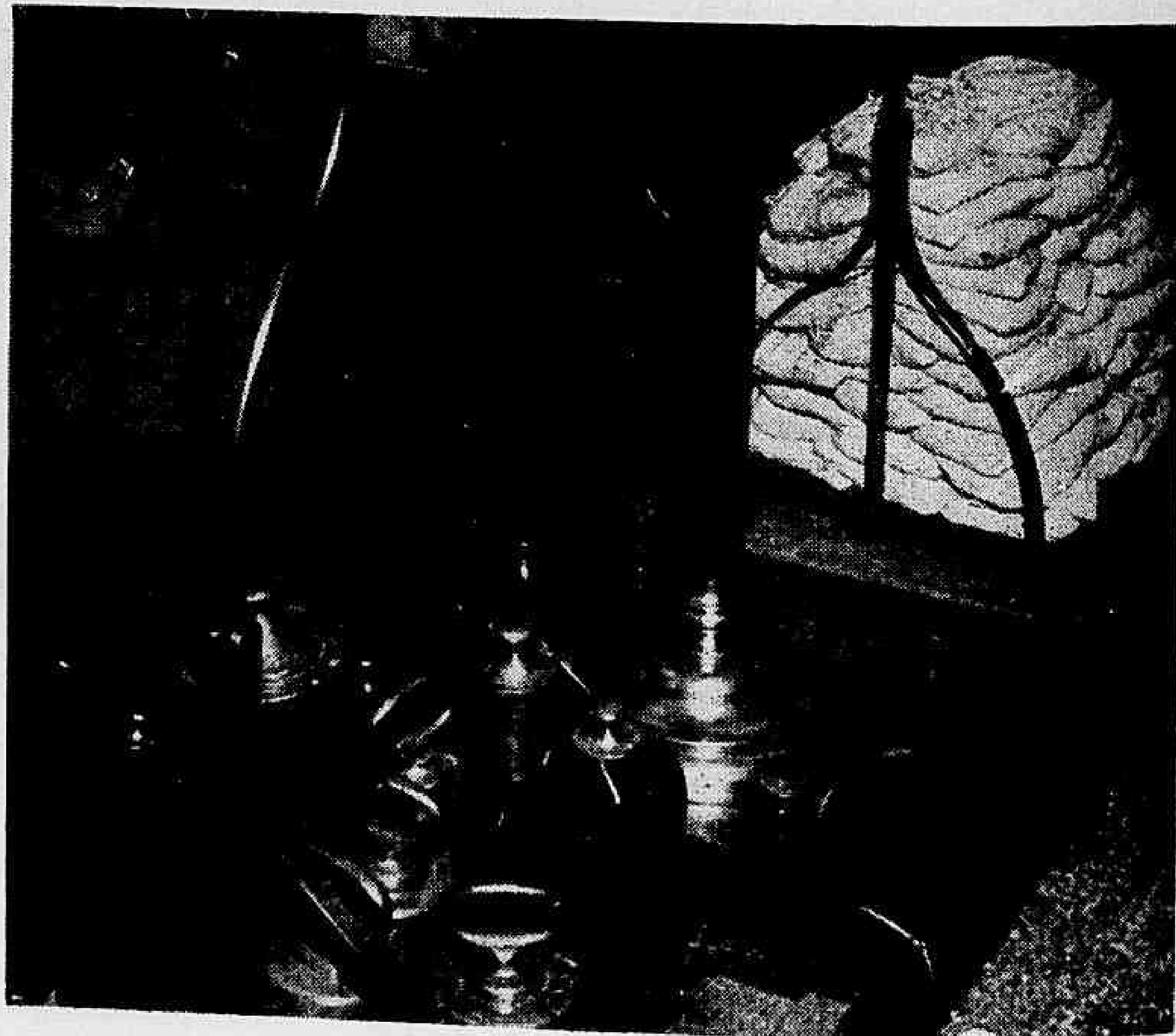
AMOR À CASA E CULTO ÀS TRADIÇÕES — A quem vê essa tradicional repartição, construída pelo saudoso engenheiro Teodoro de Oliveira, através das grades que a isolam da rua, parece um presídio. Mas, transpostos seus velhos portões, um clima de liberdade se nos revela, a ponto de encontrarmos funcionários que ultrapassaram os cinquenta anos de serviço, sem desejarem a aposentadoria. E quando se lhes fala em semelhante assunto, é mais um inimigo que se ganha.

Não faz muito, um dêsses veteranos recebeu o prêmio de sua dedicação ao serviço. Contava, então sessenta

(Cont. na pág. 55)



Aqui se processa uma nova contagem em máquinas velozes. Depois vem o ensacamento das moedas já prontas



A chegada do "cobre" à Tesouraria, é marcada com uma nova e definitiva pesagem para a última confirmação dos totais produzidos



Êle não está apanhando dinheiro. É um empregado na sua função, um operário com as mãos cheias do produto fabricado onde trabalha



A função de chefe de Estado, se proporciona ao indivíduo uma posição de destaque e relêvo na sociedade nacional e na vida internacional, constituindo mesmo, muitas vêzes, a máxima aspiração de uma pessoa, traz a êsses eleitos do destino certos dissabores profundamente dolorosos.

Não há chefe de Estado que não se aflija com a desgraça de seu povo, quando a má sorte marca uma nação com o signo das fatalidades e tôda a sociedade humana sofre contingências inevitáveis, independentes da vontade humana.

A República do Equador, situada numa zona sujeita a convulsões telúricas de tempos a tempos, em virtude da proximidade de vulcões, já tem sido vítima de grandes terremotos com perdas de vidas preciosas e prejuízos gerais em seu território.

Foi um dêsses pavorosos e inevitáveis terremotos que lhe sobreveio a 5 dêste mês, abrangendo uma área de quase duzentos quilômetros quadrados e afetando a vida de cêrca de 130 mil habitantes com um número de mortos superior a seis mil.

A catástrofe que enlutou a República irmã é uma das maiores e mais extensas que se conhece em tôda a história dos terremotos em terras da América.

Cidades inteiras foram tragadas pelas colossais aberturas surgidas abruptamente no solo e montanhas inteiras foram como que derretidas pelo incrível abalo císmico.



O presidente Galo Plaza, agricultor e estadista, tem 43 anos de idade, e que sofreu, como chefe do govêrno da nação irmã, a maior comoção de sua vida em face da desgraça que se abateu sôbre seu povo

Vinte e dois templos católicos ficaram reduzidos a escombros, lamentando-se dentre êles um dos mais belos e tradicionais do país, que veio abaixo soterrando sessenta jovens e crianças que ali se achavam para fazer a primeira comunhão.

No momento da catástrofe um padre subiu ao púlpito a fim de aconselhar calma aos fiéis. Êsse sacerdote, segundo dizem os telegramas, derrubado ao solo, teve sua vida poupada quando uma trave do templo impediu que fosse êle esmagado pela alvenaria em destruição.

De todos os países das Américas está recebendo o presidente do Equador, sr. Galo Plaza, ex-toureiro e ex-"ás" de futebol, as maiores provas de solidariedade, contando-se na sociedade brasileira vários movimentos para obtenção de recursos de tôda espécie em favor dos atingidos pelo cataclismo.

Dentre os oferecimentos, muito impressionou o que fizeram àquele govêrno os nossos aviadores do Aero Clube do Brasil, para que fossem aceito os serviços do Corpo de Paraquedistas, que desceriam ali, conduzindo o que fosse necessário ao confôrto e socorro das populações em aflição.

a Semana EM REVISTA

50 CONTOS POR UM DEFUNTO

Esta não veio dos Estados Unidos nem de Minas. E' procedente de S. Paulo. Há na cidade de Botucatu um subúrbio chamado "Vila dos Lavradores", de população densa e, como o nome indica, bastante laboriosa. O cemitério da cidade fica distante, dando maçadas aos que vão enterrar seus mortos, e preocupações aos defuntos em face daquela caminhada. Um vereador apresentou à municipalidade um projeto de lei mandando abrir crédito para a construção de um cemitério para a "Vila dos Lavradores". Idéia justa. O crédito foi concedido e a necrópole construída com todos os requisitos exigidos pela arte e ciência de fazer cemitérios. Mas, decorridos meses e anos, verificaram as autoridades municipais que o campo santo da "Vila" já estava apresentando vestígios de decadência, tornando-se uma ruína antes de ser inaugurado. Verbas e mais verbas iam sendo abertas para mantê-lo em forma, pagando-se a zeladores a fim de que o cemitério não morresse antes de nascer. Doze anos depois, já não era mais possível manter o campo santo que só fazia consumir dinheiro dos cofres públicos sem nenhuma compensação, pois... ainda não houvera um só defunto para nele ser enterrado. Reuniram-se os administradores e estudaram o problema. Como não era possível matar uma pessoa somente para haver um entêrro, foi oferecido o prêmio de 50 mil cruzeiros em moeda legal e sonante para a família do primeiro defunto que fosse sepultado na necrópole, pagando-se ainda tôdas as despesas de funeral. Com surprêsa geral ninguém se habilitou, até hoje. Será que êsse cemitério possui alguma vitamina misteriosa e fenomenal que, só em dizer-se que se vai ser enterrado ali, ninguém morre mais?

★

LIÇÃO A UM JUIZ

De ordinário todo bacharel em Direito que chega a ser juiz, continua a alimentar no espírito aquêle deleitoso sabor da vidinha acadêmica, quando jornais e revistas da classe estudantil publicam artigos, poesias, crônicas, etc., dos veteranos ou dos calouros enfeitados ou não. Êsse vício das Faculdades acompanha o cidadão por tôda a vida, especialmente quando o ex-acadêmico e já então juiz de Direito, desembargador ou ministro, tem mesmo a chama do jornalismo. Mas a posição de um juiz de Direito não é compatível com a função de proprietário de jornal político, com tabela de anúncios a tanto por centímetro de coluna. Um juiz é um juiz e não vai criar coerções de natureza moral junto ao padeiro, ao açougueiro, ao dono do cinema ou perante qualquer negociante para que lhe mandem anúncios. Ora, não estava pensando assim o exmo. sr. dr. juiz de Direito de Catolé do Rocha, lá nos sertões paraibanos, que mantém um jornal político na cidade de Campina Grande, no mesmo Estado, denominado "A Voz do Dia". Denunciado por alguma **voz da noite,** que é a voz das surprêsas desagradáveis, o juiz foi punido pelo Tribunal de Justiça do Estado por transgressão de normas legais, ou seja dedicar-se a atividades mercantis expressamente proibidas a magistrados nas suas condições funcionais. A pena foi, entretanto, pequena: dez dias de suspensão com perda de metade dos vencimentos correspondentes a êsse mesmo período. O condenado recorreu para o Supremo Tribunal Federal, mas, diante do parecer do procurador geral da República, o juiz de Catolé do Rocha não tem direito. A estas horas, o dono da "Voz do Dia" deve estar murmurando: "Ainda há juízes em Catolé, mas êsse não é o procurador da República de meus sonhos"...

★

CASAS, PELO AMOR DE DEUS

O fenômeno de crise de habitações que se manifestou, durante a última guerra e se vem agravando dia a dia, desde que a mesma terminou, é de aspecto geral, tanto aqui como no estrangeiro. No Brasil, porém, essa calamidade assume caráter aflitivo, em virtude de os nossos capitalistas e Institutos não construírem para alugar e sim para vender. Nem todo mundo dispõe de centenas de milhares de cruzeiros para adquirir casas ou apartamentos para morar. Os pobres se remedeiam construindo seus barracos e choças nas favelas; os que se situam entre a pobreza sem preconceitos e cheia de acanhamentos, é que sofrem mais. Ultimamente o Instituto dos Industriários anunciou que dispunha de alguns milhões para emprestar aos seus segurados. Observou-se no Rio um espetáculo desolador, mas cheio de pitoresco. Enorme multidão de interessados afluiu para lá e ali se postou dia e noite, aguardando cada um sua chamada para ter direito a comprar uma casa ou apartamento. Em Pôrto Alegre o fato ainda se revestiu de maiores côres. Enfrentando o frio e a chuva, os candidatos gaúchos foram postar-se no seu Instituto e ali permaneceram noite e dia, uns sentados ao chão, outros em camas improvisadas, comendo e bebendo como se estivessem num pique-nique ou fossem náufragos de algum afundamento e desembarcassem em praias desertas. Dizem telegramas de Pôrto Alegre que um cidadão que estava em ótima posição na enorme fila, recebendo de outro a proposta de vender seu lugar, aceitou o negócio e recebeu quatro mil cruzeiros. Outras, porém, apenas desmaiaram de cansadas e, talvez, quando receberem o empréstimo já sejam esqueletos...

COM OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Não sabemos se já está funcionando a Escola de Boas Maneiras para os funcionários que têm de suportar a vida em contacto com o público. Seu idealizador é o professor Moreira de Souza, um dos diretores do DASP. Homem observador e dono de grande prática em assuntos de administração pública, acha que, assim como há funcionários corteses, urbanos, delicados para com o povo, também os há irritadiços, indiferentes, cheios de "não quero conversa" aos guichês de repartições e nas mesas de trabalho procuradas pelo público. E' contra êsses, ou melhor, é a favor dêsses que o Curso vai funcionar. São quatro as cadeiras: Psicologia das Relações Humanas, Ética Profissional e Boas Maneiras, Relações da Administração com o Público, Estrutura do Serviço Público Brasileiro. Segundo declara o seu fundador, não é compulsório o aprendizado; mas, conforme pensa, será procurado por todos os interessados que estiverem nas condições sub-civilizadas de receber uma boa dose de ensino educativo para não dar motivo a queixas do público. Não seria também desinteressante que certos elementos dêsse mesmo público recebessem, de quando em quando, umas aulazinhas na novel Academia do DASP, a fim de também saber tratar com os funcionários. Todos reconhecemos que um homem envelhece numa repartição e passa tôda a existência a esperar que sua situação pule de uma letra para outra, a fim de melhorar o panorama da vida. Suporta, às vêzes, expressões grosseiras de gente que vai tratar de negócios administrativos, e, ainda por cima, é denunciado aos maiorais. O que é necessário neste país não é propriamente um Curso de Boas Maneiras para alguns, e sim para todos, em geral...

★

VEREADORES PATRIÓTICOS

Faz poucos dias divulgava um telegrama da cidade de Santo André, Estado de São Paulo, que os vereadores daquela localidade haviam tomado uma decisão surpreendente: — reunidos em sessão secreta na Câmara Municipal, decidiram reduzir os seus próprios subsídios. Depois de três horas de discussão cordial e harmonioza, os vereadores de Santo André firmaram o compromisso de, a partir dêste mês de agôsto de 1949, passar a receber como subsídio três mil cruzeiros e mais 250 por sessão, em lugar dos cinco mil que percebiam antes. Houve quem se admirasse dessa prova de patriotismo e liberalidade dos legisladores daquele município paulista, exaltando-lhes a atitude e chamando a atenção de outros municípios para êsse exemplo que deveria ser imitado. Ora, muito mais patrióticos são os vereadores de dezenas de municípios do Estado de Minas, que desde suas investiduras como elementos do legislativo local abriram mão de todos os vencimentos, trabalhando absolutamente grátis em favor dos cofres municipais. Outros, como em alguns municípios da zona sul daquele Estado, adjudicaram seus subsídios em favor de obras pias, de educação e cultura mantidas por particulares, dando provas de grande amor à terra que os elegeu. Seja como for, porém, os vereadores de Santo André fizeram bonito. Nestes tempos de egoísmos alucinantes, de ambições incoercíveis, de fome de dinheiro, não é pouco que um cidadão abra mão de quase metade de seus honorários em favor da riqueza pública. O caso é, indiscutivelmente, edificante. Achamos mesmo que certos municípios de poucos recursos deviam ter vereadores assim patrióticos, sem ambições.

★

O ESPANTOSO DELEGADO

Vamos reproduzir esta notícia que veio de Minas Gerais para o vespertino "A Noite" desta capital, para que o leitor da REVISTA DA SEMANA veja que a filosofia "Existencialista" já vai fazendo adeptos até pelo interior de Estados sisudos e de tradicional comportamento cristão, como é o de Minas. O caso foi êste: procurando resolver a esdrúxula situação criada por um triângulo amoroso, o delegado do município de Rio Acima, tenente José Tibúrcio, reuniu na delegacia o lavrador João Domingos de Araújo, sua mulher d. Nair de Araújo e a "outra", d. Maria Faria de Castro. Ali, na presença da espôsa legítima, na de um soldado e de um cabo, mandou o delegado que João e Maria se despissem totalmente. Os intimados relutaram, mas assim fizeram. Então o delegado entregou a João um cano de borracha e ordenou que êle açoitasse Maria. Em seguida entregou o mesmo cano de borracha a Maria e mandou que ela surrasse João. Feito isso, passou às mãos de d. Nanir o cano de borracha e mandou que ela açoitasse os dois, isto é, o espôso e a "outra". A cena era dramática e cômica ao mesmo tempo. Finda a punição, o delegado, irritadíssimo, tomou o instrumento surrador das mãos de d. Nair e, êle próprio, visivelmente zangado, passou a surrar todo mundo, botando o triângulo amoroso, aos pulos e aos gritos, pela porta fora! D. Maria de Castro foi a Belo Horizonte apresentar queixa contra o delegado, tendo sido aberto rigoroso inquérito para apurar o episódio inédito pelo pitoresco e curioso meio de punir, primeira vez que uma autoridade de Rio Acima põe romances de água a baixo...

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.º 34 ★ 20-8-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Segundo observadores locais em tôda a vasta zona do terremoto do Equador, o numero de vitimas é muito maior do que parecia à primeira vista. Dean Acheson, secretário de Estado do Govêrno Truman, adverte a nação contra a tendência para reduzir o fornecimento de armas aos paises do Pacto do Atlântico Norte. ★ Desejam os filipinos importar café do Brasil, mas passando primeiramente por um pôrto dos Estados Unidos. — O secretário geral das Nações Unidas, sr. Trygvie Lie, discursando em Lake Success apresentou um plano com seis pontos para assegurar a paz entre as nações. ★ Depois de realizar longa e vasta excursão pela Europa ocidental, regressam aos Estados Unidos os chefes militares dessa nação satisfeitos com os resultados da viagem. ★ Dirigiu o govêrno Dutra um "ultimatum" aos estudantes grevistas da Universidade Rural, que protestam contra a alimentação e entraram em greve. ★ Caem os títulos do govêrno britânico. ★ Elpidio Quirino, presidente das Filipinas, chega aos Estados Unidos, a fim de obter apoio ao seu plano de formação de um Pacto Asiático contra o comunismo. ★ Acidente grave com dois artistas do Circo Sarrasani, armado no Rio, quando faziam exibições de trapézio com olhos vendados. ★ Descobrem-se em Minas Gerais grandes jazidas de Urânio. ★ Não obteve o êxito que esperava o presidente das Filipinas nos Estados Unidos em relação ao apoio americano ao Pacto Asiático contra a China Comunista ★ John Snyder, secretário do Tesouro norte-americano é favorável a auxilios dos Estados Unidos a nações amigas. ★ São aprovados os planos para manobras do exército norte-americano entre o Elba e o Reno para o mês de setembro. ★ Estuda o govêrno do Equador a possibilidade de contrair um grande empréstimo externo para reconstrução das zonas devastadas pelo terremoto. ★ Reune-se o Comité Ministerial do Conselho da Europa. ★ Lavra tremenda sêca em Portugal. ★ O senador Vandenberg propõe redução da verba solicitada por Truman para auxílio militar a paises da Europa Ocidental. ★ Vão ser nomeados mais sete cardeaes. ★ O govêrno de Chiang-Kai-Shek ataca o Livro Branco dos Estados Unidos. ★ Estão passando muito bem os brasileiros residentes em Xangai. ★ Frio de tres graus abaixo de zero em Buenos Aires. ★ Realizam-se conversações secretas sôbre a bomba atômica em Lake Success. ★ A policia politica e a policia especial ocupam a Universidade Rural do Rio de Janeiro, por motivo da greve dos estudantes. ★ Entrega suas credenciais ao govêrno brasileiro o novo ministro do Irã, sr. Hassan Ali Ghaffary. ★ Movimentam-se os cineastas do Rio para defender o progresso da indústria filmica do Brasil ★ Aumenta assustadoramente o número de desempregados nos Estados Unidos. ★ E' violentamente dissolvido pela policia um comício contra a carestia da vida em Belo Horizonte. ★ Grande derrame de dólares falsos no Rio e São Paulo. ★ Reune-se no Rio a III Conferência de Técnicos em Contabilidade Pública. ★ Frio intenso no sul do pais, com queda de neve em vários municipios gaúchos. ★ Novos tremores de terra abalam o Equador. ★ E' ordenada a retirada estratégica de vários exércitos nacionalistas em face do avanço das fôrças de Mau-Tse-Tung. ★ E' eleito o socialista belga, Spaak para a presidência da Assembléia Consultiva Européia. ★ Foi nomeado Chefe do Estado Maior Misto das Forças Armadas dos Estados Unidos, o general Omar Bradley. ★ Manifesta-se frieza entre os inglêses a respeito da idéia da formação de um Pacto do Pacifico. ★ A Igreja Católica da Tchecoslováquia desafia o govêrno da República, ordenando a sagração de bispos contra a Lei Nacional. ★ E' apresentado à Câmara Municipal do Distrito Federal um projeto de lei concedendo crédito de cem mil cruzeiros ao Centro Nacional de Pesquisas Fisicas. ★ Desmente o Ministro da Viação declarações do sr. Getúlio Vargas sôbre realizações de obras públicas. ★ Debatem-se na Câmara Federal os acontecimentos da Universidade Rural ★ Discursando na França exorta Churchill a Europa no sentido de unir-se e proteger-se. ★ Chegam aos subúrbios de Kangchou poderosas colunas comunistas. ★ E' atropelada e se recolhe a um hospital em estado grave a escritora Margaret Mitchel, autora de "...E o vento levou". ★ Bandidos armados raptam o barão Gabriele Dara, na Sicilia e pedem cem milhões de liras por sua libertação. ★ Declaram-se em greve os operários da Ford Motor Company. ★ Declara o general Hoyt Vandenberg, chefe da Fôrça Aérea Norte-Americana, que é a Rússia o único inimigo possivel dos Estados Unidos. ★ A Rússia declara que o govêrno de Tito é inimigo do regime soviético. ★ São prêsos no Rio os moedeiros falsos, cúmplices do derrame de dólares ilegais no Brasil. ★ Apresenta seu pedido de demissão a Perón o chanceler Juan Bramuglia, não sendo aceito. ★ Temem os Estados Unidos um ataque dos exércitos comunistas à base de Hong-Kong. ★ Denuncia a União Soviética o govêrno de Belgrado e ataca violentamente o regime de Tito. ★ E' acusado o Prefeito do Distrito Federal de ter gasto 60 milhões de cruzeiros à revelia do Tribunal de Contas. ★ Chega ao Rio o diretor do Instituto Argentino de Urbanismo ★ Embarca para S. Francisco o presidente Dutra, em visita às obras da usina hidráulica em montagem na cachoeira de Paulo Afonso. ★ E' aberto ao público o Salão de Belas Artes de 1949. ★ Milhares de pessoas visitam, no salão nobre do Automóvel Clube do Brasil, o mural de Portinari representando a tragédia de Tiradentes, que figurará no Colégio de Cataguazes. ★ Rebenta na Bolívia um movimento revolucionário, sendo prêsos os chefes. ★ Derrame de dólares falsos na Argentina. ★ Foi convidado a ir a Washington o general MacArthur para trocas de idéias em relação à situação da China. ★ Recorre o Bisbo de Maura ao Supremo Tribunal Federal contra a proibição pela polícia do Rio que fechou sua Igreja Católica Brasileira. ★ Passeata de estudantes no Rio de Janeiro em solidariedade com seus colegas da Universidade Rural. ★ Assinado o Regulamento do repouso semanal remunerado. ★ Oferecem-se os paarquedistas do Aéro-Clube Brasileiro para socorrer as populações flageladas do Equador. ★ E' nomeado novo Chanceler para a Argentina. ★ Está enfêrmo o lider comunista chinês Mao-Tse-Tung. ★ Denuncia a policia iugoslava um "complot" contra Tito. ★ Recrudesce a ação do exército grego contra os guerrilheiros. ★ O Vaticano determinou que os comunistas não podem batizar nem crismar. ★ Acidentes graves no Circúito da Pampulha em Belo Horizonte. ★ E' cancelado o duelo entre Bramuglia e Remorino, na Argentina. ★ Rebenta uma revolução política na Síria. ★ Um atentado contra os russos em Potsdam mata vinte oficiais soviéticos. ★ A Igreja Católica desobedecendo ordens do govêrno tcheco sagra dois bispos em Trnava. ★ Decorreram se mgraves incidentes as eleições gerais na zona da Alemanha Ocidental. ★ Estima-se em 1.200.000 cavalos a fôrça da Cachoeira de Paulo Afonso, ficando, assim, a segunda do mundo.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que etiverem.

4 — Os contos devem ter no minimo três folhas datilografadas, tipo oficio, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humoristico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem caracteristicas próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.



Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. Preço no varêjo Cr$ 35,00. Pedidos pelo reembôlso postal Cr$ 45,00, o vidro. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — sala 616.

LIVROS Novos

JOÃO LUSO

O BRASIL DE OESTE

Páginas de história e de louvor de PAULA ACHILLES

Livraria José Olímpio Editora
Rio de Janeiro
1949

O sr. Paula Achilles dá-nos a segunda edição de "Brasil de Oeste", consideràvelmente aumentada. O plano da obra, embora consagrada pelo mais belo êxito, logo passou a exigir-lhe um trabalho mais amplo, no qual alguma coisa pudesse ter ficado por desenvolver e apurar. E' de pensadores e artistas não se satisfazerem, não se "quererem" contentar com aquilo que conseguiram. Imediatamente à tarefa concluída, e sejam quais forem os louvores que ela haja obtido e merecido, vem a aspiração maior e insatisfeita. O homem passa forçosamente a desejar mais, maior, melhor. E' um sonho incontentável. À semelhança daquele que o grande poeta imaginou e pretendeu criar "é todo feito de incerteza". Eternamente a visão se repetirá, numa ansiedade indizível", porque adiante dela e, no entanto, perseguindo-a, irá a chamada e nunca definida perfeição. Só os fátuos, ou pior ainda, os pretenciosos que, de qualquer modo acabam nulos, se afastam daquela idéia, que vem a ser uma glória e uma condenação.

O autor de "Brasil de Oeste" obedeceu bem acentuadamente à regra soberba e sofredora. Dilatou o seu projeto primitivo, para lhe elevar o sentido e a execução. Passou para um nivel mais alto, a fim de o examinar mais de longe e sentir assim que, em algum sentido, êle deixava a desejar. Na realidade, ou apenas para alguém de ainda superior exigência, não apresentaria defeitos nem lacunas... Mas o artista assim o considerava e não haveria, em tal sentido, como convencê-lo a si próprio. Entrava nele o pensador e o poeta. O idealismo e ambição realizadora.

Ao começo da presente obra, erguia-se uma espécie de pórtico na sua concepção panorâmica:

"Êste lado da terra que se levanta e assoberba entre o Atlântico e o Pacífico, é alguma coisa de sugestivo e empolgante, para o coração e o pensamento. Continente imenso, dá a impressão da vida do sentido arrebatado de uma epopéia estranha, de uma paisagem ciclópica, onde o destino parece ter assentado os fundamentos definitivos da sua estabilidade. Da cordilheira dos Andes, a impressão que se fixa na retina que observa, é, sem dúvida, a de um avanço para o alto, no cometimento da ume elevação cósmica, desvendando o caminho de tôdas as gerações para as bênçãos do solo que se abre em sorrisos, para a aleluia miraculosa de uma esperança maior".

Em verdade poucas linhas bastam para anunciar já definido êste empreendimento de beleza e magestade. O escritor o lançou em linhas largas e altas, em que logo, com a verdade imperiosa, entrou a colaborar a imaginação. Não é possivel iniciar esta emprêsa descritiva, sem alguma e, da melhor mais pura exaltação. As idéias, como a beleza, irrompem, pela fôrça veemente do estilo. E esta linguagem poderosa é, ao mesmo tempo, nos seus efeitos expressivos, feita de fluência e naturalidade. Desenvolve-se, como um rio liso e vasto, onde os acidentes mesmo ficassem, por assim dizer, livres e serenos. Nada, na nossa imaginação, se opõe à corrente, em cujo sentido, de algum modo, reina a suavidade. A natureza gigantesca de certas regiões tem coração de criança.

A "marcha do planalto" vai ascendendo, ora em magnitude, ora em graciosidade. Sente-se a bênção criadora que andou pelas serras e os vales, distribuindo, semeando, quer a riqueza quer a formosura, tudo com generosa equidade, tudo em ponto grande.

O programa do livro do sr. Paula Achilles expõe, com equilíbrio de motivos e de valores, as "razões topográficas, o imperativo astronômico"; fala do sistema hidrográfico do Paraguai e da flora ainda para conhecer; passa ao exodo indianista e ao fenômeno da colonização: detém-se naquilo a que chama "concepção de brasilidade"; fala do "homem das margens" e faz avaliar as riquezas a que se refere como a celeiros incalculáveis; falando de Dourados e de Antônio João, qualifica-o, a êste, como predestinado da raça; descrimina que "raças divergiram e as grandes expansões instintivas"; alude ao caldeamento colonial e à sua singularidade; com a palavra de Deus, está o cristianismo, bandeira maior; Vila Bela, a aventura, sonho e tragédia dos diamantes; o caldeamento racial brasileiro; Piratinga e o século XIII; os "últimos membros do Bandeirante em Cuiabá"; os novos rios; a amplitude topográfica, as suas sugestões bizarras; o "montante de realizações militares, suposição errônea de muitos e "localização fascinante de energias singulares"; as influências marítimas e, em capítulo final: "os fundamentos que arrebatam"... Não poderíamos mais, evidentemente, do que referir-nos, nas linhas gerais e — por nossa parte, bem menos que indicadas — em que o livro se reparte, com as suas quatrocentas páginas em grande formato. A exposição geral se valoriza tanto pela clareza e equilíbrio quanto pela desenvoltura que se alia à dignidade da linguagem. E o exórdio da obra vale a peroração:

"Não tenhamos dúvida sobre o nosso destino. Reconheçamo-lo vivo e são nos limites fortalecidos do nosso pensamento, para que seja a nossa confiança aparelhada em sua estrutura magna e assim possamos, de consciência firme, compreender, com desassombro, a certeza do que valemos e a realidade do que somos. Herança que se fêz abençoada, é o legado continental da Pátria que edificámos e sôbre a qual, num cenário aberto de tradições dignificantes, erigimos o monumento de nossa história. Nenhum desalento devemos alimentar! Nenhuma desesperança devemos conhecer! O passado que guardamos é a conquista que enaltece e assoberba, bases fundamentais das nossas convicções. Realizamos na hora presente. E quando um povo estabiliza o momento que passa, é evidente que assegura o momento que vem. Essa é consciência marcante das nacionalidades que se reanimam de energias definidas e encorajam para a vida os desanimados da raça."

★

PEDRAS DO MEU GARIMPO

★

Versos de LEONARDO HENKE

★

Papelaria Universal
Curitiba
1949

Era uma vez... Começa êste livro à maneira de conto de fadas. Vem falar numa princesa de cabelos côr de ouro e olhos ainda mais luminosos. Um pobre trabalhador a amava perdidamente. Nela pensava a cada instante, deslumbrada, arrebatadamente. Não via outra coisa, riqueza do mundo nem ventura do céu, que dela não pudesse vir — pois tudo o mais, sem ela, se reduzia a uma desilusão cruel. E a verdade é que o operário, pobre como Job, sem outra espécie de tesouro ou preciosidade, não sabia onde encontrar maravilha a de perfeição do corpo e da alma, a quem, na realidade, nunca vira. Como a descobriria, se aproximaria do amor que sonhara e que constituía, para êle, não o maior mas o único bem da vida? Mas ao homem pobre do garimpo acudiu uma idéia verdadeiramente providencial. Fêz-se poeta.

E' uma história simples, porém, milagrosa. Do garimpo, assim revelado e explorado, saem gemas de todos os matizes. Por isso o rimador destas páginas facetadas se refere a Topázios, Opalas, Pingos de Água, outras pedras em vários sentidos preciosas. São ligeiras, algumas, como cintilações de um instante, outras lembram o esfôrço e a ansiedade dos lapidadores requintados... Duas jóias aspirariam, neste caso, à assinatura do ourives chamado Benvenuto Cellini — ou Emilio de Menezes.

Êsse cujo estro soube, em divinal clangor,
Cantar dêste rincão a eterna formosura
Hoje no olvido jaz, de ignota sepultura,
Sem o clarão de um cirio ou a prece de uma flor...

São dois sonetos dignos da nobre inspiração de Emílio e do Paraná, que êle adorou em vida como, depois de morto, continuou honrando. Outras composições, porém sem aquela solenidade, variam do verso apaixonado ou melancólico ao ligeiro, ditoso madrigal. Uma série de tercetos faz lembrar, pela agilidade, embora irregular, os haikais do mestre lírico Bashô. E tratando-se embora de um caso especial, quase à parte, nas "Pedras do meu garimpo", é com prazer que reproduzimos esta peça delicada. Intitula-se "Impromptu":

Chove. Mas que dia
Alegre! Será o Arco-Iris?
Não! És tu, que chegas.

Inverno... Cai neve.
Que tepidez! E' o sol? Não!
És tu, que me fitas.

Mudez. Que harmonia
Nessa música! E' Bach? Não!
És tu, que me falas.

Noite escura... Acordo:
Que claridade! E' a luz? Não!
És tu, que sorris.

Primavera. Mas
Que tristeza! E' a morte? Não!
És tu, que te vais.

RECEBEMOS:

Senai, separata da Revista Industrial de São Paulo, publicação do Departamento Regional do Estado (n. 50), com excelentes e numerosas gravuras. São Paulo, 1949.

Revista de Portugal, série A, volume XIV, relativo a julho de 1949. Do sumário constam trabalhos de José Pedro Machado, Joseph M. Piel, Sebastião Pestana, Augusto Moreno, José de Sá Nunes, Luis Chaves, além de vários suplementos e trabalhos de redação. Lisboa, 1949.

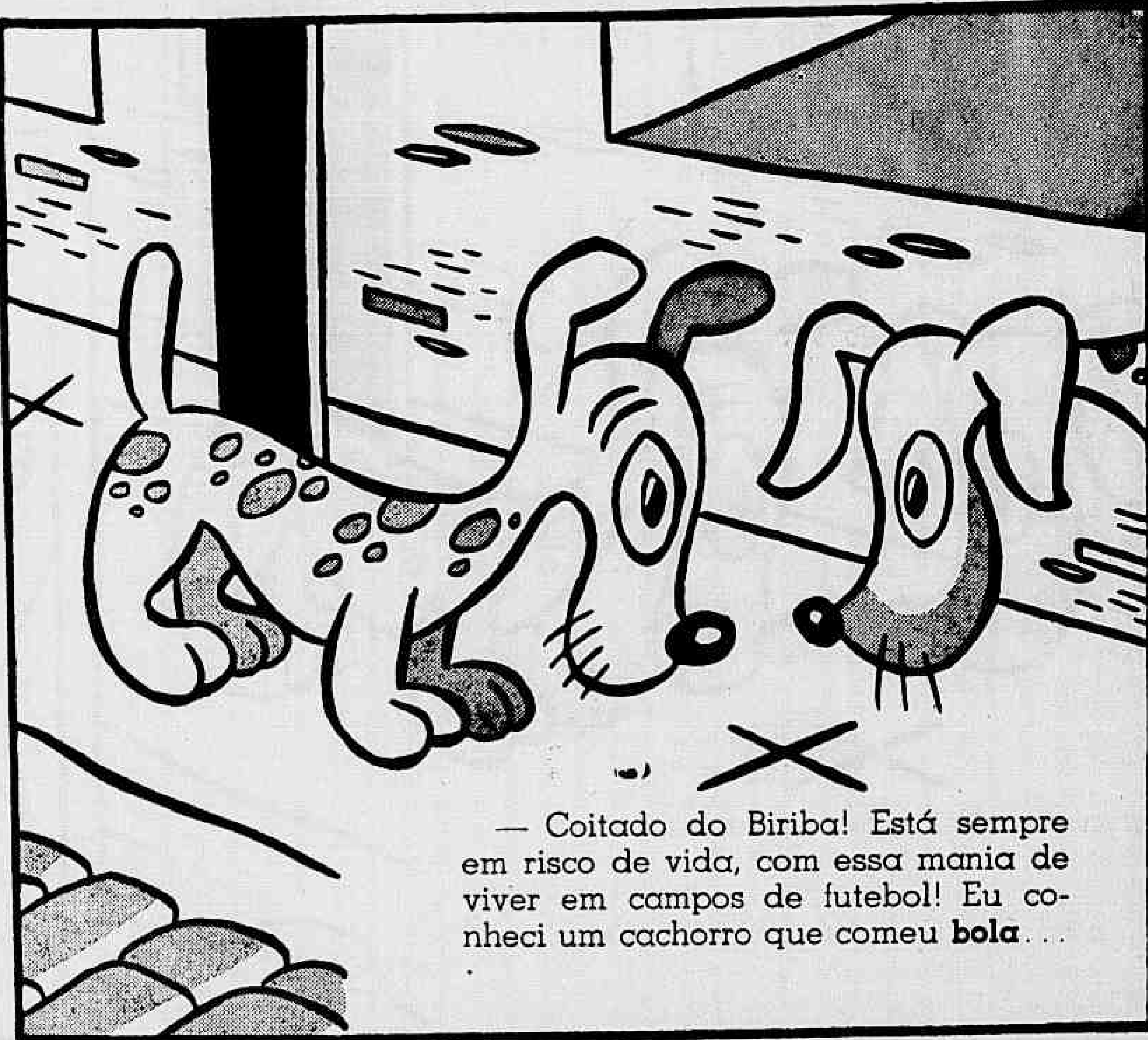
Kriterion, revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Ns. 7 e 8, correspondentes aos meses de janeiro a junho de 1949. Do sumário constam trabalhos de Georgio Schelber, Cruz Costa, H. J. Hargreaves, Amaro Xisto de Queiroz, Alcides Ferreira, Francisco Iglésias, Wilton Cardoso, Eduardo Freire e Marcel Debrot. Belo Horizonte, 1949.

Revista de Estatística, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, n. 37, ano X, de janeiro a março de 1949, contendo trabalhos dos escritores Luis de Freitas Branco, Jorge Kingston, Georgio Mortara, Afonso P. de Toledo Piza, Afonso Celso Barreiras Horta, além de outras artigos e das seções do costume.

BOLAS



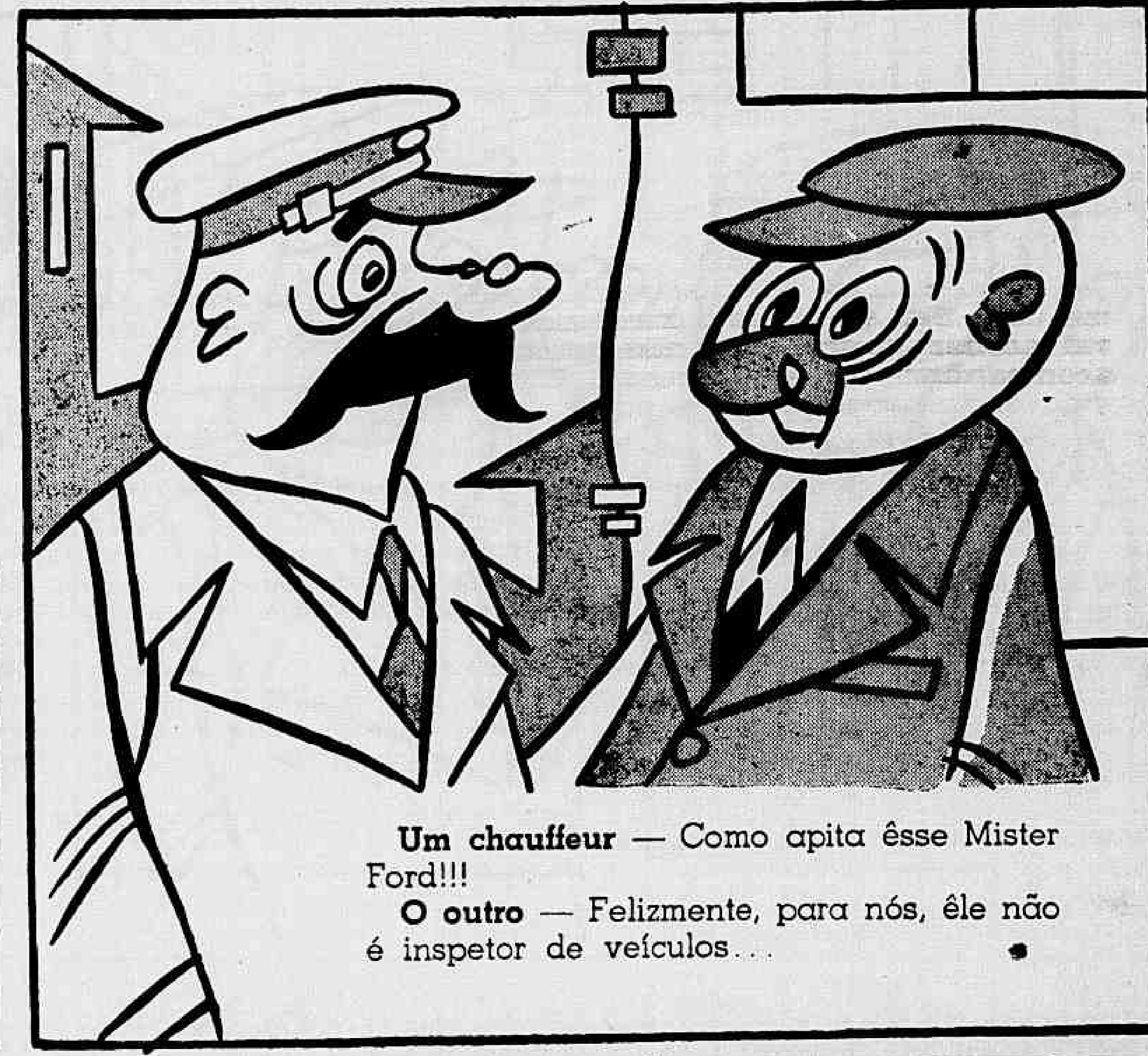
O guri — Êsse novo namorado da Cotinha é um perigo, mamãe!
— Ora essa! Por que?!
— Êle é do **team** da praia! Como **dribla** o rapaz!...



— Coitado do Biriba! Está sempre em risco de vida, com essa mania de viver em campos de futebol! Eu conheci um cachorro que comeu **bola**...



— Parece que você vai ser escalado para jogar na próxima Copa!
— Não aceito. Eu tenho prática, mas é de cozinha...



Um chauffeur — Como apita êsse Mister Ford!!!
O outro — Felizmente, para nós, êle não é inspetor de veículos...



— O meia direita vai ser operado do menisco...
— Não creio. Em perna de pau dá mas é cupim...



— Meu marido todos os anos muda de camisa!
— Êle é porco, assim?!
— Não; é profissional de futebol...

Viver com AMOR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York Carol é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à ciddezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont.

Capítulo VII

Apesar de casada com Bill, Evelyn reconhecia que amara profundamente aquêle chefe de orquestra, Rand Andrews, tanto como se pode amar nesta vida. Amava-o tão loucamente que êsse sentimento teria fôrça bastante para excitá-la, tirando-a do seu conhecido estado letargico e inspirá-la ir com êle para longe e passar várias semanas em outras terras.

Rand era belo, popular e atlético, havia estado recentemente em excursões por Miami onde praticara natação, jogara tênis, percorrera as cercânias da cidade e voltava agora para sentar-se sozinho a uma mesa a ouvir música da orquéstra, até que veio sentar-se ao seu lado. Mas nenhuma declaração lhe fizera, de pronto, dizendo-lhe que a amava, nem ela tão pouco se declarara, apenas em sua conversa articulara expressões de natureza vulgar e de trivial convivio social.

Quando, porém, firmou um contrato para tocar em Chicago, êle não mais se conteve e falou-lhe:

— Evelyn, êstes dias que aqui passei foram encantadores. Você sempre esteve sentada a esta mesa à minha espera, parecendo uma visão amada. Não esquecerei jámais êstes momentos de felicidade que você me deu. Sei que todo o meu enlevo vai acabar agora, pois não poderá acompanhar-me a Chicago. E' a vida assim mesmo. Não quero ser criança. A ida para Chicago me parece dura, e agôra é sofrer a separação. Você é cunhada de Dick Stoddard e esta particularidade me impede de amá-la, de casar-me com você...

Em face daquelas palavras teve Evelyn o insopitavel desejo de casar-se com êle e segui-lo por onde êle fôsse com sua orquestra. Ficaria sentada a uma das mesas enquanto êle dirigia os seus musicos, até que êle viesse sentar-se ao seu lado, recebendo os aplãusos dos circunstantes aos quais ela se reunia para louvá-lo duplamente.

Evelyn não chorou e o desgôsto dessa separação não chegou a durar muito.

Certa tarde veio até à casa do cunhado para tratar de negócios um Sr. Bill, a quem fôra apresentada. Demorando-se mais do que era esperado, Dick o convidou para o jantar. Bill, que viera de Nova York a Long Island onde residia Dick, aceitou o convite e ficou para jantar.

Naquele primeiro encontro ela não notou nada de mais no modo de Bill fitá-la, nem tão pouco Evelyn achou que aquêle amigo do cunhado possuisse qualidades excecionais que viessem a despertar-lhe qualquer impulso de amor.

Pareceu à jovem que Bill era um dêsses tipos vinculados ao programa de seus negócios, um homem que procura fazer-se por si mesmo, energico e inteligente, ainda jovem, honesto em seu comércio com os outros, mas ambicioso e, aparentemente, muito interessado na belíssima casa de Charlotte e na posição social da mesma.

Evelyn não achava que Bill chegasse a interessar-se por ela. Mas as cousas se foram encaminhando independentemente da vontade consciente de Evelyn, e, quando Bill a encontrou em Nova York, começou a despertar entre os dois uma chamazinha de amizade e simpatia que se foi avolumando até converter-se em amor.

Bill jantou e dançou com ela. Para Evelyn êsse jovem era uma espécie de homem de novo tipo, bastante adorável e culto. Daí por diante ela se sentia muito feliz ao revê-lo, e, por sua vez, êle achava que o tempo ao lado dela se passava muito depressa.

Logo depois Evelyn participou seus amores com Bill e a irmã de Evelyn, nada teve a opor. Para Evelyn, Bill era tão discreto e quasi tão timido que pareceia jámais ter beijado uma moça.

Uma noite tudo se encaminhou para o desfecho decisivo. Bill lhe perguntou meio estouvadamente se ela aceitaria casar-se com êle, se sua espôsa lhe concedesse divórcio.

Evelyn resolveu consultar o cunhado e a irmã, que, alem de ser mais velha, era casada e conhecia melhor êsses problemas. Não houve objeção nenhuma a essa hipótese e todos ficaram aguardando o caso entre Bill e Carol.

Entretanto, sôbre Carol Evelyn pouco pensou. Mas, quando começou a pensar nela, pareceu-lhe que Bill procurava separar-se da espôsa por tratar-se de uma mulher sem atrativos, uma criatura monótona, sem capacidade para tornar feliz um homem como aquêle. Certamente êle só se casara com ela porque ainda era muito jovem e sem experiência para saber escolher. Seu insucesso fôra tremendo e somente agora êle procurava corrigir-se escolhendo uma espôsa como ela. Isso era muito mau; porém...

Capítulo VIII

Scott

Após pouco tempo de noivado e galanteios, e depois que veio o divórcio de Bill com Carol, celebrou-se o casamento com Evelyn em casa de Charlotte, tendo ido os recemcasados passar sua lua de mel em Sea Island. Charlotte e Dick ficaram plenamente satisfeitos com o casamento de Evelyn, pois, afinal ela contraia nupcias com um homem decente, trabalhador e de futuro certo.

Por sua vez Evelyn se julgava aliviada de sua dramatica vida em casa do cunhado, sempre implicando com seu modo de vida. Agora estava casada e iria dispôr de sua própria casa dentro do confôrto possivel.

O futuro pouco lhe interessava, uma vez que Evelyn nunca dispendera seu tempo com essas preocupações. Para ela, logo que o espôso encontrasse uma linda casa onde fixar-se, depois das lutas para mobilá-la e estabelecer-se definitivamente, a vida correria entre partidas de bridge, oferecendo ela jantares e festas às amizades, indo sempre com êle passar fora os fins de semana. Quanto ao problema dos filhos, isso ela poderia deixar para depois. Lembrava-se que Charlotte lhe dissera uma vez: — "se quer ser mais atilada, tenha um filho sem mais demora. Lembre-se de que Carol não teve filhos; se tivesse tido algum, talvez Bill não se divorciasse dela".

Evelyn nunca mais se esqueceu dessa advertência da irmã. Essas palavras pareciam muito sensatas e oportunas.

Era cinco horas da tarde, hora de vestir-se, — pensou Evelyn — e preparar tudo para o chá em companhia do espôso. Evelyn não estava muito habituada com os costumes de cidadezinhas do interior, e se queixara ao marido sôbre a hora em que a empregada viéra despertá-la naquela manhã, ainda muito cêdo.

Quando Bill chegou estava ela sentada no divã. Trajava belo vestido de chifon negro com rendas que lhe pareceu muito comprido. Seu coração parecia rejuvenescer. Bill que tinha a tez tostada pelo sol da Virginia, os cabelos um tanto desalinhados pela caminhada, ficou diante dela a contemplar sua segunda espôsa.

Êle a amava sinceramente. Ela era perfeita, naquela posição elegante a esperá-lo no calôr da sala, numa penumbra poetica. Para Bill era êle, naquêle instante, o mais feliz dos mortais. Como teria êle conseguido aquela criatura tão linda? Como teria ela amado um ser tão vulgar como era êle? E alí estava ela, sua querida Evelyn... Pertência-lhe. Tôda a sua perfeição feminina, sua "pôse", sua graça, eram dêle. Não lhe ocorreu pensar que também Carol tantas e tantas vêzes assim o esperara, e, quando se erguia e lhe abria os braços para recebê-lo, era para êle uma imagem de beleza.

Depois as histórias das vizinhanças familiares foram causando dissabores e infelicidades. Era infernal o que êle fazia à espôsa. E não era Carol tão jovem e atrativa? Casaram ainda muito jovens e ainda poderiam ser felizes. Claro! Carol tornar-se-ia uma espôsa excelente e bela. E se o divórcio viesse? Também poderia ser feliz depois. E' da vida. E' do amor. E divórcio sucede todos os dias.

Bill a abraçou e beijou com afeto, sendo correspondido pela espôsa. Seria êle sempre assim? Ela, por sua vez, o amaria toda a vida?

— Sabe de uma novidade, Bill? — Disse ela pegando-lhe as mãos e muito mais orgulhosa por ver o espôso a admiráa-la do que por sentir propriamente amor.

— Qual é?

— Recebi hoje uma visita. Mrs. Kelly!

Bill franziu o cenho. Então Freda procurára Evelyn? Isso lhe parecia original. Freda era a maior amiga de Carol. Mas, um instante depois já estava pensando mais calmamente. Freda era, antes de tudo, uma excelente criatura. Se ela veio procurar Evelyn era porque, alem de ser amiga sincera de Carol, desejava ser util à sua nova espôsa e dar-lhe boa impressão daquêle meio.

— Freda, — disse êle — gostou dela, não? Ian, seu espôso é também excelente pessoa. Mas não me interesso por outra pessoa que não seja por você, Evelyn. So desejo pensar em você. Olhar para você e conversar com você. Você é tão admirável!

Bill lhe beijou as mãos, perguntando-lhe em seguida:

— Gostaria de ir jantar comigo fora ou preferia mandar subir outra vez? Poderemos ir ao Clube.

— Oh! Bill ! Isto me agradaria muito!

— E' muito interessante fazermos um passeio pelos arredores para mostrar-lhe as habitações. Chamarei um homem competente e conhecedor da zona e êle mostrará tudo. Amanhã mesmo. Você então escolherá uma boa casa para morarmos.

— Não há pressa, Bill. Temos muito tempo.

Achava Evelyn que êste trabalho de procurar casa e mobilá-la decentemente traria muito trabalho. Mas Bill estava disposto a tudo e falou:

— O que desejo ainda não é nada para o que você merece. Espero poder dar-lhe tudo.

— Você é um anjo, Bill. Porém... porém... você não acha melhor tratar de vestir-se? Mandarei vir coquetel.

— Otimo! — Inclinou-se e a beijou outra vez. — Eu te amo, eu te amo, querida! Penso mesmo que, se alguma cousa viesse a acontecer-nos... eu... eu morreria...

Evelyn a sorrir com aquêle sorriso enigmatico lhe respondeu:

— Não, Bill. Quem morreria era Charlotte... e Dick...

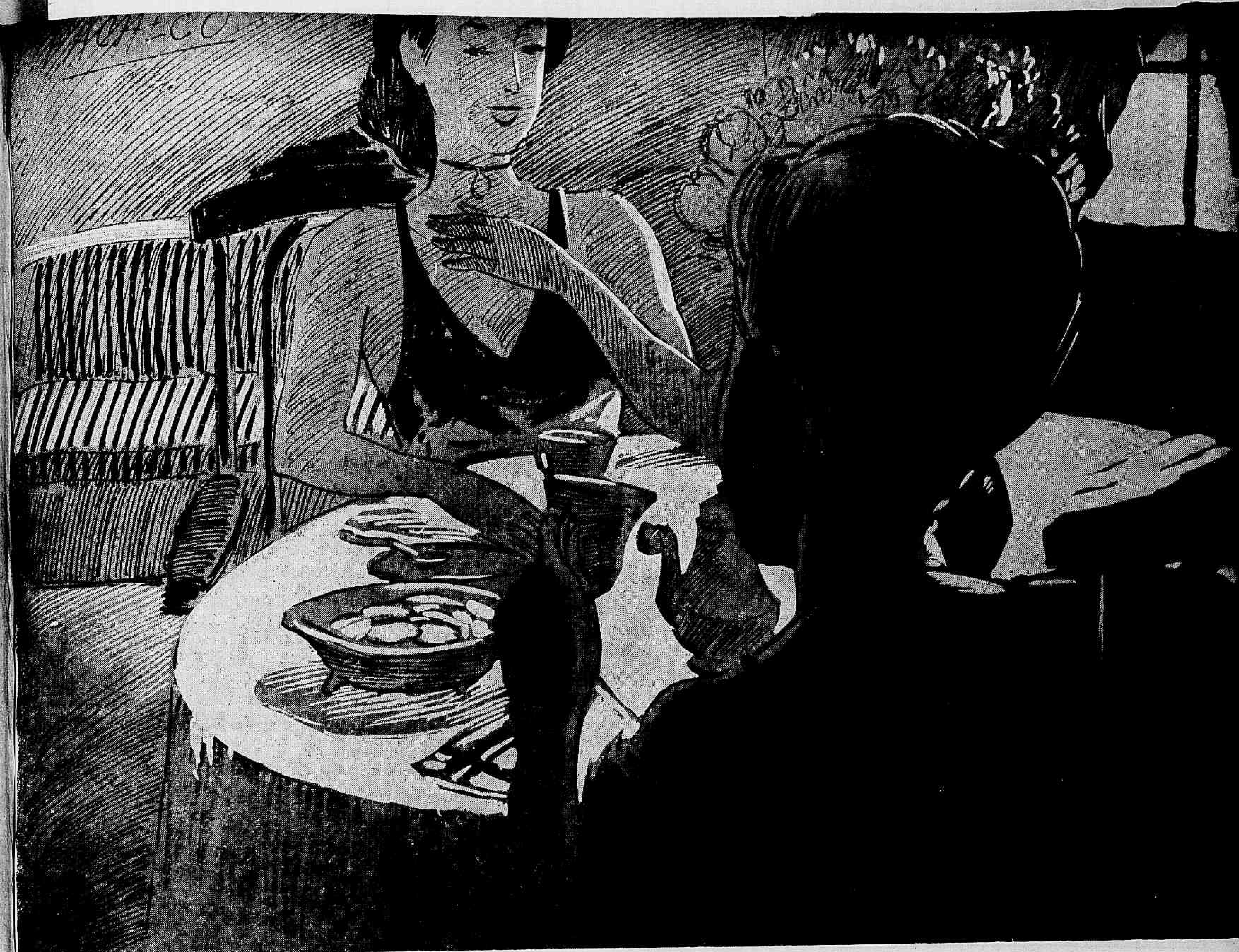
★

Já fazia uma semana que Carol estava em seu apartamento e tudo estava devidamente arranjado. Já não havia nada a fazer e ninguém a esperar.

Já pensava ela na monotonia daquelas longas tardes, quando, após o jantar ou o almoço ia repousar um pouco no "living-room", sozinha no apartamento, só ouvindo o monotono "conversar" daquele grande relógio que vinha de seus avós.

Deveria lêr? Alguns livros haviam chegado durante a sua ausência. Deveria telefonar? Antigamente ela adorava uma noite livre, mas todo o seu pensamento girava em tôrno de Bill. Tudo havia sido feito para confôrto dêle, para seus desejos. Aquêle mesmo mesmo relógio velhinho, que viera de seu avô, era testemunho das horas que ela passava à espera do esposo, umas vêzes calmamente, outras vêzes impaciente

ROMANCE DE **MARGARET G. NICHOLS** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**



com a sua demora. No espírito de Carol tôda aquela vida anterior começou a perpassar, tendo por centro a figura de Bill.

Agora, tudo isto tinha outro destino. Não tinha mais com quem acertar a vida, para jantar, levantar-se ou dormir. Agora todo o tempo lhe pertencia. Contudo ela achava que sua vida caíra numa espécie de desordem íntima, e que precisava manter uma aparência de ordem exterior, fazendo crêr que tudo estava muito bem em sua casa, em suas relações sociais com outras pessoas. Seu drama íntimo nada tinha que ver com sua posição social.

Carol tirou um cigarro e o acendeu. Pensou, para consolar-se que o piór eram as primeiras semanas naquele apartamento. E, quanto às primeiras noites... Quando a luz se apagasse ela se imaginaria a dormir em companhia de algum espírito... ou fantasma.

Ela achava até curioso que, enquanto estivesse assim isolada êle, Bill, fruisse os encantos de uma vida de noivado... Êle estava com trinta anos, não estava velho para ser novamente um noivo? Luas-de-mel devem ser coisas próprias da juventude, dos pares que se casam ainda muito jovens, quando estão sob intenso amor, e planejam felicidades, seus castelos de sonhos. Pensando assim, nesses devaneios, Carol monologou:

— Bem... seja como for, Evelyn é que é agora Mrs. Sturtevant. E' a real Mrs. Sturtevant. Eu apenas uso êsse nome por uma concessão.

Carol havia recebido uma carta de seu pai, e, ao lê-la, parecia estar êle alí à sua frente, todo nervoso, magro, de cabelos grisalhos. Mas, depois da leitura da mesma, achou Carol que o velho estava mais tolerante e abrandado para com ela e seus problemas, efeito naturalmente, do tempo. Êle nunca fôra um pai muito afetivo e chegado a ela. Mas a carta trazia uma novidade que muito a alegrou. Convidava-a a passar uns tempos na Florida e falava em outras trivialidades. Seria que, sob as sombras das palmeiras à beira-mar, ela conseguia solução para os seus problemas? Isso lhe parecia um tanto remoto. Entretanto Carol se sentiu profundamente contente com a atitude do pai em relação à sua pessoa e ao seu destino de jovem divorciada.

Também, àquele tempo, fez Carol uma visita, à mãe de Bill, senhora corpulenta e amorosa, cheia de amor maternal. Ela a recebeu mui cordialmente e conversaram no "living-room" de sua residência situada em um dos bairros afastados da cidade. Tratando sôbre a separação entre Carol e o filho, Mrs. Sturtevant falou claro e com sinceridade:

— O caso nenhuma diferença faz entre nós, Carol. Eu sempre a estimei muito, sempre lhe quís tanto como a uma filha, e espero que você continui a vir ver-me sempre.

A velha também fez suas confidências num tom que dava impressão de verdadeira queixa:

— O caso, Carol, me fez adoecer. Foi um acontecimento que me levou à cama. Não sei mesmo que sucedeu a Bill. Ainda não compreendi porque fez isso. Educamos e criamos os filhos, levamo-los à escola, à igreja, ensinamos tudo o que é bom e útil e êles fazem cousas completamente diversas de tudo o que ensinamos e aconselhamos. E' incompreensível. Todo mundo pensava que vocês eram tão felizes...

Carol não soube nem a mãe de Bill lhe disse se o filho já tinha vindo com a nova espôsa em visita à sua casa.

O telefone tilintou quebrando o silêncio do apartamento. Carol foi atender no seu quarto de dormir.

Uma voz forte, calma, compassada e amável lhe falava.

— Olá, Carol! Como está você?

— Quem é?

— Scott!

— Oh! Eu estou perfeitamente bem. E você?...

Carol respondeu um tanto sofregamente e repetiu a saudação várias vêzes, dizendo também que estava muito bem, que passava ótimamente.

— Quero convidá-la, se lhe for possível e não tiver outro compromisso, para irmos esta noite no Clube. Se Freda e Ian estiverem também lá, formaremos então uma mesa de quatro e jantaremos juntos.

Percebendo que ela hesitava, Scott insistiu quasi suplice:

— Oh! Não hesite, Carol! Vamos! Eu convidarei Freda e Ian para o jantar! Vamos!

Carol rememorou as antigas cenas do Clube, naquelas noites em que jantava alí mesmo em companhia de Bill. E se lá estivessem também êle e a nova espôsa? Com certeza Bill não iria lá. Mas... porque êle também não poderia ir ao Clube àquela noite? Se fôsse, como seria terrível encontrarem-se naquele estado, com suas vidas cortadas, divididas... Não. Ela não devia ir. Isto era demais para seus sentimento, sua emoção, sua sensibilidade. Entretanto, seria possível que ela o evitasse, fugisse dêle, se escondesse de seus olhos, indefinidamente? Decidindo de uma vez, ela respondeu ao amigo:

— Está bem, Scott.

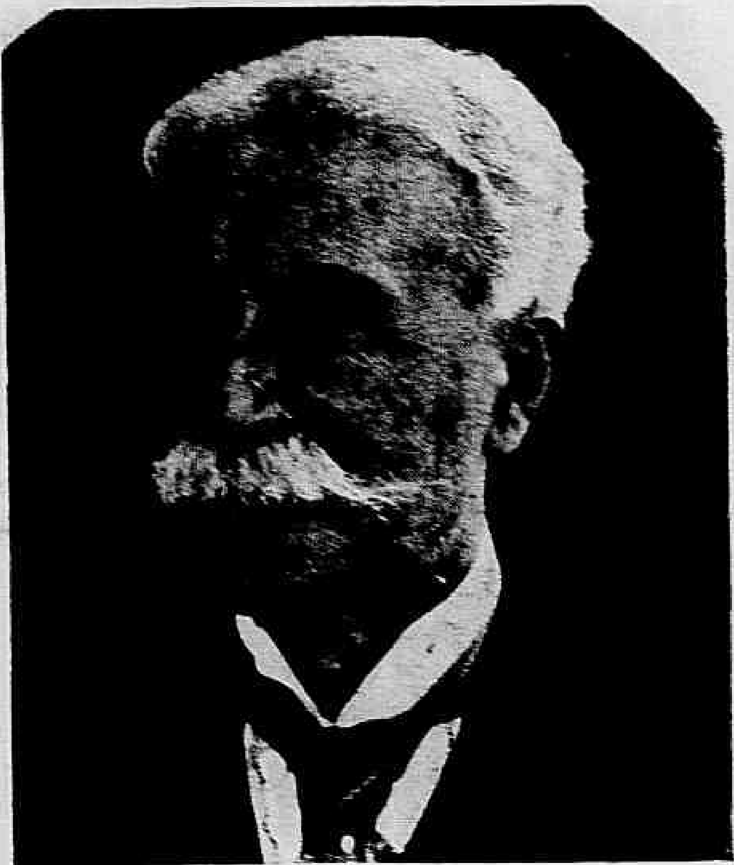
— Carol, você é admirável. Aí pelas oito menos uns dez minutos irei buscá-la. Nesse interim falarei com Freda e acertaremos a ida de Ian. Estou chegando à cidade justamente hoje. Eis por que motivo ainda não lhe tinha dado minhas notícias. Bem. Agora, até mais logo.

Ao depositar o fone no receptor, Carol voltou a fazer a si mesma certas indagações. Qual o motivo por que Scott deseja essa minha ida ao Clube? Poderá êle ser amigo de Bill e meu, simultaneamente? Certamente Scott, jovem solteiro, de cabelos negros, estatura mediana e que vivia num apartamento em companhia de uma irmã mais velha a quem adorava, deveria ser mais amigo de Bill do que dela. Criaram-se, os dois, sempre amigos, e assim cresceram no mesmo subúrbio de Clinton. O sucesso de um era o do outro. Quando Carol era casada com Bill, Scott frequentava sua casa como se fôsse um membro da família. Entrava e saia, abria a geladeira, bebia e comia sem cerimonias.

Pensando em muitas cousas da vida passada, Carol raciocinou: — Depois que nos virem juntos, jantando no Clube, vão pensar que Scott e eu estamos para casar... Êle sempre viveu em nossa amizade e convivência, e a própria Freda me dissera um dia que Scott tinha certa paixão por mim... Eu jámais acreditei nisso. O que eu percebi era que êle nos invejava... Isso nada mais significava do que sintoma antigo, sempre haver para uma mulher divorciada um homem amigo do expôso que se apresenta para servir de para-ráios no novo estado social da mulher...

(Continua)

VIDA LITERÁRIA



CENTENÁRIO DE JOAQUIM NABUCO

Numerosas conferências têm sido pronunciadas, nesta Capital, em comemoração do centenário de Joaquim Nabuco. Dentre essas podemos citar a palestra do diplomata e esmritor Ministro Álvaro Teixeira Soares, chefe da Divisão de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores, "Nabuco historiador", pronunciada em sessão da Academia Carioca de Letras; a do deputado Afonso Arinos de Melo Franco, que no Salão da Biblioteca do Itamarati, falou sôbre "Joaquim Nabuco, advogado do Brasil"; a realizada no Silogeu Brasileiro, por D. Odete de Carvalho e Sousa, do Ministério das Relações Exteriores, intitulada: "O Diplomata (A Guiana Inglêsa. O Panamericanismo)", e a que, na Federação das Academias de Letras do Brasil, foi pronunciada pelo desembargador Carlos Xavier Paes Barreto que abordou o tema "Polimorfia do talento de Joaquim Nabuco".

E. CATETE REIS

UM "PERIGO" PARA O FUTURISMO



JORGE DE LIMA

Comenta-se, à bôca pequena, nos círculos literários, o aparecimento, em dias mais ou menos próximos, de um novo livro de versos do sr. Jorge de Lima. Não se revelou, ainda, o título que trará o volume, nem os poemas que reunirá, nem a editora que o lançará. Ignoram-se a data certa do seu lançamento e os motivos que inspiraram o poeta. De uma coisa, apenas, se sabe, com certeza, e vem despertando enorme interêsse em tôrno da obra: todos os seus versos são metrificados e suas rimas se cingem aos mais exigentes postulados do versejar clássico. Embora se trate de um acontecimento de primeira monta, no mundo das letras, não é apenas o fato de o sr. Jorge de Lima publicar um livro de versos, dentro dêsses preceitos, que causa espanto e admiração. Não. O maior interêsse por êsse volume parece vir dos motivos que teriam levado o autor de ""Túnica inconsútil'' a abandonar a escola modernista para brindar o público leitor do Brasil com um livro, fiel aos cânones da metrificação.

Teria o sr. Jorge de Lima se desiludido do modernismo? Não parece viável esta hipótese, diante da acolhida generosa com que o público e a crítica sempre o têm recebido em suas manifestações nesse gênero de poesia. Ou quererá o criador de "Essa nega fulô'', a exemplo de Manuel Bandeira, que tanto se revela um dos mais esmerados cultores da poesia no seu mais puro conceito, como se apresenta intérprete verdadeiro e pioneiro do modernismo, patentear que as exigências e preceitos da arte poética em nada diminuirão os surtos maravilhosos do seu estro? E' outra pergunta a ser feita e que, talvez, nem mesmo o poeta possa responder.

De qualquer forma, porém, o novo livro do sr. Jorge de Lima é, pode-se afirmar, um "perigo'' para futurismo.

Imaginemos que o poeta, diante das alvissareiras manifestações da crítica e do entusiasmo dos leitores, e considerando ainda a facilidade com que laborou nesse novo campo poético, se decida a filiar-se definitivamente à escola clássica.

E' o caso, por exemplo, de Manuel Bandeira. Há pouco, declarou êle a uma revista de Pôrto Alegre que há mais de um ano não faz versos. Não quererá também voltar a suas atividades poéticas, prosseguindo com aquêles antigos sonetos, de esplêndida afirmação lírica? E Carlos Drumond de Andrade? Não seguirá o exemplo? Murilo Mendes, Vinícius de Morais e tantos outros, não se submeterão, também, aos mesmos ditames da escola antiga, que julgávamos já a dois passos do túmulo?

Êsse livro de Jorge de Lima não será o "princípio do fim'' daquilo que John Lehmann, respondendo a uma nossa pergunta, na recepção em que foi apresentado à imprensa carioca, apontou como a faceta mais interessante de nossa literatura a moderna poesia brasileira?

Tôdas essas perguntas surgem naturalmente, como um desejo incontido de sabermos qual o futuro de nossa poesia.

Não será de estranhar-se que, pelo menos os modernistas da fase iniciada na famosa "Semana'' e que têm, talvez a contragosto, um lastro apreciável de formação clássica, façam um retrocesso, deixando para trás, num delicioso paradoxo, aquêles que hoje formam a "escola'' post-modernista, constituída pelos "novíssimos'', muito mais revolucionários do que aquêles.

EXPOSIÇÕES DE LIVROS

Organizada pelo Comité Brasileiro da Comissão Internacional de Mulheres, realizar-se-á, na primeira quinzena de outubro próximo, na sala da Câmara Municipal, a Exposição do Livro de Autores Femininos, sob os auspícios do Ministério das Relações Exteriores.

Nesse certame, figurarão produções de todos os gêneros — literárias, didáticas, artísticas e científicas.

★

Inaugurou-se, em Belo Horizonte, uma exposição de livros portuguêses, tendo o sr. Herculano Rebordão, adido cultural à Embaixada de Portugal no Brasil, que fôra representar o sr. Embaixador Antônio De Bianchi, na solenidade inaugural, pronunciado, naquela cidade, uma conferência sôbre o tema: "Das origens da literatura como expressão nacional ao sentido da Poesia Moderna Portuguêsa".



Um dos mais lindos sonetos da língua portuguêsa, que as autologias registram e todo o Brasil admirou e admira, é aquêle de Júlio Salusse, intitulado "O Cisne".

Recordados sempre com emoção pelos apreciadores de poesia, êsses 14 versos, nem sempre (e isto vai por conta das coisas inexplicáveis) se ligam ao nome de seu autor...

E, no entanto, parece que foi ontem que Júlio Salusse pontificava nas rodas literárias e frequentava os "pontos" principais da boêmia intedectualizada, como aparece no clichê saboreando um refrigerante com o olhar distante, poèticamente distante...

LETRAS ITALIANAS

Monsenhor Antonio Bocci, que é chefe do escritório especial da Secretaria de Estado do Vaticano, cuja tarefa principal é redigir os discursos, as encíclicas e as cartas solenes do Santo Padre, que são escritas em latim clássico, publicou, há pouco, um vocabulário que contém a tradução, numa ou mais palavras latinas, de uma série de cinco mil vocábulos em uso e criados nestes últimos anos, não faltando, entre elas, "mercado negro", "bomba atômica", "rádio", "rotativa", etc.

★

Uma nova peça de Massimo Bontempelli, intitulada "L'innocenza di Camilla", foi apresentada, há pouco, em Roma, com grande sucesso, pois além de apresentar um desenvolvimento vivo e brilhante, é tôda inspirada num senso de alta moralidade metafísica, marcando, ainda, a volta do seu autor ao gênero dramático.

★

Em Milão, foram lançadas ultimamente, pela tradicional Casa Editora "Bocca", várias publicações, entre as quais se destacam: "A filosofia do mito, segundo G. B. Vico", de Giovanni Villa; "Santo Anselmo e a filosofia do século XI", de S. V. Rovighi; "A personalidade humana e sua sobrevivência", de F. G. Myrs e outras.

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS



"O amor e o existencialismo", foi o tema da conferência que pronunciou o sr. Júlio Barata, sábado último, às 17 horas, na sede própria da associação mundial de escritores P.E.N. Clube, na Avenida Nilo Peçanha, 26.

★

Lucien Febvre realizou, nos dias 9 e 11 do corrente, na Faculdade Nacional de Filosofia, conferência sôbre a moderna cultura européia.

O ilustre historiador francês, ainda nesta mesma casa de ensino, pronunciará, depois de amanhã e na próxima sexta-feira, mais duas outras palestras, apreciando o mesmo assunto.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Já veio a lume a biografia de Joaquim Nabuco, obra do acadêmico Celso Vieira.

★ Uma editora de Minas lançou, há dias, um livro de contos de autoria do ensaista mineiro Mário Matos, intitulado "Casa das Três Meninas".

★ "Passage to India", o famoso romance de E. M. Forster, em sua recente tradução para a língua portuguêsa recebeu o título de "Morro dos Cinco Dedos".

★ Lançado pela Editora Anchieta, apareceu, em São Paulo, o livro de versos de Idelma Ribeiro de Faria, "Alma Nua".

★ Será, por êstes dias, entregue ao público o livro "Fábula Serena", em que Darcy Damasceno reune 20 de seus poemas.

★ Maria Helena Lima traduziu para a Agir um volume de conferências, pronunciadas pelo Pe. Michel Riquet, na Notre Dame de Paris, na quaresma de 1946. Êste livro intitula-se "Os Cristãos e o Dinheiro".

★ "Escolhi a liberdade", de Victor Kravchenko, foi lançado entre nós, em sua quinta edição.

★ Veio a público, recentemente, o novo ensaio crítico de Carlos Burlamaqui Kopke, intitulado "Temas para os homens efêmeros".

★ De Augusto Frederico Schmidt, teremos, em breve, um novo livro de versos: "Fonte Invisível".

★ Em sua primeira edição em língua portuguêsa, aparecerá "La peste", de Albert Camus.

★ "Se não me falha a memória" é o título do livro em que Olegário Mariano trabalha, atualmente, reunindo as reminiscências de sua longa vida literária.

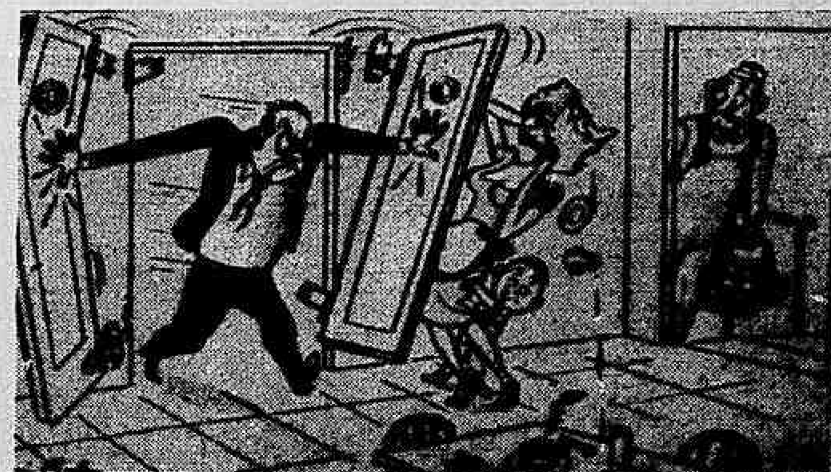
★ Prefaciada por Otto Maria Carpeaux, foi lançada, na semana última, a "Antologia de Contos", de novos escritores brasileiros, organizada por Saldanha Coelho.

★ Traduzido diretamente do idioma russo, será apresentada na coleção "Os maiores êxitos da tela", o romance "A Filha do Capitão", de Alexandre Pushkin.

★ Com ilustrações de Goeldi e prefácio de Brito Broca, será entregue ao público o romance de Dostoiewski, "O Idiota".

★ "Lorenzo Fernandez, Compositor Brasileiro", é o título do volume sobejamente ilustrado, em que o sr. Eurico Nogueira França estuda a vida e a obra do ilustre músico.



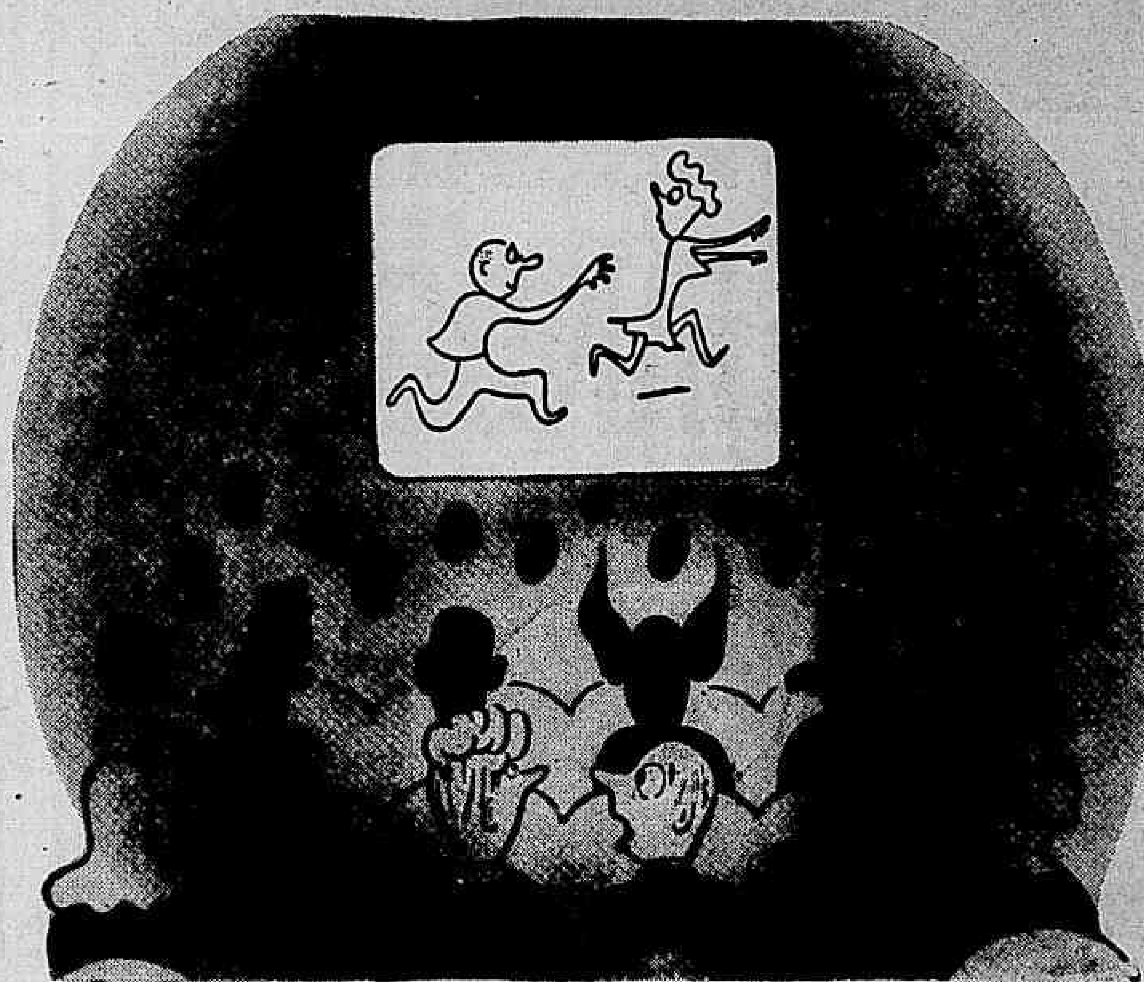


— Acho melhor trazer a conta outro dia!. . .

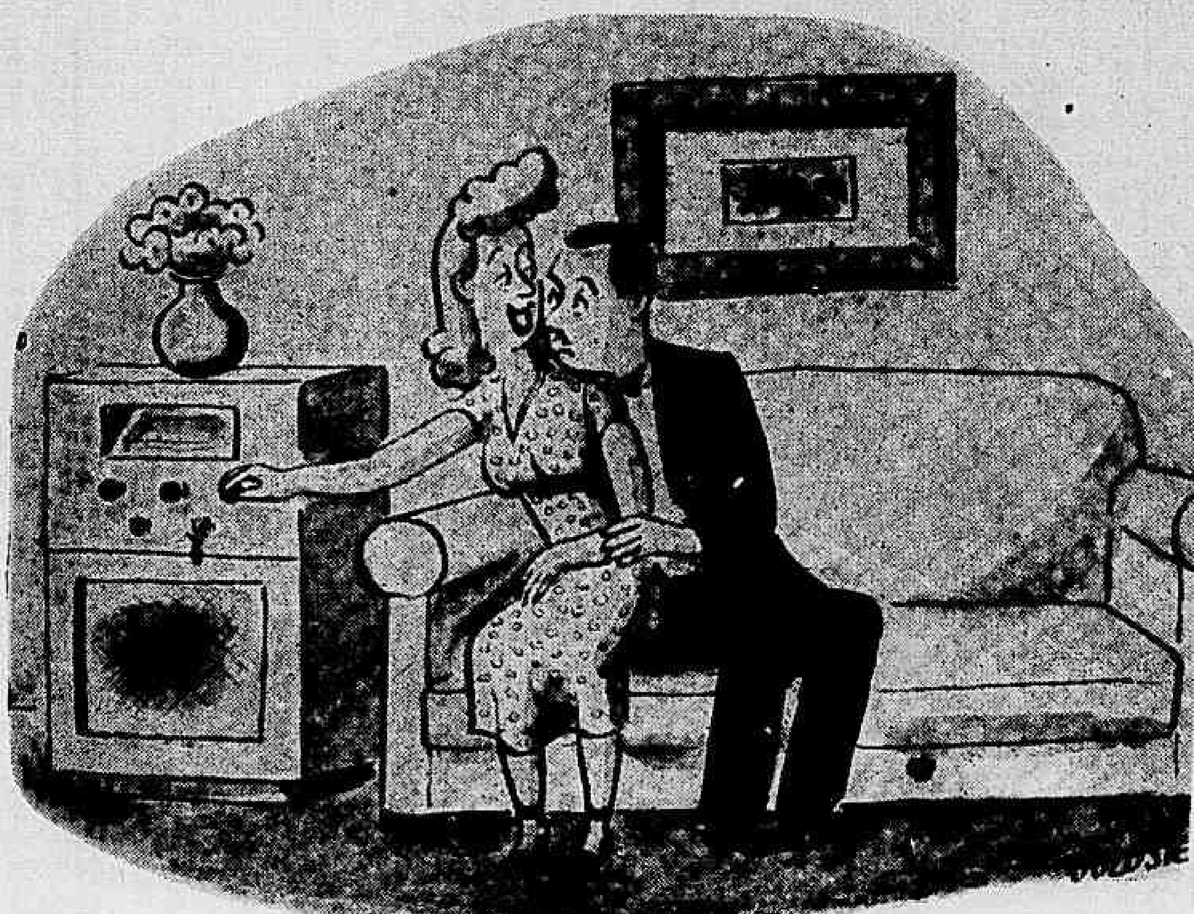
BOM HUMOR



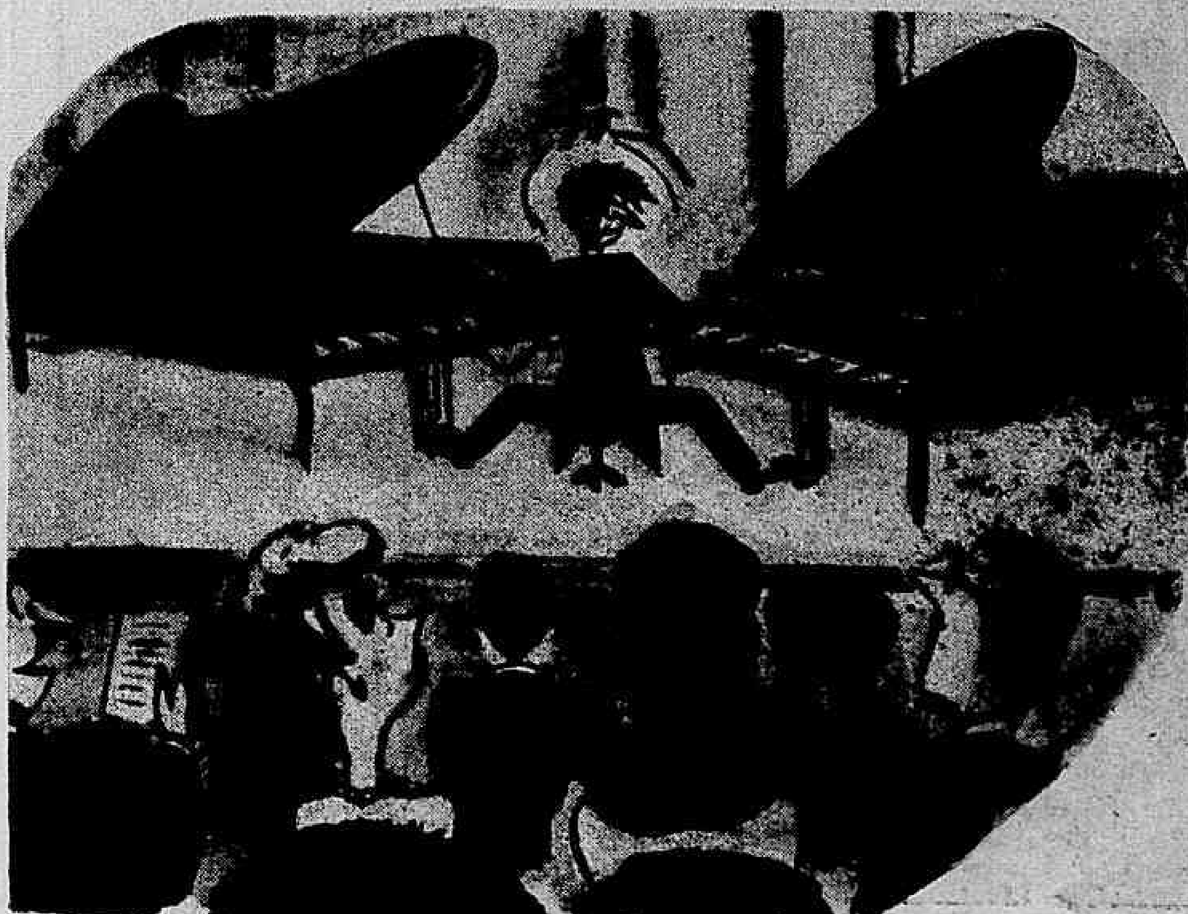
— Miss Swanson, comporte-se.



— Que será aquilo, um chapéu?



— Que tal um pouco de música para quebrar a monotonia?



—E' o Concerto Numero Tres, de Smolsky, para dois pianos.



Shakespeare interpretado num parque inglês. Os atores representam o epílogo de "As You Like it"

AMPLIANDO AS DIVERSÕES PÚBLICAS

Por ROBERT MULLER

Copyright do B.N.S, especial para a REVISTA DA SEMANA

LONDRES — Uma simples cláusula de uma lei aprovada no ano passado pelo Parlamento britânico aumentou o campo das diversões na Grã Bretanha. Em virtude dessa lei, tôda forma de atividade cultural é acessível ao público que tome a iniciativa oportuna nesse sentido.

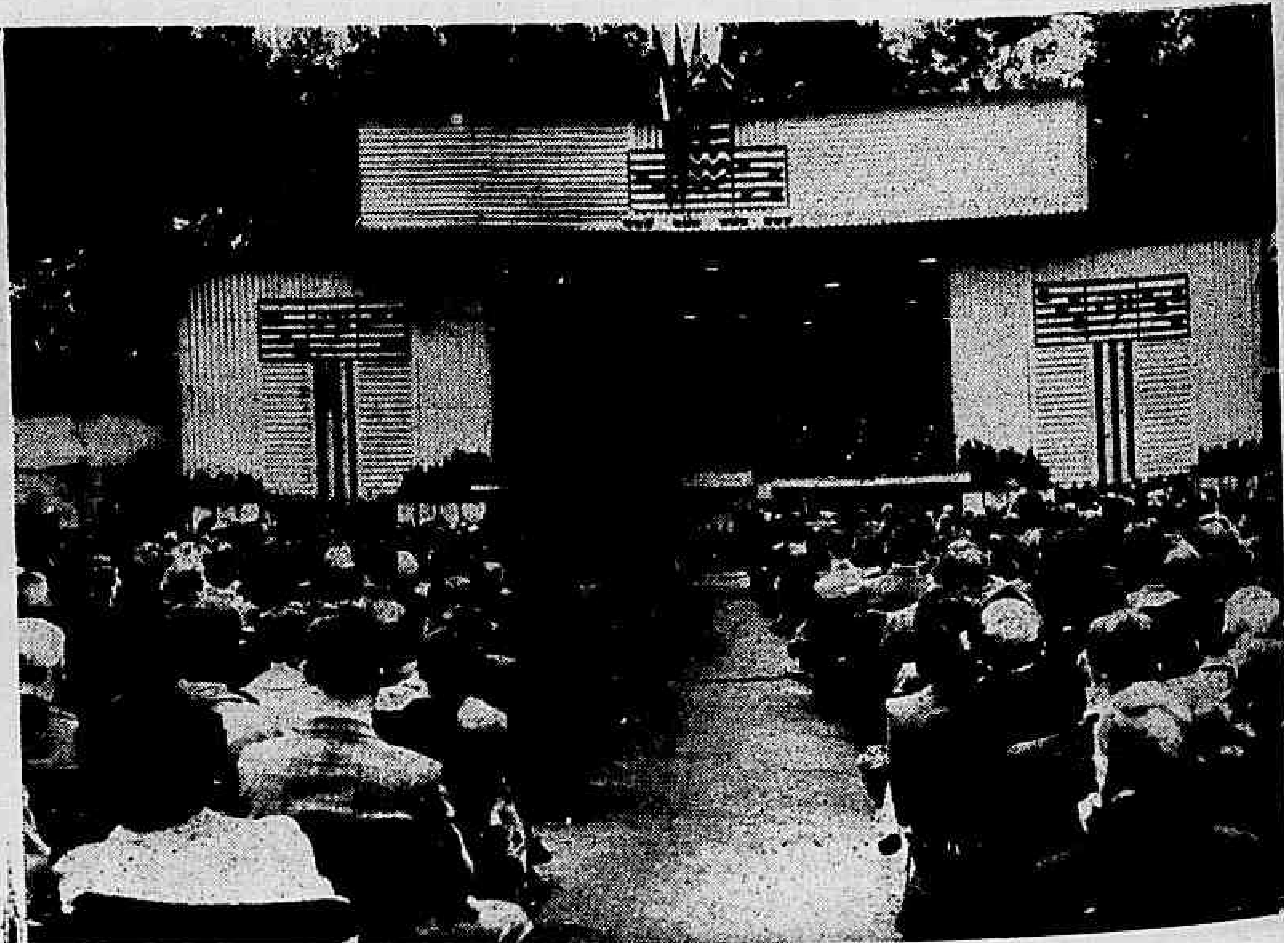
Mais de mil autoridades municipais e corporações, mediante essa cláusula da Lei de Govêrno Municipal de 1948, receberam poderes para fornecer diversões para todos os gostos e classes, desde as revistas mais simples destinadas às crianças até concêrtos sinfônicos. A maior parte das autoridades municipais já está usando dêsses poderes com um sentido oportuno da responsabilidade cívica, e sempre a reação do público foi animadora.

As diversões cívicas não são totalmente novas na Grã Bretanha, e certamente não o são em muitos países da Europa. Algumas regiões — especialmente aquelas em que as diversões públicas contribuem para o fomento da indústria local, como nos lugares de veraneio — há tempo realizavam seus próprios programas de festas, sem esperar o estímulo suplementar da referida lei. Bournemouth, um dos centros mais elegantes de veraneio na Grã Bretanha, possui uma orquestra municipal desde 1894, e a cidade sempre resolveu com facilidade o problema de acompanhar o custo crescente de manter uma orquestra de máxima qualidade. Em 1949, a municipalidade de Bournemouth está decidida a oferecer a sua orquestra um subsídio de 20.000 esterlinos.

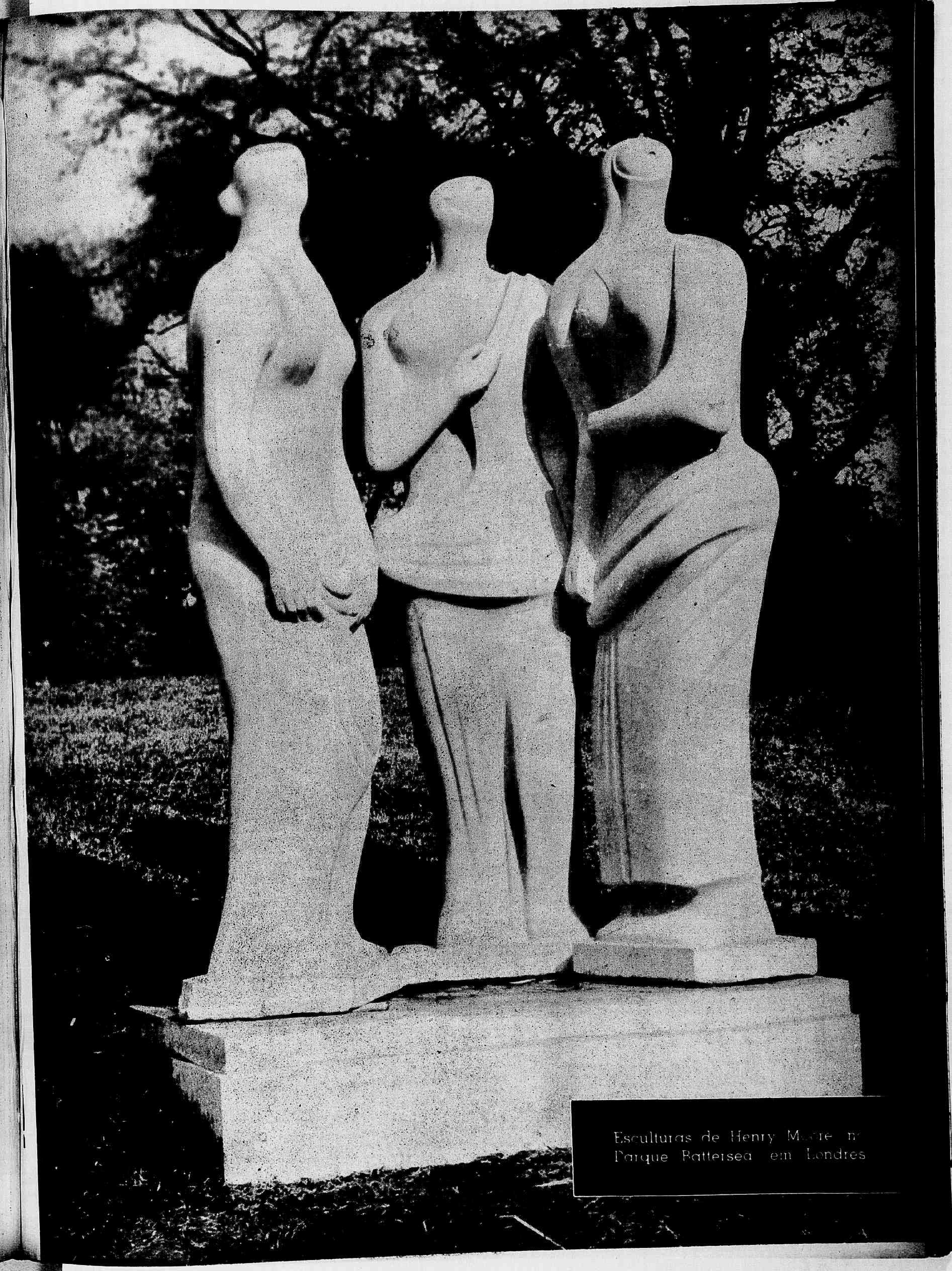
Os conselhos municipais, os organismos administrativos dessas cidades de diversos tamanhos, em face das responsabilidades da nova lei, perceberam em sua maioria ràpidamente que êles mesmos não são necessàriamente competentes para lidar com todos os detalhes do planejamento e da organização. Assim, patrocinaram a formação de Conselhos Artísticos locais, formados por entendidos, cuja tarefa consiste em transformar a teoria em ação. Em sua maior parte, êstes Conselhos Artísticos encontram-se na fase experimental, tendo todos êles um problema. Devem atingir um padrão artístico igual, sem deixar de agradar às pessoas artisticamente feitas e aos que talvez se interessem em questões de arte pela primeira vez. Em tôda comunidade, a variedade de gostos exige variedade nos materiais. Mas muitas cidades pequenas conseguiram agradar a todos, fazendo com que uma forma de diversão auxilie as outras. No subúrbio londrino de Saint Pancras, por exemplo, as diversões cívicas incluem música de jazz e música de câmara. Em outro, Battersea, os bailes organizados pela municipalidade forneceram dinheiro suficiente para realizar um Festival de Teatro, para o qual contribui-

(Cont. na pág. 50)





À esquerda: Sir John Barbirolli ensaiando a famosa orquestra Halle, do norte da Inglaterra. À direita: A Orquestra Filarmônica de Londres, quando da ocasião de um dos concêrtos ao ar livre, num parque de Finisbury



Esculturas de Henry Moore no Parque Battersea, em Londres

VERTIGEM

NOVELA DE **GERARDO SANTOS**
TRAD. DE **RENATO DE ALENCAR**

NAO havia eu planeado tudo com precisão. Mabel deveria chegar à cidade no trem das 13.52 e supunham que eu vinha com ela. Até às quatro e meia estaríamos livres um do outro, quando então eu me reuniria com ela a fim de tomarmos chá com os Carlés e regressar à casa no trem das 18.05.

Pedi a Mabel que fôsse antes de mim à estação, pois algum trabalho me reteria no escritório. Era do meu plano só chegar à plataforma da estação quando faltasse um minuto para o trem pôr-se em marcha. Havia eu comprado, de antemão, o meu bilhete numa agência do centro, onde me conheciam muito bem, e anotavam cada bilhete em um registro.

Quando eu cheguei à estação já estava lá o combôio. A enorme locomotiva lançava aos ares imponentes nuvens de fumo e emitia, de quando em quando, seus ruídos característicos.

Baixei a aba do chapéu sôbre os olhos e me dirigi ao trem.

Tal como esperava, Mabel estava na parte dianteira do combôio. Dirigiu-me um daqueles sorrisos inexpressivos, sempre reservados para as ocasiões públicas.

— Reservei-te um assento — disse com certa ênfase em sua voz monótona, como se quisesse insinuar que isso houvesse provocado ressentimentos nos demais ocupantes do compartimento. Meu aparecimento como que lhe trouxera certa alegria. Ela provava agora que o dono daquele assento ali estava, para provar que não usara de um ardil.

— Obrigado — disse-lhe eu. Meti as mãos nos bôlsos do abrigo e exclamei com ar de desconsôlo: — Que azar! Não tenho nada que ler! Vou buscar uma revista. E' possível que haja tempo ainda.

— Armando! Cuidado! O trem está a sair...

— Está bem. Subirei ainda a tempo — e desci à plataforma sem esperar por mais nada.

Fui para a sala de espera. Aqui estaria bem. Fiquei ali e esperei até que o trem se pôs em movimento. Até aí tudo ia muito bem. Dispunha ainda eu de uma hora. Voltaria por uma rota diversa, em ônibus que me deixaria a uma milha de minha casa. Entraria para o apartamento por uma porta traseira. Havia probabilidade muito remota de ser visto por alguém que me conhecesse. Não era possível. Além do mais, teria que arriscar. Tinha tempo suficiente para percorrer ruazinhas mais ou menos desertas.

Lembrava-me daquela frase do livro "Paciência", que dizia: "Não podes querer a duas mulheres simultâneamente".

Senti que meu rosto se contraia involuntàriamente. Eu achava que era possível amar a duas mulheres de uma vez, porém, não se podia conduzir as coisas como se cada uma fôsse a única, interferindo com todo o trabalho diário.

Desde que Baruk adoecera havia tido mais trabalho no escritório do que podia desempenhar. Apenas me ficava tempo para Mabel. E não falar de Elena! Oh! demônio! Demônio!...

Eu tinha círculos de fogo em minha cabeça ao pensar na situação. Muitas vêzes pensei em atirar-me ao chão e chorar, chorar desesperado e nervoso, sob o pêso dessa complicação. Agora era preciso ter calma. Tinha que conservar lúcida a mente para o que me esperava. Ia eu resolver bem o problema. Não era possível continuar assim. Estava a esgotar-me, arruinando-me física e mentalmente.

Ninguém me conhecia naquela estrada. Uma colônia pequena a cinquenta milhas de Londres; nem eu conhecia os que por ali viviam e trabalhavam, nem êles a mim.

Faltavam vinte minutos para as três da tarde quando subi as escadas traseiras que levavam ao andar superior. Os meus sapatos eram de sola de borracha. Ninguém me ouvia, nem viu. A porta se abriu silenciosamente e entrei. Dirigi-me a uma saleta e acendi a luz. Fui a uma janela e corri a cortina que dava para uma casa vizinha. Retirei um edredon e o estendi sôbre o sofá. Fui à alcova e procurei ver se estava numa das gavetas da cômoda uns objetos meus, inclusive um caderno de notas e fôlhas de papel. Tudo lá estava. Satisfeito, me dispus a esperar.

Eram justamente três e sete minutos quando meus ouvidos perceberam passos ligeiros que se aproximavam da porta. Corri para abrir e vi diante de mim a figura graciosa daquela a quem esperava. Ela me sorriu. Era um quadro que vinha sucedendo a miúdo fazia seis meses.

— Olá, Armando! Querido!

Tratei de fechar a porta e tomá-la em meus braços. Em seguida fomos para a sala, enquanto ela retirava as luvas e fazendo comentários triviais.

Que tornava aquela mulher tão diabolicamente atrativa? Elena não era formosa, com aquêle nariz meio arrebitado e sua boca forte e generosa. Suas mãos e pés eram quase grandes. Mas havia nela uma coisa indefinível, uma elasticidade, graça em seu andar, uma cabeça bonita, algo provocativo, comovedor que fazia a gente chamá-la "Elenita", embora sua estatura fôsse superior à normal. Sua aparência expressava estranhamente sua personalidade vivida e despreocupada. Seu casamento não havia sido um triunfo, nem sequer como o meu com Mabel. Ela o admitia, mas nunca se queixava.

Como sempre sucedia, sentava-se diante do fogão nas tardes frias, no sofá, e eu, ao seu lado, tomava-lhe as mãos e conversávamos.

— Sempre linda, Elenita...

— E tu, como estas?

— Bem. E tu?

Êsse prólogo nada mais era do que o aperitivo para nossos beijos e carícias.

Mas isso tinha que acabar. Ou uma, ou outra. Era preciso escolher entre Elena e Mabel. Elena era exótica e tentadora. Mabel, era a minha espôsa, minha companheira até que a morte nos separasse. A morte?. Santo Deus! Bem razão tinham os que diziam que o inferno estava era mesmo aqui na terra. Eu sentia a traição ferver em meu espírito, embora não fôsse eu afeito a intrigas. Entretanto, eu já sentia uma espécie de vergonha ao fitar Mabel. A aventura teria sido importante se elas houvessem sido rivais. Aí então não havia dúvida sôbre minha escolha. Ao menos, nesse ponto fundamental, era eu perfeitamente leal. Contudo, sempre que eu raciocinava sôbre tais problemas, sentia até vergonha. Aquilo já se me afigurava insuportável. Era preciso acabar. Ao sentir o beijo de Elena, achei que era chegado o momento de decidir. Afastei-a suavemente e fiz sinal de que desejava ir ao aposento contíguo.

— Um momento — disse eu.

Ela me seguia com os olhos, fitando-me com acento grave.

— Não tardes — respondeu.

Eu procurei falar, mas não pude dizer nada. Apenas murmurei um "não" sem significação alguma.

Fui àquele quarto e remexi saco de roupa onde havia vestuário meu manchado de tinta de quando eu pintara cenários para teatro de amadores. Retirei da cômoda uma caixinha onde guardava papéis e um livrinho de notas. Era chegado o momento de seguir os meus impulsos.

Voltei ao sofá onde estava Elena com as mãos estendidas para o fogo. Os reflexos das chamas davam um aspecto maravilhoso ao seu corpo. Não se moveu quando eu novamente entrei.

Mas eu sentia o coração inquieto, a bater descompassadamente. Procurando serenar meu espírito, pus o caderno no sofá e abri uma caixa.

Ao ruído dos papéis, ela volveu a cabeça. Parecia calma. Mas eu estava inquieto. Retirei da caixa um punhal índio, obra prima de afiada lâmina.

— Armando...

Antes que fugisse aquela oportunidade, segurei fortemente a arma, e, com ambas as mãos, vibrei-a nas costas de Elena, com tôda a minha fôrça muscular. Ao sentir-se ferida, ela resistiu e me derrubou. Levantei-me de um salto e vi que o punhal havia entrado quase até ao cabo. Elena se ergueu e em seguida cambaleou e caiu pesadamente ao chão. Mas, voltando a si, começou a arrastar-se, deixando sair da boca um estranho e estrangulado som ininteligível. Tinha os olhos desmesuradamente abertos e fixos na parede da sala, como se não me visse. Enquanto eu a olhava, ela procurou erguer-se mais até ao sofá, tentando retirar o punhal enterrado no corpo. Num ex-

(Cont. na pág. 48)



NOS BASTIDORES FEMININOS

Para a temporada lírica, selecionamos estes elegantíssimos modelos para a noite, onde sobressaem as mais originais criações de Jacques Fath, Grés, Marcelle Chaumont, Marcel Rochas, etc.

Contam que de muito longe veio um luminoso astro cavalgando brioso dragão, encarregado, pelos Deuses para criar a Mulher. Que se apeou num bosque alegre e florido, dele colhendo um ramo das mais belas e perfumadas flores. Que do céu arrancou duas das mais brilhantes estrêlas, e do fundo do mar extraiu um punhado de pérolas do mais puro e delicado oriente. Que de um pequeno cofre que trazia no peito tirou os dons e as graças que os Deuses lhe haviam confiado para que derramasse copiosamente sôbre aquela que deveria ser a rainha da terra. Que amassou graças, dons e pétalas até obter uma substância plástica com a qual modelou a sua figura, enfeitando-a com as pérolas, com as estrêlas e com as flores. Que quando terminou a sua obra, se afastou para melhor contemplá-la e que, só então, verificou que se esquecera de coroá-la. Que como não havia mais flores, tomou uma braçada de raios de sol e as transformou em largas, brilhantes e sedosas madeixas, e que as colocou sôbre a cabeça da rainha...

O MAIS BELO ORNAMENTO FEMININO

Esta é uma versão fantástica da origem da mulher e do mais belo dos seus ornamentos — os cabelos.

Para a ciência, a origem do cabelo é muito mais simples e humilde. E' uma dependência da pele que lhe serve de suporte e provê as suas necessidades. Os cabelos, quando no seu esplendor e na sua juventude, têm tonalidades bem definidas, que vão desde o prêto azeviche até o louro platinado, quase branco, passando por tôdas as tonalidades do castanho e do ruivo. A côr do cabelo deve harmonizar com a dos olhos e da pele. Somente em casos raros conseguimos encontrar formosos contrastes, como por exemplo uma cabeleira negra, olhos azuis e pele alvíssima. A regra geral é a harmonia e esta circunstância deve-se ter muito em conta quando se tenha vontade de tingir os cabelos.

Muitas pessoas, para seguir a moda, ou apenas para "variar", tingem os cabelos em côres que, por não harmonizarem com o seu tipo, constituem verdadeiros atentados à beleza.

Antes de tingir uma cabeleira, é necessário constatar como ficará o contraste Para essa constatação, nada melhor do que experimentar uma cabeleira postiça da côr exata à que se pretenda pintar os cabelos. Esta operação simplíssima evitará futuros aborrecimentos.

A tintura é uma operação que tira aos cabelos tôda a sua vitalidade. E, essa vitalidade só será recuperada depois de muito tempo, razão porque só é aconselhável o uso da tintura em casos extremamente necessários ou quando se tiver a certeza de que outra tonalidade virá realçar mais os traços de beleza. Se existe ponto em que a mulher deva ser cautelosa, êste é, sem dúvida, o que se refere à pintura dos cabelos.







NOITES DE GALA



1 — Christian Dior criou êste modêlo em "tulle" branco, e "moire" prêto.

2 — Modêlo em brocado com babados e flores em organdi de sêda, de grande efeito.

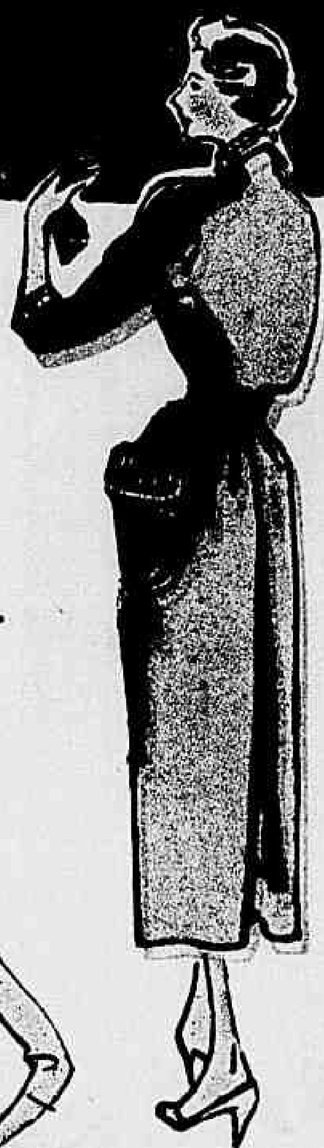
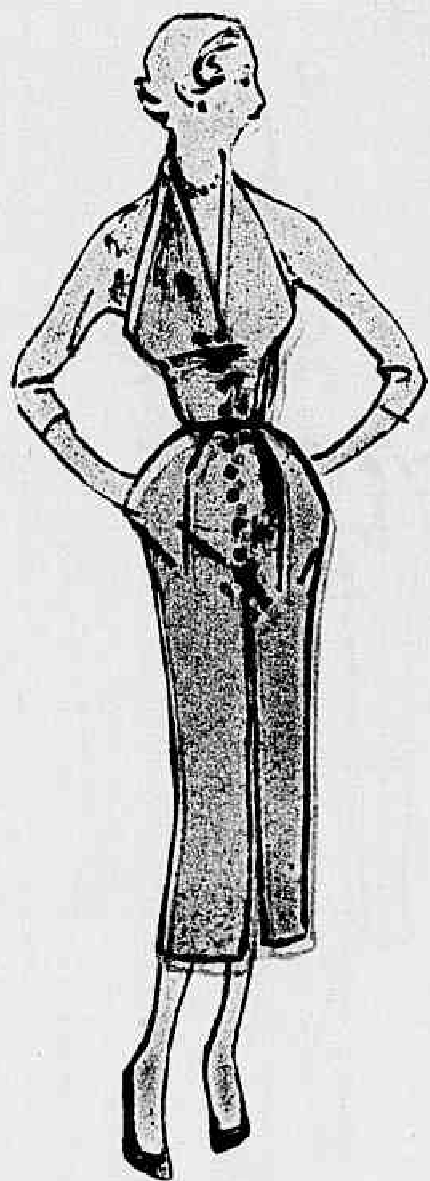
3 — Modêlo de Paquin em renda prateada guarnecido de mousseline branca, bastante elegante.

4 — Modêlo de Marcelle Dormoy, em tafetá escocez e gola de renda, simples mas original.

"MANTEAUX" E SEUS VESTIDOS







JACQUES Fath criou para ser usado com êstes vestidos, um "manteau" de alpaca negro. O mesmo acontece com o casaco branco de Jacques Griffe, recomendado para os modelos que o acompanham.

O AMOR E'ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

"Fulana: quando você receber esta já não estou mais entre o número dos vivos. Não suporto a crueldade desta vida e vou morrer. Adeus Deixo-lhe o meu coração".

A jovem leu e releu aquêle bilhete. Pálida, atônita, correu para falar à sua mãe viuva sôbre a desgraça que estava para suceder ao seu bem-amado.

Ela ainda não havia dito nada aos seus pais, temendo que não concordassem com sua escolha. Entretanto, agora já não mais era possível esconder.

Não se tratava de sua pessoa, e sim dele, do namorado a quem muito amava e sem êle não podia viver.

Sua mãe ficou alarmada e se prontificou a acompanhá-la à residência do quase suicida.

Tomaram um taxi e pediram ao "chauffeur" que pisasse no arranco. O caso era grave. Deviam salvar uma vida.

O carro ia parando com as obstruções da luz vermelha em cada cruzamento, o que dava enorme angústia e ansiedade ao coração amoroso da jovem e preocupações à alma de sua genitora.

Vinte minutos depois, ei-las que chegavam ao local da ameaça. Saltaram pressurosas e subiram ao quarto onde morava o desesperado.

Quando ali chegaram, já várias pessoas procuravam socorrer o namorado da moça que recebera o bilhete denunciador, pois o infeliz havia cortado com afiada gilete os punhos de maneira profunda e mortal, estando exânime pela grande quantidade de sangue que se esvaía das artérias.

A ambulância fôra chamada. Marina entrou e se agarrou com o namorado, inundada de lágrimas e a soluçar como uma louca. Sua mãe também chorava contagiada pelo pranto da filha

Antes de chegar o médico da Assistência, êle morria.

Inconsolável, Marina contou então aos seus pais o motivo por que se dera êsse desfêcho deplorável. Seu namorado não ganhava o suficiente para casar-se e dar-lhe confôrto. Ela, por sua vez, tinha receio de revelar seu romance com êle, pois supunha que seus pais desaprovariam o amor e se opusessem ao casamento, ou mesmo ao noivado.

Em face disso, um dia antes participara ao jovem que era melhor acabarem com isso e aguardar melhores dias. Talvez, para o futuro... quem sabe...

Êle nada lhe disse naquele instante. Pareceu estar profundamente ressentido. Muito triste voltou para sua casa. Marina jamais esperara que êle fizesse aquilo. Era tão alegre, tão jovem, cheio de vida, de futuro.

Os pais a ouviram em silêncio. Lembraram-se que, em sua juventude, quando se amaram, uma cena dessas esteve prestes a realizar-se. Felizmente reagiram, tiveram mais fôrça moral para suportar os infortúnios da vida e se salvaram. E então explicaram à filha:

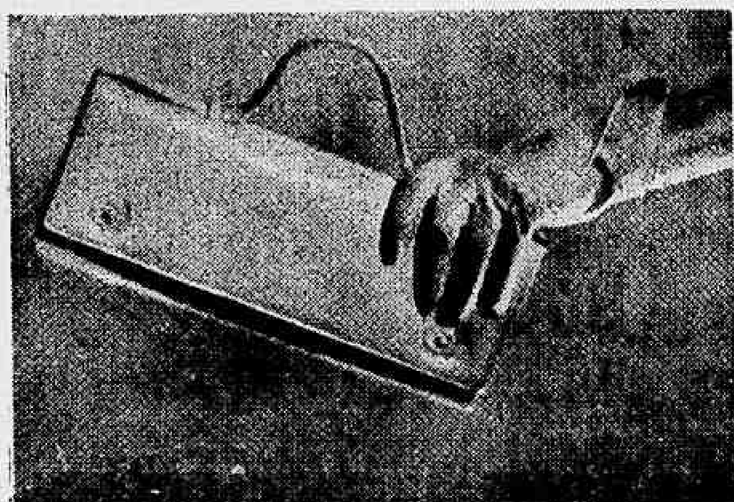
— Marina... o amor é assim...



DETALHES E NOVIDADES



Para um vestido prêto, para a noite, êste audacioso decote completado com pele de leopardo



Para sua elegante "toilette" esta bolsa original em feitio retangular de couro beige claro





A DIREITA — Jane Greer, da RKO, apresenta um elegantíssimo "turbant" em jersey de sêda com fios prateados. AO ALTO — Para a noite, vestido em "faille", sem alças e curto. Modêlo elegante e muito sugestivo



AO ALTO — O seu vestido estampado adquirirá novo aspecto com esta gola em organdi, renda e sêda. EM BAIXO — Notável êste colar em ouro, com originais pedras quadradas, formando um elegante conjunto



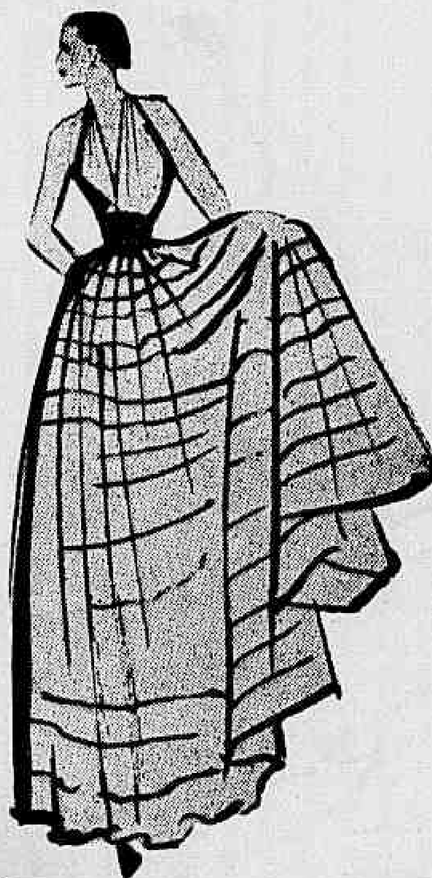
Na foto ao lado vemos uma das últimas inovações da moda atual, num vestido em "pied-de-poule" esta saia de formato originalíssimo, com bolsos enfeitados com botões

NOITES ELEGANTES

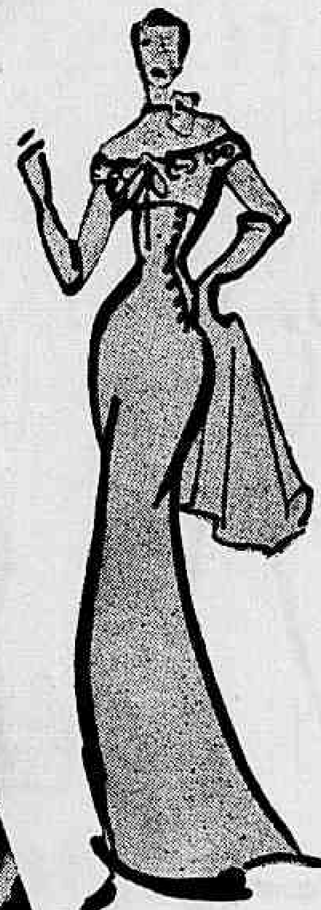
ELEGANTES e sugestivos são os modelos que nesta página apresentamos. São sugestões realmente originais, que Paris nos envia para a grande temporada da Ópera. Os modelos são os mais variados possíveis, porém todos êles variados e de grande distinção.











MÃES e FILHOS

ANAMARIA CÉLIA

COMO SE FAZ UM MEDROSO

"Meu filho é muito medroso... Imagine que tem medo de escuridão, tem medo dos outros meninos e tem medo até do Gordo e do Magro... Não é, meu filhinho?"

O pobre pequeno, retraído, nervoso e envergonhado, confirma com um sinal de cabeça... E assim está revelada tôda a sua tragédia. Dificilmente livrar-se-á dela. Dificilmente conseguirá vencer na vida porque o medo, a timidez, o tolherão. Dificilmente, portanto, poderá vir a ser uma criatura feliz E a "mamãezinha" continuará pela vida afora, desculpando os fracassos do filho, porque, o "coitado é tão medroso..."

Talvez que essa mesma "mamãezinha" ficasse horrorizada se lhe disséssemos que é ela mesma a única culpada dos medos e dos fracassos do "filhinho". Talvez custasse mesmo a compreender que todo aquêle retraimento, todo aquêle nervosismo, foram incutidos no espírito da criança pelo seu próprio medo, pelo seu próprio nervosismo ou pela sua própria ignorância. Sim, porque há mães que transmitem aos seus filhos os seus próprios receios, os seus próprios defeitos. Não só não possuem compreensão bastante para ocultar dos filhos essas "qualidades", a fim de evitar que as contraiam, como também não possuem inteligência bastante para combater o mal uma vez instalado.



"Você teve medo, meu filho?", é uma pergunta muitíssimo comum, empregada pelas mães nas mais variadas circunstâncias. E, é justamente essa "inocente" pergunta que pode, muitas vêzes, despertar na criança a noção de medo que a acompanhará por tôda a vida.

Muitas outras, incutem o medo na criança, a fim de obter obediência; não possuindo fôrça moral bastante para conseguir que as obedeçam, passam, então a utilizar uma nova arma: o medo. Ameaçam a criança com o quarto escuro, com o médico, com o "velho", etc., e o fazem de forma a manter a criança aterrorizada e, qualquer novo elemento irá aumentar a já triste e imensa bagagem de "complexos".

★

SAIBA QUE...

...Depois dos dois anos de idade, já a criança poderá se interessar por jogos simples e pequenos trabalhos, naturalmente à altura da sua mentalidade.

...Os trabalhos manuais exercitam os músculos e desenvolvem a habilidade.

...A criança necessita de distrações adequadas à sua idade. Do contrário, se tornará irritadiça, teimosa, etc.



A alimentação das crianças deve ser pura, sadia e de acôrdo com a sua idade



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

DISTROFIAS INFANTIS

O alimento insuficiente ou em excesso, impróprio ou inadequado às peculiaridades do organismo infantil, ou finalmente capaz de subverter as condições normais do processo digestivo, eis as causas geradoras das **distrofias infantis**, ou sejam os distúrbios da nutrição, devidos aos erros alimentares.

No consenso unânime dos estudiosos da especialidade, constituem êsses erros os maiores fatores da alta mortalidade infantil.

De fato, se outras causas também contribuem para essa mortalidade, nenhuma exerce, contudo, a influência danosa dos erros da alimentação que, muitas vêzes, apenas preparam o terreno para as primeiras.

Especialistas calculam, mesmo, que 50% das crianças que morrem, no Brasil, ou seja metade, são vitimadas, somente, pela má alimentação, isto é, pela alimentação imprópria, mal regrada ou inquinada de germes infecciosos.

Na alimentação artificial é de ver, muitas vêzes, a falta de orientação com que muitas mães se dão à prática do uso do "leite animal", não advertidas dos graves danos que êste regime comporta abaixo dos três e mesmo dos seis primeiros meses. De fato, o aleitamento artificial requer, no seu manêjo, múltiplos cuidados, que demandam bastante tato para sua conveniente utilização pelo organismo dos bebês.

Até o sexto mês, os riscos que o leite animal envolve são uma lição permanente de todos os dias, pois não dispensa um preparo que, a par da eficiência nutritiva, deve satisfazer, ainda, a fácil e boa digestão; e é nesse preparo que se tem de proceder sempre com perfeita segurança e conhecimento de causa.

Diferenças de ordem "qualitativa" existem que explicam a boa tolerância do leite humano, e a facilidade com que o leite animal conduz aos conhecidos distúrbios da esfera gastro-intestinal da criança. E' sobretudo nas gorduras do leite animal que residem, principalmente, as causas destas diferenças, predominando, nelas, os ácidos butíricos e capróicos, voláteis e irritantes para o intestino da criança, em lugar dos ácidos olêico e palmítico do leite de mulher, sempre bem tolerados pela criança normal.

Não adaptado convenientemente, o leite animal, em relação às gorduras, de modo a neutralizar as ações irritativas dos ácidos gordurosos, instalam-se, com extrema facilidade na criança de tenra idade, as perturbações, começando às mais das vêzes pela prisão de ventre, entretendo-se com ela mais tempo ou menos tempo, seguindo-se por fim do estado de diarréa, sintomatologia essa que se acompanha, nas diferentes fases do distúrbio, de traços fisionômicos da criança que, não raro, permitem, só por si, identificar o grau a que já atingiu o mesmo.

Nesta evalução a comêço a curva do pêso mostra que êste está apenas parado (período da prisão de ventre); logo mais, porém, o pêso começa francamente a cair, a face da criança vai-se tornando de velho, o ventre afunda, etc. (período da diarréa).

A perda da elasticidade da pele (esta, uma vez pinçada no ventre, e sôlta, faz uma prega que custa a desfazer-se); a diminuição de turgor ou dureza da carne (que se verifica nas nádegas, onde os dedos afundam como em pasta de algodão); a palidez manifesta (dos primeiros sinais de uma distrofia), tudo são manifestações que marcam os progressos do quadro.

O crescimento da criança não é, em geral, tão afetado como o pêso. A queda dêste é o resultado de uma dupla expoliação, trazendo a deshidratação da criança: do sangue lhe são retirados sais minerais (de cálcio e magnésio) que, nas condições normais, asseguram à vida das células um grau de embebição ótimo para sua vida e funcionamento, e que vão agora formar sabões insolúveis, nas fezes, de cálcio e magnésio (êstes passam de 3 a 48-50%). A retenção da água intra-celular, assim prejudicada, reflete-se, necessàriamente, no próprio pêso, que nos primeiros tempos da criança é, em grande parte, representado pela água dos tecidos. Isto na fase da prisão de ventre.

Na fase, já, da diarréa, a expoliação é da própria água do meio circulante, aliás, por si mesma, favorecida por certas condições antes normais da criança, pois durante o primeiro semestre, e sobretudo nos primeiros três meses, a fixidez da água nos tecidos é ainda bastante precária, o que faz justamente o perigo das diarréas nesse fase pela extrema facilidade com que conduzem logo a criança à própria atrofia nos seus graus mais adiantados (excicose).

Convém acentuar, porém, por outro lado, que poderá deparar-se a distrofia com o pêso normal e até elevado da criança.

De fato, o que faz a distrofia é, no fundo, o gênero da alimentação defeituosa que, não permitindo uma nutrição harmônica da mesma — bons tecidos, boas côres, boa distribuição da gordura — poderá, não obstante, favorecer o excesso de retenção da água (criança de gordura balofa), o crescimento exagerado da matéria viva (criança superalimentada) ou o acúmulo demasiado de adipe (criança obesa), conforme predomine no alimento o excesso de feculentos ou açúcar (muita farinha e pouco leite, leite condensado em tôdas as mamadas), ou muita proteina (excessiva quantidade de leite ingerido no alactamento natural), ou o alimento precoce farto à base de muita gordura.

A primeira hipótese é, de certo, a mais frequente, e mais encontradiça nos casos típicos entre as populações do interior, que aos feculentos — à própria farinha de mandioca, feito pirão — costumam, muita vez, adicionar o sal de cozinha, cuja avidez pela água é de todos conhecida. Já entre pessoas mais ou menos da cidade, na instrução e recursos, não é, a seu turno, raridade crianças balofas devido ao uso prolongado de leite condensado, ou uso indiscriminado de certas farinhas malto-dextrinizadas, dadas como verdadeiro leite em pó. Todos êsses erros do alimento defeituoso levam também às distrofias, porém, no seu aspecto florido, isto é, pêso antes normal ou mesmo elevado, quando, entretanto, se notam modificações sensíveis no aspecto da nutrição que traem a doença.

E' a anemia da criança um índice dos mais seguros do estado distrófico — o que não quer dizer que tôda anemia da criança seja devido a um verdadeiro estado distrófico.

No entanto, não haverá distrofia com bom estado das côres da criança.

Na distrofia a gordura comparada ou queda do pêso (prisão de ventre ou diarréa) é ela expressão de acidose que já se processa, a pouco e pouco ou violentamente, na criança.

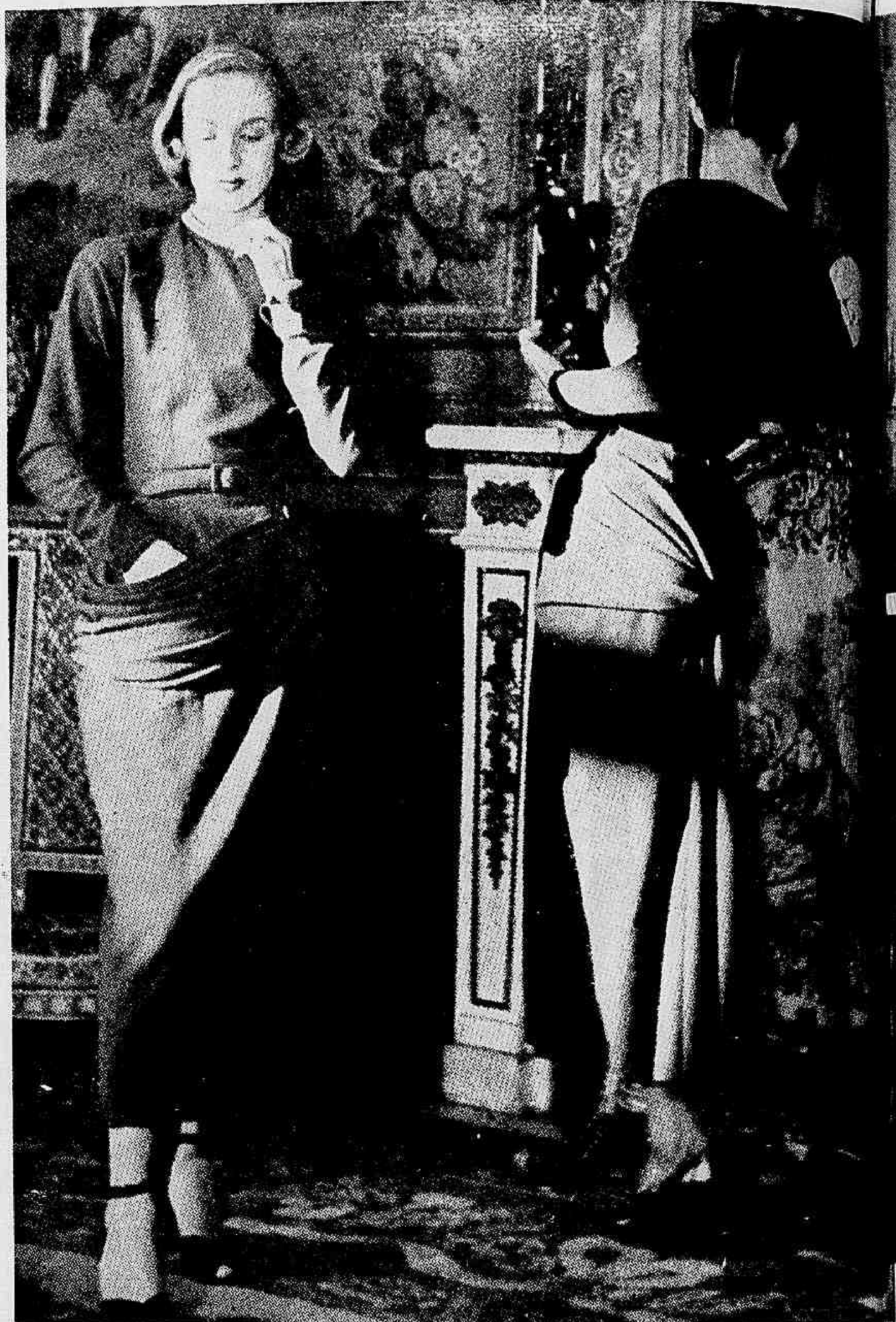
Na distrofia decorrente do uso prolongado de muita farinha ou farinhas e pouco leite, ou do leite hiperaçucarado nas mesmas condições, a anemia é, então, expressão de deficiência do ferro e vitamina C, o que prova que o alimento errôneo, nesses casos, recebe um como primeiro protesto da criança através da anemia que, nessa altura, se patenteia.

Sabe-se, por exemplo, que a criança dobra de pêso ao sexto mês. E', porém, necessário que o alimento seja uma mistura, em partes iguais, de leite e mucilagem de farinhas, no primeiro trimestre, e 2/3 de leite e 1/3 de mucilagem, no segundo trimestre.

Se o alimento se compuser, porém, de uma quota elevada de farinhas e pouco ou mesmo nenhum leite, então aquêle pêso poderá até ultrapassar do dôbro, mas nem por isso a criança deixará de ser um distrófico, e justamente porque, no caso, houve um excesso de retenção de água, operada pelas farinhas em excesso, da alimentação, as quais têm uma grande avidez pela água. Ao mesmo tempo ocorre uma diminuição das albuminas na alimentação, com a supressão ou quase supressão do leite. E como a formação de nova "matéria viva" é função exclusiva destas albuminas, acontece aqui, que a distrofia oferece a característica de umas carnes flácidas e como infiltradas.

Distrofia não é, portanto, sinônimo de atrofia, porém, de manifesto desvio da nutrição devido a causas alimentares.

(Cont. na pág. 48)





COCKTAIL

PARA essa hora elegante, quando as mulheres se tornam ainda mais belas, Jeanne Lanvin, Jean Dessés, Grès, Agnés Drecoll, criaram êstes modelos de linha impecável e de grande elegância. Os tecidos preferidos são o jersey, a lã fina e o "faille".



DE PIERRE BALMAIN

PIERRE Balmain gosta de gravatas, eis porque, neste vestido de lã marinho, vemos uma em tafetá listrado vermelho e branco. O seu modêlo seguinte, em "mousseline" negra, tem a blusa guarnecida de viez em strass. Para a manhã, uma blusa branca e um cardigan vermelho, com uma saia azul marinho e o outro modêlo em jersey listrado prêto e branco. Casaco vermelho. Para a noite êle prefere êste modêlo em "faille" rosa e organdi prêto.





M. MERCÊDES SANTOS

A ENFERMEIRA

FAZEI O BEM PELO AMOR DO BEM — eis uma bonita fráse que diz tudo, pelo seu alto valôr móral. Ela, é o lema da Enfermeira. A mulher que tem a sublime missão de cuidar da vida do seu semelhante, a mulher que executa com precisão as ordens médicas: — a mulher mãe, amiga, irmã; a mulher sacrificio, a mulher pontualidade, a mulher, que, para todos sem distinção de clásses ou raças, tem sempre uma palavra, um sorriso confortador. A mulher dignidade; em suma, a mulher que antes de tudo devia ser selecionada. Todavia, é de lastimar sejam raras as Escolas de Enfermagem no Brasil, que possam incumbir-se de tão difícil tarefa: selecionar mulheres que, de fronte erguida, possam dizer sem constrangimento — eu sou enfermeira e honro-me da minha profissão. Pois êste, é realmente um problema de vital importância e o qual em hipotese alguma o Govêrno devia esquecer. Criar o maior número possivel de escolas especializadas e entregá-las a mulheres capazes de dirigí-las, para que não continuemos a encontrar infestando os hospitais da nossa metrópole, criaturas analfabetas — digamos em termos claros — sem dignidade, que, fantasiadas de branco intitulam-se enfermeiras e como tais, exercem as mais delicadas funções.

Todavia, em virtude desta classe de mulheres, que infelizmente é composta de elevado número, é que a Enfermeira consciente dos seus deveres é tão desprestigiada e persebe tão infimos salários. Que o Govêrno olhe êste problema pelo prisma mais real. Que ofereça às VERDADEIRAS enfermeiras remunerações adequadas e melhores oportunidades. Somente assim, as leigas e "curiosas" talvez desapareçam; não digo totalmente, mas pelo menos parcialmente, do meio desta honrosa classe, que nos países adiantados é tão respeitada e protegida. O Brasil necessita de enfermeiras, mas não desta espécie — se é que a estas criaturas ignorantes, podemos assim classificar. Nós os brasileiros precisamos de enfermeiras dignas, conscientes e instruidas para que possamos sem receios confiar os nossos doentes que muitas vzes são os entes mais queridos, como sejam: mães, filhos, espôsos e irmãos. E' sabido que o enfermo não necessita apenas do confôrto material, coisa muitas vêzes brutalmente esquecida e sim da assistência móral, para que suporte o sofrimento mais resignado.

Parece incrivel, que encontremos muitas vêzes, pessoas portadoras de moléstias gráves, que preferem sofrer no desconfôrto de um lar sem recursos, a serem hospitalizadas, simplesmente para não serem vítimas dos êrros e sadismo de "certas" enfermeiras. Evidentemente é uma lástima, podermos constatar a veracidade de tal panorama, nos serviços hospitalares pagos pelo Govêrno. No entanto, a solução para êste terrivel problema não é tão dificil como se imagina. Seria o bastante que as autoridades competentes fizessem um expurgo destas mulheres na sua maioria admitidas por "pistolões", essa erva daninha que germina com tanta abundância nos setores públicos e criassem em defesa dêste povo já tão rudemente chicoteado, escolas especializadas onde a mulher que deseje ser enfermeira, possa receber dentro de um ambiente de sadia moralidade e confôrto, os ensinamentos que a profissão requer. Somente assim, a verdadeira enfermeira no nosso país poderá ser respeitada e compreendida. Portanto, elimine-se a "impostora" que inegavelmente sobrará dinheiro nos cofres públicos para pagarmos melhores ordenados e fundarmos escolas para mulheres que queiram realmente exercer esta função. Pois não é de justiça, que uma jovem passe três anos numa escola, estudando com sacrificio e muitas vêzes perdendo o melhor de sua mocidade, para dedicar-se a uma tarefa tão árdua como esta, para depois não receber o que de direito lhe deve pertencer: respeito e salários compativeis com a sua profissão de enfermeira.

E' necessário no entanto, não esquecermos que evidentemente, a classe de enfermeiras, no Brasil, só poderá atingir êste objetivo se tiver a seu favor, além do expurgo das "enfermeiras mascaradas", a direção destas escolas — caso sejam criadas — entregues a mulheres competentes. Creio que estas, sejam realmente as soluções para que tenhamos enfermeiras hábeis, conscientes e abnegadas.

Que o Govêrno ampare e prestigie a classe de enfermeiras brasileiras, são os meus votos, pois nesta digna e sacrificada classe não encontramos apenas a auxiliar do médico, e sim, a sublimação de um sacerdocio.

Correspondência

Telma — Aracajú — Sergipe.

"Tenho certeza de que esta, seria a única solução para o meu caso".

Telma, isto diz você para se convencer a si própria de que não vai agir precipitadamente abandonando o lar constituido de espôso e três filhos para unir-se ilegalmente a outro homem. Eu não teria coragem de dizer-lhe que você está procedendo erroneamente e nem tão pouco que se conserve fiél a uma criatura que não merece a sua consideração como espôso; no entanto, o amor materno, minha filha, é francamente instintivo. Seus filhos são a carne da sua carne, você é a única responsável pela existência dêles perante Deus e a sociedade e pode acreditar que, se amanhã um dêles for infeliz, não faltará quem lhe acuse por ter faltado ao cumprimento do seu dever. Não posso de maneira alguma concordar com a sua deliberação. Tentar o suicidio, como você diz que pretende, seria covarde e vergonhoso de sua parte. **Seja forte**, portanto, para suportar com dignidade os dissabores da vida.

ATENÇÃO! — Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maraguape, 15 — Lapa — Rio.

O escudo de pele de animais, antigamente defensivo, hoje é apenas parte do vestuário de cerimônia. Talvez **tenha** ainda um significado religioso: os "Umutina" acreditam que os seus mortos reincarnam em animais





D. Joaninha Rassmussen Schultz, cuja vida e cuja obra realmente notáveis, embora modestas, são o "pivot" desta reportagem. Aparência saudável e alegre. O "cavaignac" é Walter, compositor e regente. De óculos escuros, o caçula Vigo. Em seguida Alarich, cientista e professor. No canto direito, Harald, etnógrafo

QUATRO IRMÃOS, QUATRO DESTINOS

AVENTURAS DA FAMÍLIA SCHULTZ, NO REINO DA CIÊNCIA E DAS ARTES ★ QUATRO RAMOS DO MESMO TRONCO COM TEMPERAMENTOS E VOCAÇÕES DIFERENTES

Fotos da tribo Umutina, pelo etnógrafo Harald Schultz

Reportagem de CARLOS GALVÃO KREBS, para a **REVISTA DA SEMANA**

EM 1943 encontrei Walter Schultz em Belo Horizonte. Naquela ocasião apenas lhe dei um abraço de coestaduano desconhecido, mas cordial. Nem por sombra imaginava a tragi-comédia que êle vivia na Capital das alterosas. Nem que êle, qual novo Barão de Santo Angelo, estivesse acrescentando "Pôrto Alegre" depois de Schultz, para afirmar-se mais brasileiro e mais gaúcho.

Êle havia chegado a Belo Horizonte sem dinheiro. Soube da existência da Orquestra Sinfônica e quis regê-la. Mas faltavam dez contos de réis para garantir o pagamento da orquestra. A quem recorrer? Pois não era Chefe de Polícia Ernesto Dorneles? O caso é que o Chefe andava escaldado de gaúchos que iam "fazer" Minas Gerais... Estava duríssimo.

— Bem, eu queria apresentar uma última proposta — disse Walter Schultz Pôrto Alegre numa cartada heróica. Continuou:

— O senhor garante essa importância. Se o concêrto for um fracasso — de público, bem entendido, não de crítica! — o senhor me bota na cadeia!

— Olha que eu boto mesmo! — respondeu Ernesto Dorneles, olhando de enviezado e num tom que não deixava dúvida.

O concêrto foi um sucesso. Walter conquistou Belo Horizonte, e escapou do xadrez com honras e abraços.

Já para chegar até lá tinha sido uma odisséia. Sua mulher partira de Pôrto Alegre, para fazer um curso de aperfeiçoamento em Belo Horizonte com Madame Antipoff. Walter resolvera encher o tempo da separação colhendo material folclórico nas campanhas do Rio Grande. Comprou uma carroça, dessas de padeiro, adaptou-lhe uma lira por cima da tôlda para enobrecer-lhe quixotescamente o prosaísmo, e saiu pelas coxilhas. Êle mesmo vai contando:

— Éramos uma carroça e três burros: o dos varais, meu ajudante e eu, que levava no bôlso oitocentos mil réis para palmilhar o Estado... Quem disser que o Rio Grande não tem pontes, mente com descaro: só eu sei quantas vêzes



Guerreiro "Umutina" durante as cerimônias fúnebres. Pela primeira vez se conseguiu documentação dêsses ritos, o que quase custou a vida de Harald



Entre os "Umutina" é diferente: os homens usam cabelos compridos; as mulheres os cortam. A menina é filha da irmã Matarepatá. A saia é como um tubo que, dobrado se prende por flexão



O milho é alimento básico dos "Umutina". Ao lado dêste a mandioca. Fazem pães de milho, beijus, sopas. Plantam cará, inhame, feijão, pimenta, melancia, algum arroz, bananas, cana, um pouco de algodão, etc.



Walter Schultz Pôrto Alegre discute com a violinista Altéia Alimonda assuntos de música e piano. Ela levou a melhor, naturalmente...

apeei e puxei o burro, que não queria saber de ponte nenhuma! Mas logo adiante rebentou um pneumático. Em seguida, numa das célebres passagens de ponte, o burro desembestou numa descida e esfrangalhou a carroça. Despedi o ajudante, vendi o burro com os restos da "carruagem" e resolvi continuar de trem, a pé ou como pudesse. Levava o violino e uma pequena maleta com o "smocking". Foi a salvação. Tive de dar concêrto em muitas cidades do interior. Pela altura de São Gabriel, já ia vendendo o relógio e o anel. Terminei em Passo Fundo, onde a sorte me sorriu. Lembrei que uma professorinha me pedira a música para o hino de sua escola. Compus a melodia a várias vozes — já de segunda tenção, pois sim — e remeti pelo correio, dizendo que não tivesse surprêsa se eu aparecesse breve por lá, etc. e tal. Daí a dois dias me toquei atrás do envelope feito doido. De chegada, com a maior naturalidade, ouvi que ninguém sabia ensinar aos alunos o canto a muitas vozes. E' evidente que me prontifiquei a cooperar... A coisa saiu melhor que o plano: o hino foi um triunfo e a escola inteira, em sinal de gratidão, foi para a rua vender entradas para o meu recital... Com dinheiro no bôlso e a saudade apertando, botei o pé no estribo (do trem, é claro), e desembarquei em Belo Horizonte, depois de muito jejum pelo caminho... Em Belo Horizonte foi como lhe contei. Depois, Rio. Na Rádio Nacional havia uma vaga de regente. Nem com pistolão eu consegui chegar até a direção. Andei como vira-lata muito tempo. Um dia encontrei de novo o pistolão: Beijo Vargas.

— Como é que vai a coisa?

(Cont. na pág. 49)



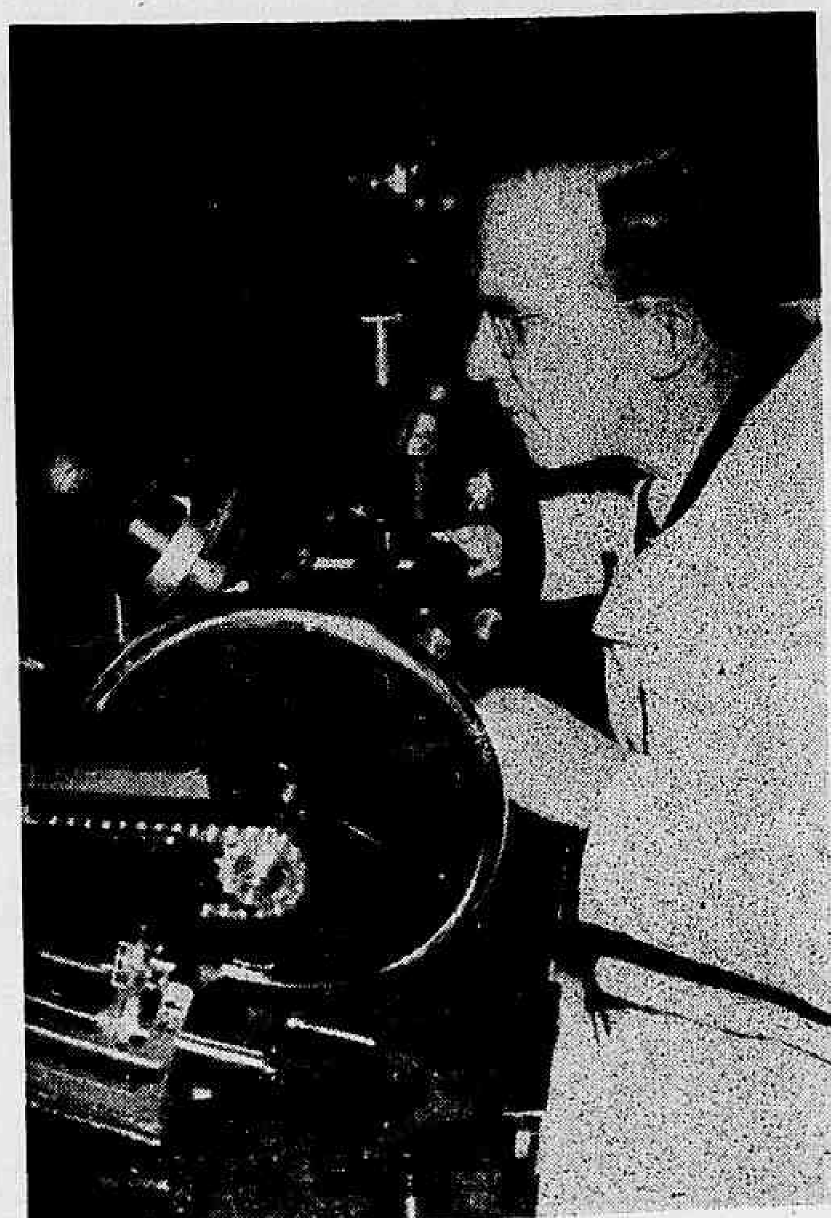
Malocas de índios "Umutina", à margem direita do alto Paraguai, norte de Mato Grosso. Nesta moram duas famílias: duas irmãs com os maridos. A casa feita pelo homem é propriedade da mulher



Harald, o etnógrafo, desenha na areia para o reporte a planta esquemática de uma remota maloca indígen das muitas que visitou



A simples flor do mamão interessa ao botânico consumado. O prof. Alarich Schultz é, talvez, o maior especialista do Brasil em análise micrográfica de madeiras



Um centímetro cúbico de madeira. E o prof. Alarich Schultz pesquisa. Três côres de microtomo, três lâminas coloridas, um microscópio. Se necessário, uma microfotografia



Velho caçador "Umutina". O peque grupo ainda residente nas matas do rio Paraguai atém-se tenazmente velha tradições, repelindo a civiliza

DÚVIDA

CONTO DE **VICENTE C. DE CARVALHO**

QUANDO o celerado entrou na sala, viva curiosidade agitou os presentes. Vinha pálido, trajava com apurada modéstia, pisava firme, estava tranquilo, seus gestos eram lentos.

Da rua, onde ficara o carro da Justiça, chegava até o recinto do Tribunal o vozear da turba, murmúrio abafado de palavras indistintas...

Os três policiais que acompanhavam o prêso, desde o Presídio Central, indicaram o banco onde êle se sentou, calmamente. A luz forte, incômoda, fê-lo esfregar os olhos vivazes. Viera do ergástulo escuro onde estivera oito meses, segregado da sociedade como elemento nocivo e perigoso. Agora ia ser julgado...

Seus olhos passearam pelo novo cenário; pelo teto, pelas paredes, pelas janelas, através das quais via grossas colunas que se alongavam, na varanda, sustentando o edifício. Estrêlas brilhavam no céu escuro. A sala do Tribunal, muito ampla, no primeiro andar, estava repleta.

Logo em seguida, como se esperassem a "deixa" teatral, surgiram os advogados o promotor público e, finalmente, com aparato sacerdotal, o juiz.

Nova curiosidade levou os olhares de todos à pessoa austera do magistrado, que se sentou e ia iniciar a sessão.

Duas moças, entre penalizadas e curiosas, segredaram, inspecionando o réu:

— E' bem simpático; um infeliz, coitado.

— Que lindas mãos!

— Mãos de assassino...

— Não tem mais de trinta e oito anos.

Aberta a sessão foi procedida a leitura dos autos, estando o advogado da defesa junto do acusado que, de pé, respondia às primeiras perguntas do juiz. Um grande silêncio ia pela assistência. A voz do réu era natural; respondeu às perguntas e voltou a sentar-se.

O promotor iniciou a acusação; suas palavras eram candentes, sua voz atroava como canhão enfurecido em campo de combate. O influxo de têrmos rudes, irônicos, era contido pelo advogado da defesa, que pedia ao juiz côbro àquelas palavras atentatórias à integridade democrática do Tribunal e à tolerância do alto representante da Justiça, que era o meritíssimo juiz. Os debates prosseguiam inflamados, com os advogados da acusação na tribuna pleiteando a pena de morte! O acusado, aéreo, distraído, ausente, observava, no teto, uma grande teia de aranha contra a qual a sombra projetada do dedo em riste do acusador movimentava-se ameaçadoramente, qual ariete impotente, procurando romper, em arremetidas contínuas, aquêle fantasma inatingível, no desespêro das fôrças inúteis.

A atitude natural do acusado, sua indiferença irritante, incomum àquela situação, indignaram a acusação que disso se aproveitava para convencer o juiz e os jurados que "aquêle assassino sombrio tinha os nervos gelados, era um hipócrita cínico e perverso!"

Em vão a defesa aparteava, visando inocentar seu constituinte, replicando que "Eugênio era uma vítima do Destino".

A causa era, evidentemente, muito ingrata...

O promotor, colérico, pletórico de rancor, esmurrava a balaustrada, vociferando "que ao réu cabia a responsabilidade pela morte dos dois investigadores, representantes da Lei, chefes de família bàrbaramente abatidos pelo sanguinário Eugênio, que ali estava impassível, premeditadamente sereno, exibindo um semblante de santo que não iludiria o íntegro Corpo de Jurados"!

— Sim — continuava agresivo — o arrombador-assassino pagará no paredão de fuzilamento todos os seus horrorosos crimes!

A defesa replicava, vacilante, "que a fantasia e a dramaticidade, tão do sabor da promotoria, não convenciam, por falhas de provas: as duas mortes se verificaram em combate de igual para igual, homens contra homens; na refrega não houvera ação destacada de ninguém".

Eugênio olhava tudo sem interêsse nem raiva; por sua mente se foram desenrolando as cenas determinantes daquela situação.

Não podia atinar com o fracasso do golpe... Tudo fôra preparado com minúcias, tudo. Os mapas, o tempo previsto para cada assaltante, o trabalho do conjunto, as atribuições, os imprevistos, tudo... Do plano cronométrico, amadurecido, as ações funcionariam como um relógio... Mas o fim, no último minuto, quando tudo estava concluído, os cofres abertos... A polícia! O Banco Ocidental cercado!

A princípio não quisera acreditar; correu à uma janela e viu lá em baixo a chegada dos carros da polícia, os homens já se dispunham a entrar; breve estariam no primeiro andar.

Houve um segundo de reflexão.

Os nove homens aconselharam-se rápidos e decididos, porque até isso fôra previsto... Dois forçariam a fuga pela porta do norte, dois pelo telhado, Eugênio e os restantes ficariam evitando a entrada dos perseguidores... Perto dali havia um auto...

A custo o portão principal foi aberto pelos agentes, acenderam a luz e começou a fuzilaria. Saraivada violenta cruzava o átrio do Banco. Do tôpo da escada, entrincheirados, os ladrões dominavam os elevadores e a subida.

Dois policiais mais intrépidos adiantaram-se, ganharam a escada, iam já no meio, quando foram mortalmente atingidos... Um levou as mãos ao ventre, deu um grito de dor e tombou, rolando desamparado até em baixo, onde expirou numa poça de sangue...

Eugênio teve um gesto de contrariedade; jamais em suas arriscadas emprêsas houvera feridos ou mortos, tinha horror a sangue: era um ladrão, não um assassino.

Recrudeceu a fuzilaria, aumentando a pressão de fora; os sitiados recuavam lentamente protegidos pelo fogo, as saídas tôdas bloqueadas, apenas quatro lograram fugir; entre êles Carlos, seu melhor amigo, que conseguira escapar pelo telhado do edifício.

Os demais, acuados naquela ratoeira, perdidos entregaram-se.

Como pudera a polícia descobrir? Teria sido o ruído das duas explosões, a luz das lanternas, um dispositivo de alarma, que o plano não mencionava?

Na véspera seus companheiros haviam sido condenados a vinte anos de reclusão. Agora, depois de oito meses de prisão, incomunicável, via chegar sua vez; era certa a condenação à morte!

Angela tinha razão, quando procurara dissuadí-lo. Quanto conselho, quantas lágrimas, um mundo de ansiedade. Prometera-lhe que aquela seria a última emprêsa; sairiam da cidade e teriam vida honesta e digna, conseguiria um trabalho, viveriam tranquilos.

Imaginou-a em pranto, aflita, infeliz, só; oito longos meses de ausência... Nem ao advogado falara de sua existência, não a queria envolvida no assalto. Como devia sofrer a pobre Angela...

Repentinamente, numa fração de segundo, houve uma interrupção de luz, as lâmpadas piscaram.

O juiz, imponente, martelou, impondo silêncio. Diante do acusado o promotor empolgado continuava sua arenga citando mestres de Direito, textos da Lei Penal, doutrinas jurídicas, expressões latinas; e levando os dedos ao pescoço volumoso e suarento, repuchava o colarinho duro, menos duro que a Lei: tudo constava dos autos, citava os fatos, estava com o Direito; o criminoso pôsto em liberdade cometeria novos delitos que ficariam impunes, se a polícia não fôsse, como daquela vez, avisada em tempo.

O acusado encarou o acusador, pela primeira vez, sèriamente. Alfa e Omega.



Houvera, então, um traidor? Quem?

Uma onda de sangue entumeceu-lhe as faces; um turbilhão de pensamentos invadiu-lhe o ser. Até ali estava resignado, sabia-se culpado, dispunha-se a morrer, castigado pelos homens, porque, de fato, cometera crimes; olhava tudo com indiferença, pouco caso, desprêzo mesmo, não acusava ninguém; êle, como chefe do grupo, era o maior culpado, submetia-se; morto, estaria tudo concluído. Mas, à última hora surgia a impressionadora revelação: fôra traído!

A luz piscou de novo.

Abismou-se o réu pensando em mil posibilidades, seus olhos tinham fulgurações estranhas.

Como pequeno ponto luminoso que na escuridão avança crescendo, uma idéia infernal avolumava-se em seu cérebro deprimido pelo prolongado sofrimento; depois se definiu, tomou corpo até se transformar em imenso clarão.

Sim, não era outra coisa... Covardes, traidores. Carlos estava em liberdade, fôra o primeiro a fugir. Sempre desconfiara de ambos... Carlos e ela... Angela... Eram falsos os seus carinhos, mentidos os seus beijos, fingidas as suas palavras de amor... Ingrata!

Duas vêzes ameaçara deixá-lo, pretextando ter medo da polícia...

Sim, muito claro! Êle estava perdido, êles em liberdade sem o impecilho, sem o obstáculo, livres, rindo-se dele talvez, àquela hora! A participação de Carlos no assalto frustrado fôra apenas uma encenação do Judas, de acôrdo com a polícia!

Impaciente deitou um olhar em tôrno; os três guardas estavam a um metro. A defesa falava agora. Êle nada ouvia, pensava, pensava nela que podia estar em companhia do outro num teatro, num cassino ou no apartamento. Divertiam-se, gozavam a sua ruina!

Um ciume louco, feroz, apossou-se de Eugênio. Seria possível? Não, não tinha provas de nada. Suas mãos crisparam-se. A dúvida atroz fustigava seu espírito perturbado e hesitante. O tempo corria. Eugênio absorto lutava no centro daquele emaranhado de idéias, enquanto os debates findavam.

Levaram-no à ante-sala do Tribunal: os jurados estavam decidindo sua sorte... Fotógrafos e jornalistas disputavam posições.

Quando voltou à sala fêz-se demorado silêncio: o juiz ia ler o veredito... Tôdas as vistas se voltaram para o criminoso no momento em que o juiz solenemente acabou de ler a sentença: condenado à morte! Seria fuzilado ao amanhecer.

Estava finda a sessão. O promotor, com arrogância, jubiloso, saiu apressadamente. Os advogados do condenado vieram confortá-lo; nenhuma emoção se estampou em sua face, levantou-se imperturbável.

Aos poucos esvaziava-se o recinto.

Ah! Se êle pudesse! Se dispusesse de um minuto sequer para falar, insultar aquela hipócrita, dizer-lhe do seu desprêzo, do nojo que lhe inspirava a ação ignóbil. Que satisfação não teria em esbofeteá-la e ferí-la, em vê-la a chorar, a seus pés! Obrigá-la-ia a confessar a verdade, que o traíra para viver com Carlos, o outro traidor. Mas a comediante poderia estar tranquila, dividiriam os despojos da ignomínia; êle estava prêso, impotente, seguro pela manopla da polícia...

A dúvida impiedosa volvia a truncar o curso de seu raciocínio, envolvendo-lhe a imaginação...

Quisera um cigarro para distrair aquela tortura.

Estava louco; Angela nunca o trairia. Na prisão não passara um só dia sem pensar nela... Seu olhar tão meigo, sua voz tão doce, seus beijos ardentes, o poema de seus carinhos...

Quem seria, então? Não... Eram êles, sim! A Angela do olhar de pomba e coração de hiena! Acreditara numa mulher sem alma, fôra iludido como um colegial. Que se estaria passando no apartamento dela? Uma hora de liberdade bastaria, uma hora de vida...

Os poiciais fortemente armados impeliram o condenado para a porta da sala; desceriam os três lances da escada em forma de "z" e na rua, tomariam o carro que conduziria o prêso à Casa da Morte, onde seria executado de manhã. Descem os primeiros degraus, dois vão na frente, um atrás, formando um triângulo do qual o réu é o centro e êles os vértices.

De repente, já no segundo lance da escada, quando atingiam o meio do percurso, quase na rua, apagou-se a luz!

Soube-se depois que a Usina Elétrica da cidade estava em reparação.

O que se passou no cérebro do condenado não se descreve: também repentinamente se abaixou esgueirando-se na escuridão, colado à parede, atento, volvéu escapando por um lado do triângulo e subiu o primeiro lance, agachado como um tigre; seu olhar faiscava nas trevas; passou diante da ante-sala e, rápido, entrou novamente no Tribunal, de onde saiam ainda as últimas pessoas; sempre unido à parede, pela qual se guiava, saltou uma janela, ganhou a varanda, e abraçado a uma das colunas, desceu e achou-se na rua, atrás do edifício!...

A escuridão tem qualquer parentesco com o crime.

Não decorrera um minuto.

Um gato selvagem não realizaria a proeza com maior agilidade e presteza.

Depois, ocultando-se atrás das palmeiras da avenida, parou, orientou-se, percorreu ainda várias ruas e viu-se diante do mar imenso. A aragem marinha refrescava-lhe a fronte febril.

Grande confusão se verificou no edifício do Tribunal, já agora iluminado. Quando se apagou a luz os guardas reuniram-se no centro do triângulo para agarrarem o homem. Não o encontrando, de armas em punho precipitaram-se para a frente, enquanto Eugênio, em fuga, preferira a ação contrária, voltara atrás e ia longe...

O condenado escapara! Escapara! Evadira-se o facinoroso bandido; estava sôlto na cidade o novo Al Capone, êmulo de Dillinger!

O fugitivo não tinha um minuto a perder; dentro em pouco tôda a cidade saberia da fuga e êle tinha uma determinação, um destino: o apartamento da amante. Angela, Angela, Angela... Nada a tirava de sua mente. A idéia da vingança e a dúvida diabólica vibravam tumultuárias em seu espírito; tinha, ainda, uma esperança.

Automóveis passavam, pares passeavam à beira-mar; a cidade imensa começava a adormecer; os anúncios luminosos coloriam os edifícios por onde cruzavam os homens tranquilos, despreocupados, livres. A cidade pareceu-lhe diferente no seu esplendor noturno. Deteve-se e concretizou um plano audacioso. Não tinha dinheiro nem arma, infiltrou-se entre os caminhantes; perto estacionavam automóveis, cujos motoristas distraiam-se, distante, jogando moedas. Junto de um carro olhou, conhecia-lhe o manêjo... Decidiu-se, afinal, sem medir imprevistos: num gesto largo abriu a porta, entrou, nervoso acionou a máquina, manobrou, ràpidamente e partiu, deixando atrás de si o clamor e a surprêsa... O auto voava nas mãos do fugitivo delirante!

Meia hora durou a vertigem.

Eugênio freiou o carro; um sorriso tenebroso e singular assomou-lhe à face dura... De longe vira luz no primeiro andar do apartamento de Angela. Aproximou-se cauteloso e saltou à porta. A rua estava deserta. Atravessou o jardim, a porta da sala permanecia encostada. Entrou. Ia vingar-se, enfim, defrontando a infiel. Furtivamente subiu. Na meia luz da sala de estar não viu o seu retrato sôbre o móvel, como de costume. Alucinado, num assomo de desespêro, avançou resoluto até a porta do quarto, onde havia luz. A pusilânime estaria ali nos braços do traidor. Esmagaria a tarântula! Não contavam com êle... Surpreenderia a dupla canalha... Empurrou a porta e... Recuou abatido...

Angela estava recostada no divã e parecia dormitar; o braço direito pendente, a mão abandonada sôbre o pavimento... A seu lado, na mesinha, um frasco e um copo, junto de um papel escrito... A mão esquerda, em cima do coração, segurava o retrato de Eugênio! O quadro falava com eloquência... O fone ao alcance da mão, fora do gancho: pelo telefone soubera da sentença e não resis-

(Cont. na pág. 48)

ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**
SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**







Da esquerda para a direita: Retrato a óleo pintado em Massangana, em 1856, quando Joaquim Nabuco contava entre seis e sete anos. Está ilegível a assinatura. Naquela época muitos pintores ambulantes percorriam o interior, fazendo retratos. Joaquim Nabuco, na épca do casamento. Aqui estão, bem distintos, os célebres bigodes, de que êle tanto se envaidecia e nunca quis aparar. Joaquim Nabuco em Londres, em 1904

O CENTENÁRIO DE JOAQUIM NABUCO

TRAÇOS DUMA GRANDE VIDA ★ A INFÂNCIA ★ A MOCIDADE ★ A VIDA PÚBLICA

Reportagem de MARIA VESENTINI

POUCAS recordações pessoais restam da vida íntima de Joaquim Nabuco. Judeu errante da diplomacia, o nomadismo não lhe permitiu criar longos hábitos domésticos, afeiçoar-se a velhas paredes familiares. Não legou à posteridade uma casa que se transformasse em museu, como a de Rui Barbosa. A residência atual de sua família foi adquirida anos depois de sua morte por Dona Evelina Nabuco e, embora mantenha no interior o aspecto solarengo das antigas residências senhoris, decepciona a quem procura curiosidades históricas. Nem mesmo condecorações ali existem, uma vez que Joaquim Nabuco nunca as aceitou. Recusou também os títulos de nobreza que lhe foram oferecidos durante a monarquia, para não trocar o tradicional nome da família por um título novo. O mesmo fizera seu pai que, como narra Joaquim Nabuco em **Um estadista do Império**, nunca aceitara título para si "por ver a fantasmagoria de uma nobreza sem transmissão e sem fortuna, e também por afeição ao nome que sempre usara".

As comemorações com que o Brasil assinala o centenário de Joaquim Nabuco são profundamente expressivas e comovedoras. E' a voz cálida da gratidão nacional.





A esquerda: Os delegados da Conferência Panamericana, realizada em 1906, no palácio Monroe. O palácio foi inaugurado para essa Conferência, presidida por Joaquim Nabuco. A direita: Joaquim Nabuco com alguns delegados da Conferência Panamericana, em 1906, realizada no Rio de Janeiro

Não há um Estado, uma cidade do país que não o celebre com brilhantes solenidades. Por um atávico romantismo, sua filha Carolina Nabuco declinou de todos os convites para fazer algumas conferências sôbre o pai no Distrito Federal, preferindo pronunciá-las no Recife. A sua imaginação talvez ressuscite o vibrante orador no teatro Santa Isabel, arrebatando as platéias com seus discursos abolicionistas. Ou a vida despreocupada e patriarcal de Massangana.

O ministro Roberto Mendes Gonçalves foi o chefe das comemorações do centenário "Joaquim Nabuco" e, sob os auspícios do Itamarati, foi organizada no palácio a "Exposição Joaquim Nabuco", como parte integrante das comemorações. O ministro Ribeiro de Lessa, organizador da Exposição, declarou que, julgando oportuno, numa ocasião como esta, trazer ao público objetos de Nabuco, recorrera à sua família, que o atendeu com a mais afável solicitude. Entretanto, pouca coisa se apurou. A parte mais interessante da biblioteca Joaquim Nabuco, adquirida pelo Estado, está incorporada ao Itamarati. E os mais interessantes exemplares da coleção foram selecionados pelo sr. Armando Brito de Sousa para figurarem na Exposição.

Joaquim Nabuco não precisa de monumentos, estátuas ou lembranças pessoais para sobreviver na história Viverá através de suas idéias e da grande obra de seu espírito civilizador, cuja fecundidade se estendeu ao mundo inteiro. As gerações de tôdas as épocas poderão apreender-lhe a complexa personalidade pelas suas obras literárias. No Itamarati existem rascunhos, autógrafos, originais inéditos — verdadeiros roteiros para estadistas e diplomatas do futuro.

★

Joaquim Nabuco nasceu no Recife, a 19 de agôsto de 1849 e faleceu em Washington, a 17 de janeiro de 1910. Como os fidalgos de remota geanealogia, recebeu um nome extenso: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Era o quarto filho do conselheiro e senador do Império, José Tomaz Nabuco de Araújo e de Dona Ana Benigna de Sá Barreto.

Sua primeira infância transcorre no Engenho de Massangana, cuja vida patriarcal deixou-lhe as mais encantadoras reminiscências. Aos dez anos, entra para o Colégio Pedro II, onde revela grande facilidade de aprender, mas pouca vontade de estudar. Nessa época, jamais evocaria o dandy e a beleza máscula e olímpica de sua mocidade, que seus adversários aproveitaram para envolvê-lo em lendas mesquinhas. Teve a alcunha de Narciso e chegou a ser acusado de usar pulseiras e de ondular os cabelos a ferro. O estudante do Pedro II, descuidava-se da indumentária e tinha uma profunda aversão às modas. Entra, depois, para a faculdade de Direito de São Paulo, mas termina o curso no Recife. Naquele tempo, eram as únicas faculdades de Direito no Brasil. Ao deixar a Academia, já era o monarquista liberal e o abolicionista que foi durante tôda a sua vida política.

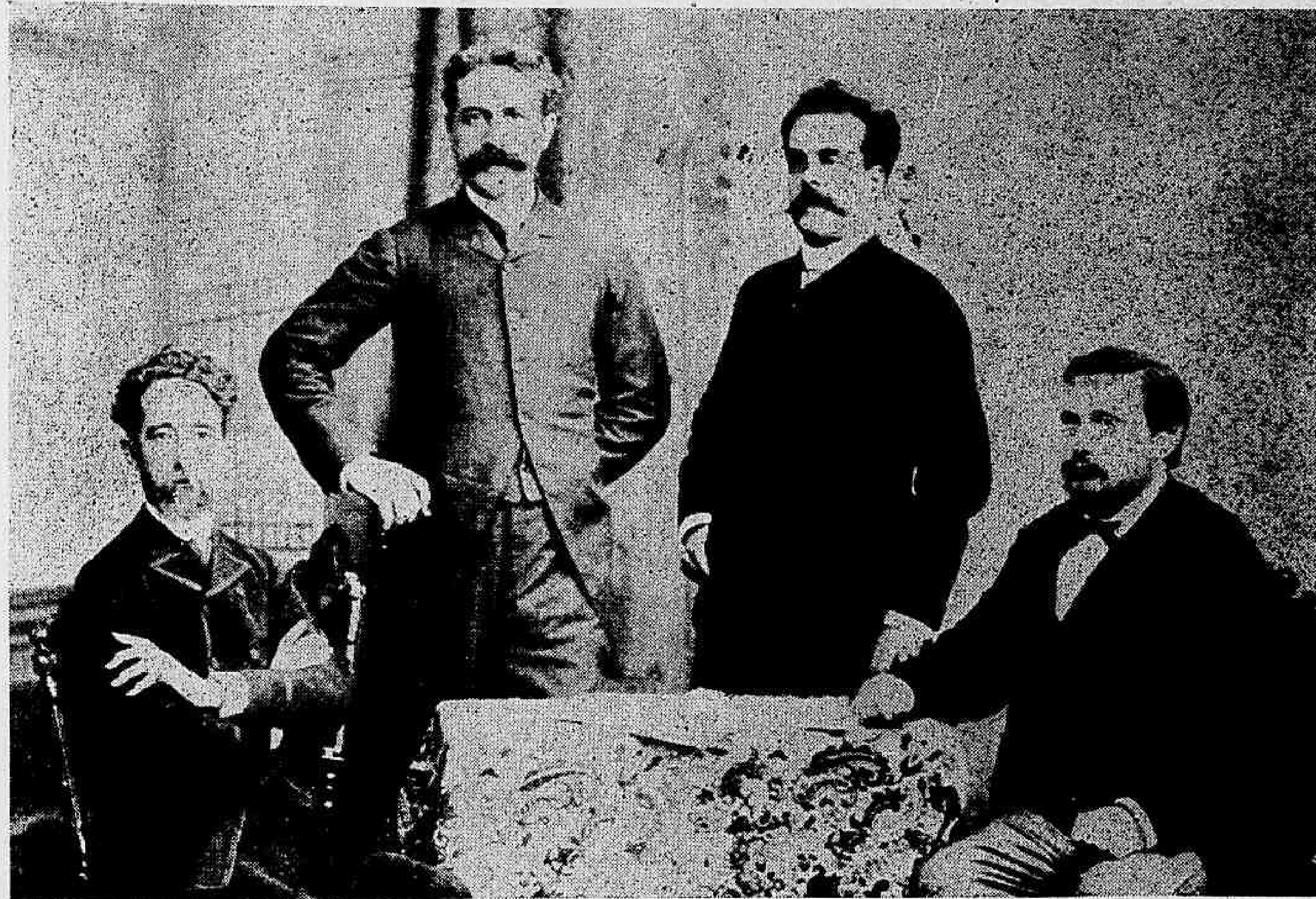
Impossível descrever-lhe, mesmo em traços rápidos, a tumultuosa e exuberante mocidade. Nabuco foi o homem de ação e, mesmo na literatura, que não lhe constituiu o principal objetivo, seu espírito de luta manifestou-se muito cedo. Um dos mais pitorescos episódios do início de sua vida literária foi a polêmica que manteve com José de Alencar. Pelas colunas do Globo, Nabuco julga o ilustre romancista com uma independência que feriu o autor: "Não reconhecemos ao autor de "Mãe" uma só qualidade de dramaturgo e nada há mais penoso do que assistir à queda de um escritor de talento que se obstina em lutar com a sua vocação", ao que Alencar retribui: "... a estréia de certos filhos queridos da fortuna, a quem o papai arranja o berço de flores onde soltem os primeiros vagidos literários".

★

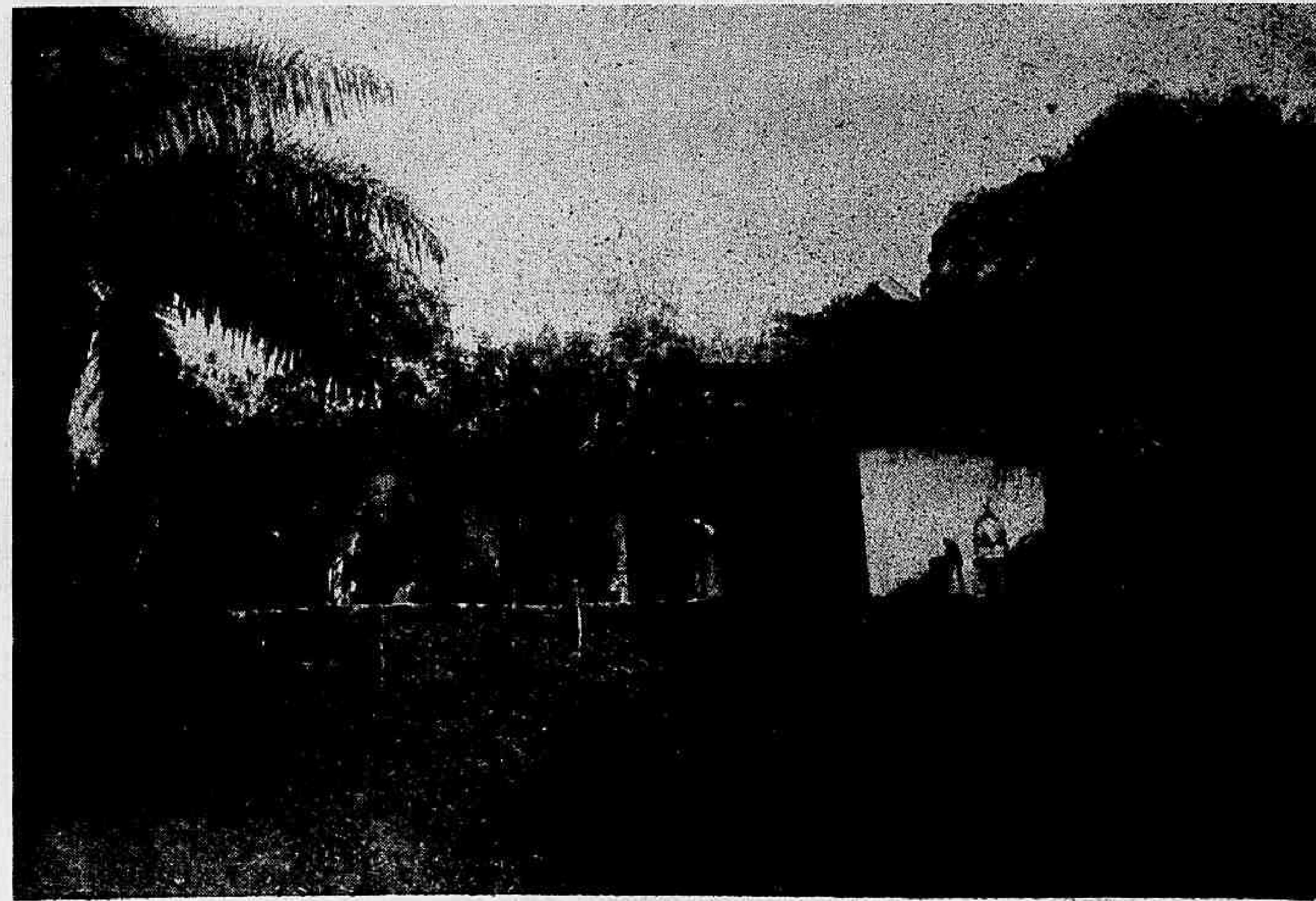
Somente aos quarenta anos de idade a encantadora Evelina Tôrres Soares Ribeiro prendeu êsse temperamento



Um passeio na Tijuca oferecido pelo ministro Lauro Miller ao secretário de Estado norte-americano, Mr. Elihu Root. Root está à direita do ministro e, Joaquim Nabuco, à esquerda



Redação de "O País" — Da esquerda para a direita: Quintino Bocaiuva, Joaquim Nabuco, Visconde São Salvador de Matozinhos (proprietário de "O País"), e Joaquim Serra



Casa residencial de Joaquim Nabuco, em Paquetá, onde residiu nos primeiros anos de casamento. Hoje é um anexo do preventório Dona Amélia

independente e irrequieto à monotonia da vida conjugal. Como seu matrimônio coincide com o advento da República, sua lealdade monárquica o afasta da vida pública. Desde então, o lar e os filhos tornam-se sua constante preocupação, sua única e real felicidade. Vai residir em Paquetá, que lhe evoca as paisagens nordestinas com suas praias de coqueiros e os matizes de seus poentes. A inatividade política reconduziu-o ao catolicismo e o isolamento e o bucolismo da ilha aperfeiçoaram o escritor.

Como Nabuco não aceitara a República, mesmo sob a forma federativa, em vão o govêrno brasileiro instou para que êle trabalhasse pela federação, como trabalhara pelo abolicionismo na monarquia. Entretanto, quando Campos Sales submeteu a arbitramento a questão de limites entre o Brasil e a Guiana Inglsa e apelou para o patriotismo de Nabuco, convidando-o para aceitar o encargo, êle decide-se a reconciliar-se com a República, em benefício da pátria. Não lhe faltaram censuras, acusando-o de deslealdade à monarquia. Mas a princesa Dona Isabel interpretou-lhe o gesto com a mais profunda simpatia humana: "Quero que o dr. Joaquim Nabuco saiba que aprovo o seu ato de patriotismo, como meu pai, se fôsse vivo, também aprovaria".

Nabuco presidiu à terceira Conferência Panamericana, que se efetuou no Rio de Janeiro em 1906 e foi essa a sua última atuação internacional de relêvo.

Quatro anos depois, falecia em Washington, como nosso embaixador nos Estados Unidos. Seus restos mortais foram conduzidos ao Rio de Janeiro pelo "North Carolina", navio de guerra norte-americano. "O único meio em que não quero atravessar o oceano: no caixão", escrevera Nabuco pouco antes à sua irmã, temendo falecer longe da pátria. Também, previra que seu túmulo seria no Recife: "Se Pernambuco pedir os meus ossos, havia dito muitas vêzes à espôsa, tu não os pode negar". Os pernambucanos os pediram num meeting público e, atravessando outra etapa marítima, Joaquim Nabuco voltou á terra natal.

★

A família Nabuco de Araújo ilustrou-se na vida social do II.º Império pelas encantadoras tradições de maneiras e as fidalgas leis de hospitalidade, cultivadas desde os mais recuados anos das opulentas mansões de Pernambuco. O temperamento aristocrático de Joaquim Nabuco não foi mais que o reflexo dessas nobres tradições.

Ao entrar no vasto salão dos Nabuco, tenho a impressão de que êle ainda vive. O espírito fidalgo da família perdura no ambiente. A festejada escritora Carolina Nabuco recebe-me com a amabilidade senhoril que foi e continua sendo o apanágio da família. Embora ela se pareça fisicamente com a mãe, a emoção comovida com que se refere ao pai parece que estão ainda todos reunidos e que aquela casa não é mais que um ambiente de veraneio.

— Minha mais antiga, mais constante vocação foi, desde pequenina, ser escritora" — diz Carolina Nabuco — "Quando era garota de cinco a seis anos, via meu pai escrever "Um Estadista do Império", trabalhar o dia inteiro nesta monumental biografia em três volumes. E eu lhe dizia que, quando crescesse, haveria também de escrever-lhe a vida, como êle escreveu a do Conselheiro Nabuco de Araújo. Felizmente, pude realizar êste projeto. Mas, mesmo naquele tempo, a história, os simples fatos, não tinham para mim o encanto dos contos de fada, dos escritos de imaginação. A verdade parece incolor às crianças e, por isso, eu lhe dizia que haveria de misturar muita mentira na sua biografia, propósito que, naturalmente, não encarei do mesmo modo quando adquiri juizo de gente grande. Mas a intenção de escrever-lhe a vida continuou, embora eu deliberadamente

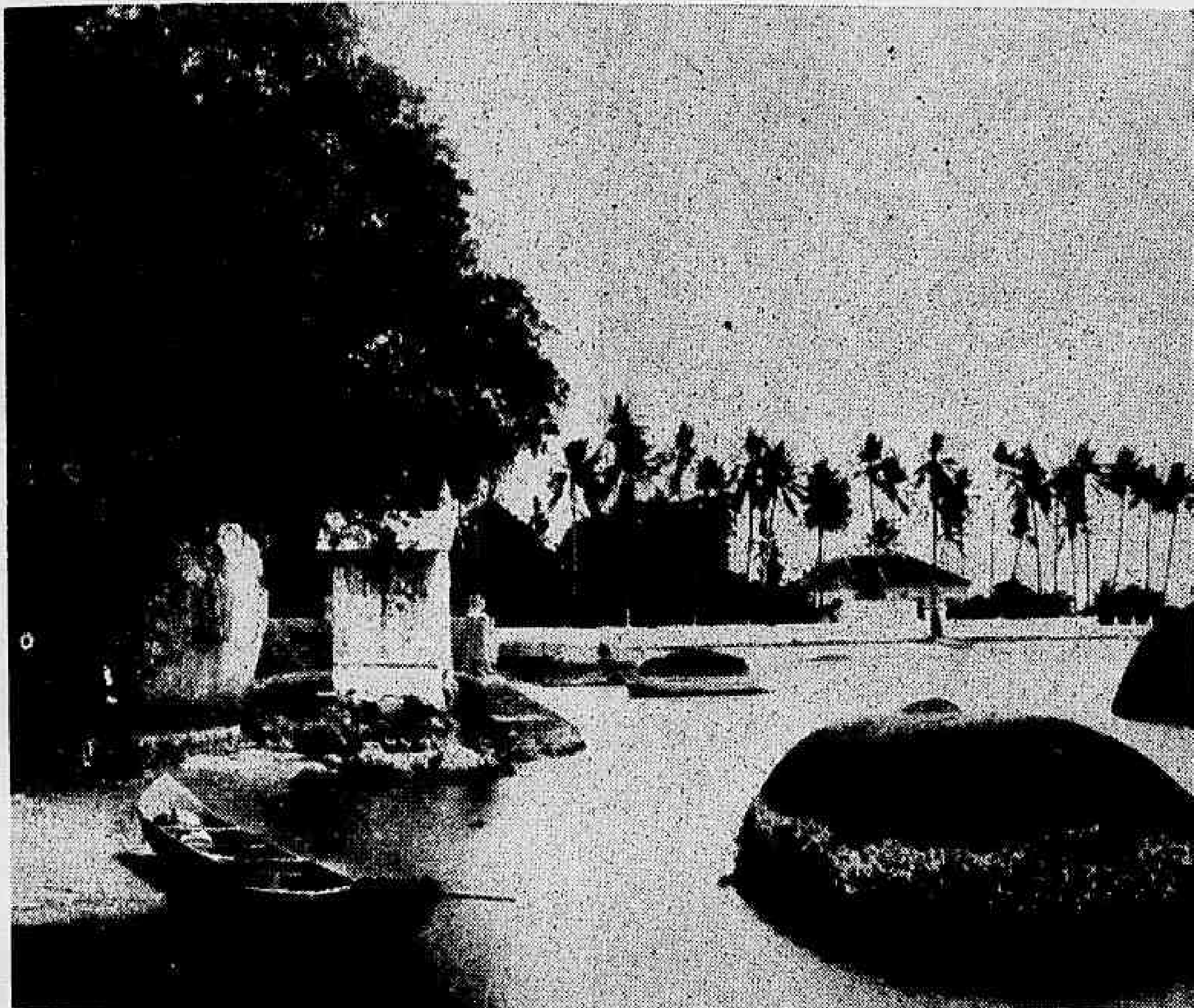
Dona Carolina Nabuco junto ao retrato do conselheiro José Tomaz Nabuco de Araújo. E' um retrato a óleo, tamanho natural, de Vitor Meireles





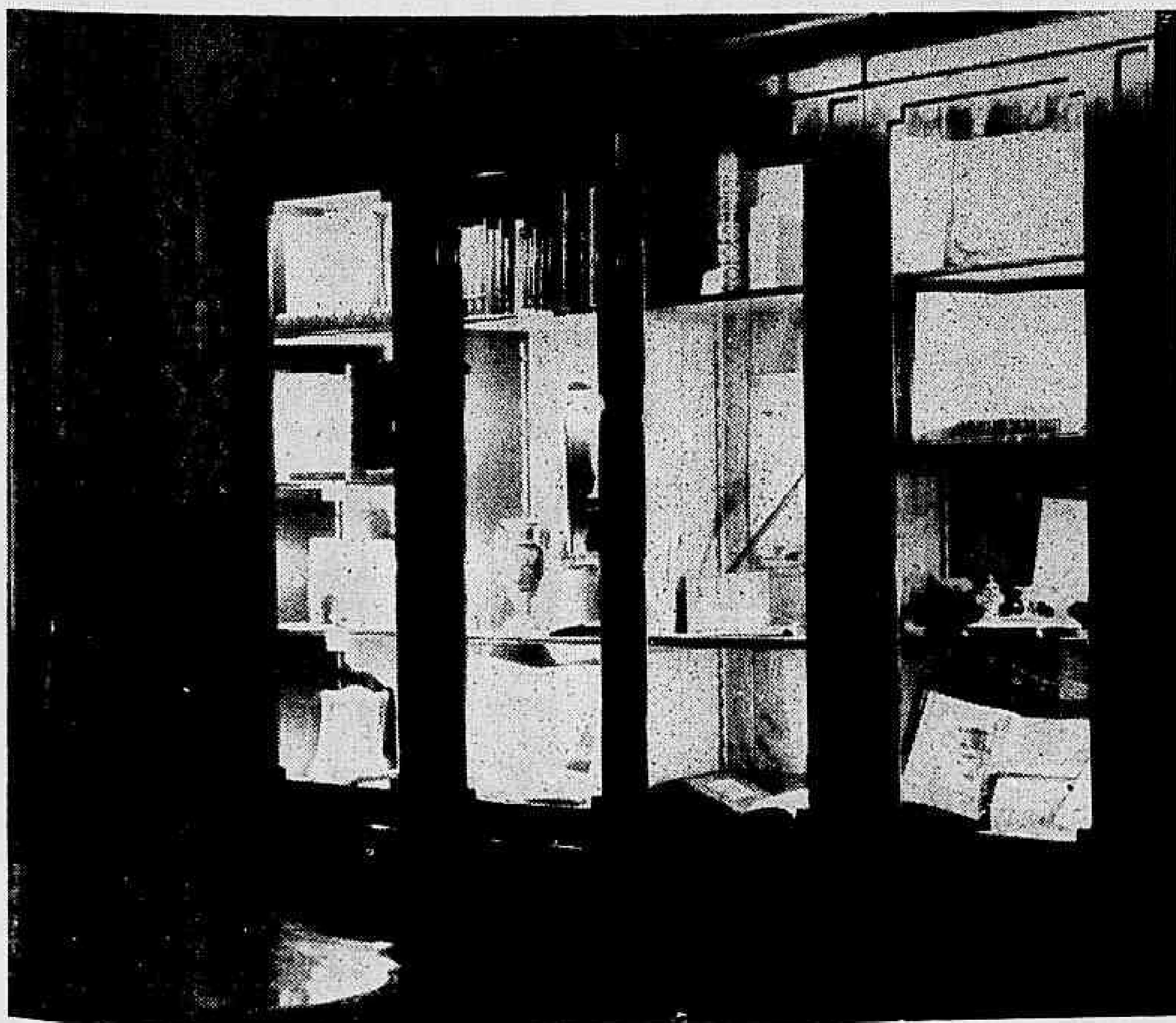


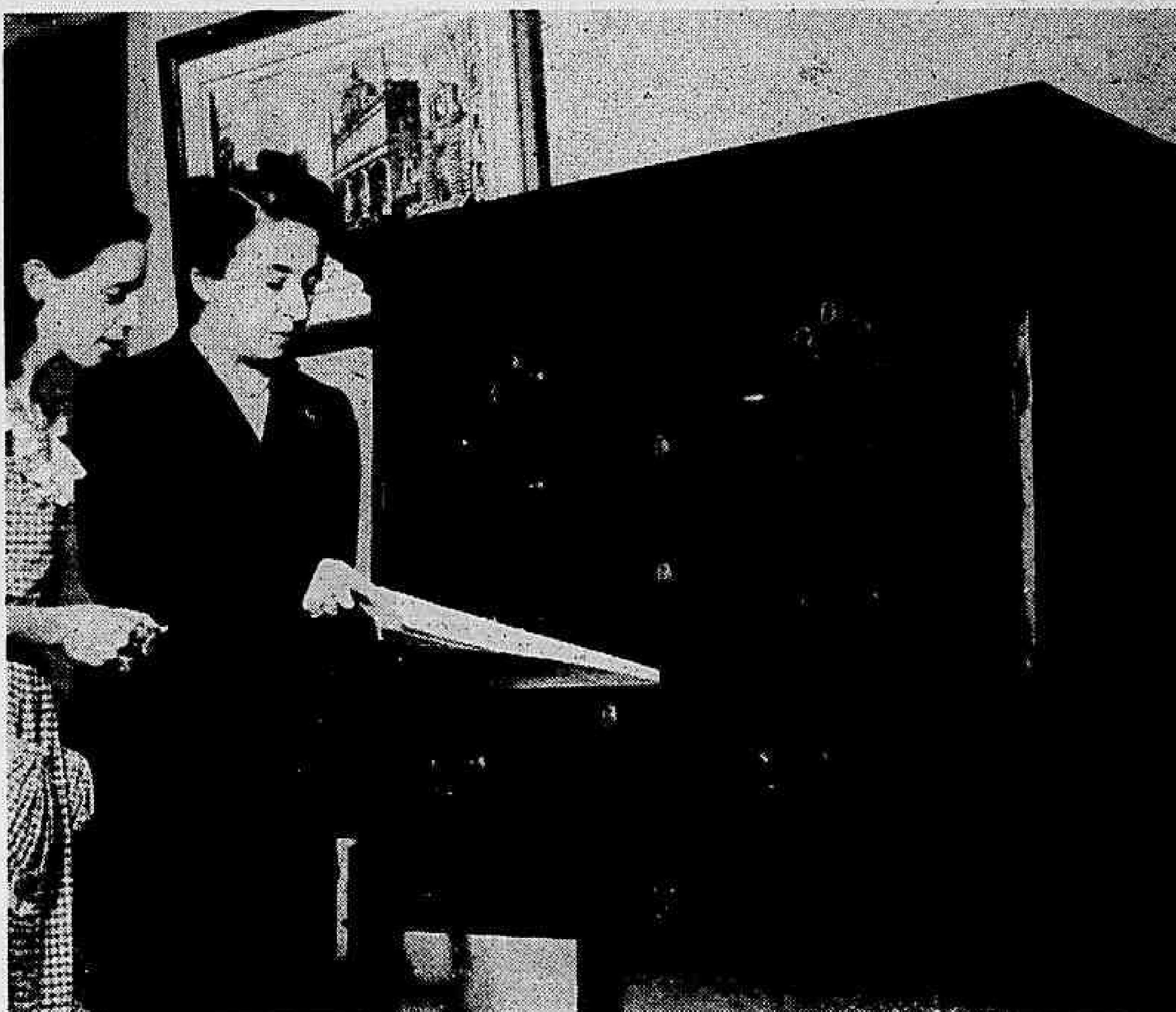
Da esquerda para a direita: Dona Evelina Nabuco, recentemente falecida. Foi uma da s mais encantadoras mulheres de seu tempo. Não é uma cena dos filmes de Carlito. Estamos na Praça de São Marcos, em Veneza. Da direita para a esquerda: Joaquim Nab uco, Anibal Veloso e ministro Costa. A escritora Carolina Nabuco, no esplendor da sua mocidade, a quem o ilustre pai dedicava especial afeição





À esquerda: Outro aspecto da residência em Paquetá, com sua praia particular, um velho criado da família e o barquinho com que faziam suas pequenas excursões marítimas. À direita: Aspecto das solenes exéquias de Joaquim Nabuco, em Washington



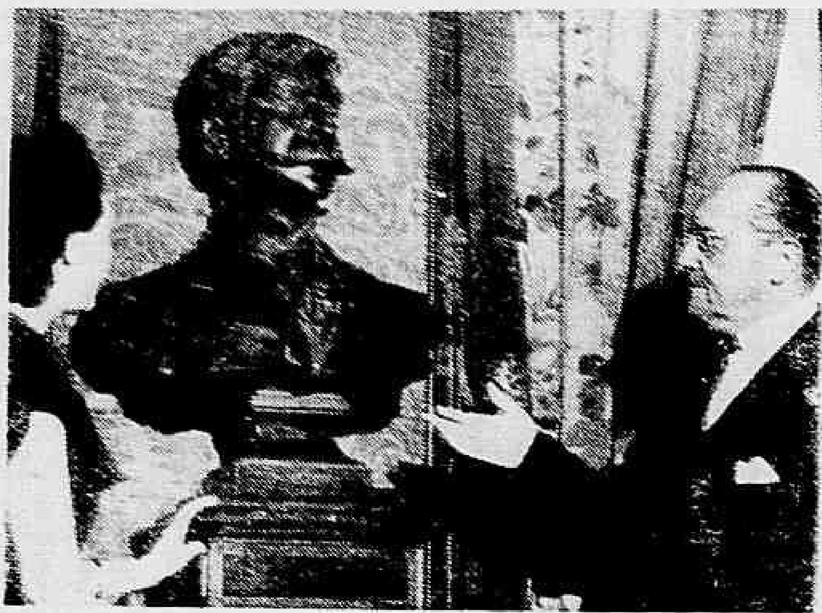


À esquerda: Exposição Joaquim Nabuco, no palácio Itamarati. O armário serviu durante longos anos na biblioteca do embaixador Joaquim Nabuco e foi doado ao Ministério das Relações Exteriores por sua família, em 1929. À direita: Autêntico móvel Shippendale, onde Joaquim Nabuco guardava os papéis. E' uma das raras coleções da família



O ministro Ribeiro de Lessa mostra uma curiosa bengala, presente de Santos Dumont a Joaquim Nabuco





O ministro Roberto Mendes Gonçalves mostra à reporter o busto de Joaquim Nabuco, de Rodolfo Bernardelli, da sala permanente "Joaquim Nabuco", no Itamarati

resolvesse esprar até os trinta anos para poder fazer justiça ao assunto e realizar um trabalho maduro".

— Na sua biografia "A vida de Joaquim Nabuco", como historiadora e biógrafa, não acentuou o aspecto mais fascinante da personalidade de seu pai: o diplomata, o orador, o escritor ou o político — observei.

— Não me era possível fazê-lo. Tive uma admiração integral por meu pai. Certa vez, escreveu-me êle uma carta, onde me pedia que não tivesse admiração por êle, porque não era herói, nem santo. As comemorações do centenário de Joaquim Nabuco têm sensibilizado profundamente a nossa família, embora mantenhamos um culto permanente ao meu pai. Apenas os filhos referense a êle como "Pai". Os netos, sobrinhos, chamam-no Joaquim Nabuco e não avô ou tio. Nosso pesar é não estar mamãe ainda viva para assistir a esta consagração nacional, embora ela tenha começado no momento da morte de papai.

Não quis prolongar a entrevista, para não tomar tempo à escritora. Editores, estabelecimentos de ensino, bibliotecas e ministérios, jornalistas, inclusive estrangeiros, principalmente norte-americanos procuram diàriamente Dona Carolina, a fim de obterem dados e informações sôbre Joaquim Nabuco, razão porque cada minuto é precioso para ela. Embora rápida, esta entrevista fêz-me sentir o glorioso passado dessa família e o papel que Joaquim Nabuco desempenhará no futuro da pátria à medida que o Brasil se elevar na história da civilização.



Ministros Sousa Leão e Ribeiro de Lessa, na sala "Joaquim Nabuco", do Itamarati





Par de vasos de porcelana proveniente de Massangana, onde Joaquim Nabuco passou a infância até os oito anos. E um tinteiro de prata, de seu uso pessoal

BROADCAST



CINE-GRATIS

O gênero humorístico, um dos mais difíceis de serem explorados, encontrou em Leon Eliachar, um inteligente cultor, é o que se depreende após ouvir "Cine-Grátis". Valendo-se de improvisações curiosas e de não menos pitorescos trocadilhos, êle consegue transformar os trinta minutos de seu divertido programa num dos melhores passatempos da segunda-feira radiofônica.

O rapaz tem veia! Longe está de seguir o caminho da licenciosidade para ganhar cartaz. Limita-se à "blague" amena, jogada com critério e convenientemente dosada. Age com sabedoria nos momentos precisos e não despreza a carpintaria radiofônica da qual, aliás, tira bom partido. Leon Eliachar, com o já vitorioso "Cine-Grátis", fugiu ao lugar comum de tudo quanto já foi explorado no gênero, revelando-se um seguro e perfeito conhecedor dos assuntos relacionados ao "broadcasting". Seu programa, criado à base da definição de Rabelais — "o riso é próprio dos homens" — nem por iso deixa de interessar ao mundo feminino. Nesse emaranhado de cartazes humorísticos, em que a maioria peca pela falta de senso artístico, o novo "broadcast" da Tupi é um exceção. Divertido, pitoresco, repleto de situações cômicas e imprevistas, êle serviu para mostrar que há gente moça capaz de trabalhar pelo bom nome de nosso rádio. Leon Eliachar é um deles. Quem o duvidar que sintonize para a PRG-3 às segundas-feiras, às 21,35. Faça-o sem receio, porque "Cine-Grátis" um "broadcast" familiar, bem ao gôsto dos que, mesmo não sendo puritanos, nem por isso aplaudem a imoralidade.

O programa humorístico da Tupi, confiado à orientação do nosso confrade de "A Cena Muda", tem, ainda, no elenco de teatro-cego da emissora associada, um prestimoso auxiliar para o melhor desenvolvimento das piadas nele engendradas. Vale, portanto, ligar para "Cine Grátis", a fim de se divertir por trinta minutos. — A. MIGUEIS.



O teatro volta a conquistar Zezé Fonseca que, desta vez, aparece ao lado de Rodolfo Mayer, na peça "De braços dados". Realiza-se, assim, a velha esperança da "estrelíssima" do rádio-teatro nacional

CONFISSÃO

Zézé Fonseca, a "estrelíssima" do rádio-teatro nacional, desperta, no momento, a atenção de seus milhares de fãs. E' que, ao lado de Rodolfo Mayer, ela volta a pisar o palco, numa temporada que promete. A propósito dêsse retôrno, a querida artista confessa:

— "Minha volta ao teatro era um velho sonho. E eu, que estreei na comédia com Procópio, em "Deus lhe pague" e, mais tarde, apareci com Dulcina em "Sinhá moça chorou", tendo, portanto, meu nome ligado a dois dos maiores sucessos do teatro brasileiro, volto agora com a esperança de conseguir do público e da crítica, o mesmo generoso acolhimento, tanto mais que terei a meu lado êsse grande ator que é Rodolfo Mayer, com um nome tão grande no teatro e no rádio, e sob a direção de Ruggero Jacobbi, que tem a seu crédito, realizações como "Estrada do Tabaco", "Arlequim, servidor de dois amos". Estrearemos com a peça de Armando Defook: "De braços dados", tradução de Geisa Boscoli".

O retôrno de Zezé ao palco está marcado para amanhã, às 21 horas, no Fenix.



Saddi Cabral, ora à testa do setor rádio-teatro da PRA-9, não deixa de ser "homem de teatro". De quando em vez faz incursões no palco

RÁDIO-FLASHES

ACONTECEU NO AR

— Luciene Delyle, está de viagem para o Rio, uma vez que assinou contrato com uma das "boites" cariocas. E' certo seu retôrno ao microfône PRE-8. ★ Também as Irmãs Meireles, dentro em breve, estarão entre nós. Elas gostaram do clima, do povo e dos cruzeiros... ★ Tina

★

Vita, pondo em prática uma velha aspiração, viajou para os Estados Unidos. A exclusiva vai descansar um pouco e, ao mesmo tempo, conhecer o rádio norte-americano. ★ Eugênio de Figueiredo entregou à Rádio Roquete Pinto, mais um programa dos que se propõe a escrever para essa emissôra. Trata-se de "Noites de ronda". ★ Jesy Barbosa não abandonou o rádio. Agora mesmo, ela vem de concluir "Ilha da revelação", novela a ser apresentada pelo elenco de teatro-cego da PRE-3. ★ Paulo Mancine, eis a nova descoberta da Globo, para seus programas de estúdio. Embora lançado sem publicidade, o rapaz agradou cem por cento. ★ Valdemar Galvão, além de locutor de uma emprêza norte-americana, vem de ser contratado para narrador dos jornais cinematográficos da municipalidade. Boa aquisição.

CURIOSIDADES

Olivinha Carvalho não chegou a pensar em rádio, pois quando entrou para o mesmo, tinha cinco anos de idade; foi em 1935, na Rádio Cajutí. Precisou de uma cadeira para chegar ao microfône. Seu primeiro "cachet" foi de quinze cruzeiros e o primeiro ordenado de novecentos cruzeiros.

Carlos Pallut, recem-consorciado com Alba Regina, é cunhado do locutor Arí Vizeu. Os três integram o "cast" da Guanabara. Como se vê, alí a família é unida.



O "big-three" da Emissora Continental, Gagliano Neto, Rubens Berardo e Guido Rossi em companhia do vereador Luis Pais Leme, por ocasião do aniversário dessa estação cem por cento esportiva

OOH! WHAT I'LL DO

De Leo Robin e Frederick Holander

Ooh! what I'll do
To that wild Hungarian!
Ooh! what I'll do
To that wild barbarian!
I'll handle that vandal
With weapons of my own
He may think I'm weaker
But I'm just loaded with paprika.
Ooh! what I'll do
To that wild Hungarian!
Ooh! what I'll trip him
I'll trap him, I'll pinch him
I'll slap him
I'll teach him maneuvers that are [new
He may call this a rendez-vous
But this will be his Waterloo
Cause Ooh! what I'll do.

★

LÁGRIMAS DE SANGRE

Bolero de Agustin Lara

Com lágrimas de sangre
Pude escribir la história
De ête sacrosanto que tu hiciste [nacer
Com lágrimas de sangre
Pude comprar la gloria
Y convertir-la en versos y ponerla a [tus pies
Y convertir-la en versos y ponerla a [tus pies.
Yo que tuve tus manos y tu boca [y tu pelo
Y la blanca tibieza que derramaste [em mi
Hoy me desgarro el alma como uma [fiera en celo
Y só sé lo que quiero porque te [quiero a ti
Y só sé lo que quiero porque te [quiero a ti.

★

VULTO

Samba de Marino Pinto e Wilson Batista

Sou um vulto
Que perambula pelas ruas
insone, incerto,
Procurando um outro vulto achar...
Sou um vulto,
Que se cansou de caminhar
E procurar outro vulto
Para se completar...
Eu no mundo
Não tenho carinho
Porque não encontro outro vulto
No meu caminho.



O novo presidente do Banco do Brasil é cumprimentado pelo ministro da Fazenda, sr. Guilherme da Silveira, após a assinatura do têrmo de posse

A POSSE DO NOVO PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL



O sr. Ovídio de Abreu pronuncia a sua oração de posse, cujo texto integral vai reproduzido nesta reportagem

No dia 29 de julho último assumiu o cargo de presidente do Banco do Brasil, para o qual foi nomeado pelo Chefe do Govêrno, general Eurico Dutra, o sr. Ovídio Xavier de Abreu, que exercia o cargo de diretor da Carteira de Redesconto daquele estabelecimento de crédito nacional. A posse do conhecido financista constituiu um acontecimento de invulgar significação, pondo em evidência o conceito e o prestígio que cercam o antigo secretário das Finanças de Minas Gerais, tanto nos meios políticos como no mundo dos negócios. Realmente, número considerável de pessoas, comprimia-se nas salas da presidência do Banco e espalhava-se pelos corredores, numa demonstração de simpatia e aprêço pouco comum em cerimônias dessa natureza. O presidente da República fêz-se representar pelo chefe da sua Casa Civil, ministros de Estado estiveram presentes, vendo-se ali inúmeras autoridades civis e militares, dezenas de congressistas e figuras de destaque nas finanças e na economia.

O sr. Ovídio de Abreu tem alicerçada a sua experiência no trato dos negócios públicos, através do desempenho de diversos postos na administração de Minas e do País, tendo exercido os cargos de secretário das Finanças e do Interior e Justiça daquêle Estado, e no desempenho dêste último, a sua governança interina; de presidente do Departamento Nacional do Café, de diretor da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil e de ministro interino da Fazenda. O brilhantismo da sua posse, foi, portanto, um reflexo da sua atuação nas altas funções em que tem servido o seu Estado natal e o Brasil.

Após os discursos pronunciados pelo ministro Guilherme da Silveira e pelo sr. Mendonça Lima, que lhe transmitia o cargo, o sr. Ovídio de Abreu leu a oração, cuja transcrição vai a seguir:

Meus Senhores

O trato cotidiano dos negócios do Banco do Brasil, em uma de suas complexas Carteiras, capacita-me para avaliar o pêso e a responsabilidade dos encargos que recebo de vossas mãos, Senhor Mendonça Lima, a cujo zêlo e experiência — comprovados em longa vida profissional — foi confiada a direção interina desta Casa, desde que se afastou dela, chamado a exercer a pasta da Fazenda, o ilustre brasileiro Senhor Guilherme da Silveira.

Tomo sôbre mim êsses encargos com a esperança de que, no trabalho sem tréguas e no desejo de servir o Brasil, encontre fôrças e inspiração para não desmerecer a confiança com que mais uma vez me honrou o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra.

À direita: O ministro Guilherme da Silveira assina o têrmo de posse



Na verdade, essa confiança, que tão generosamente me é testemunhada, enche-me de preocupações e de cuidados — notórios que são o desvêlo e a solicitude que merecem do eminente Chefe do Govêrno os problemas ligados à economia nacional, à criação das riquezas, ao barateamento da vida, à difusão do crédito, enfim, a tudo que é fundamento para a solução dos problemas básicos do País.

Não haverá segredos, nem fórmulas mágicas para resolvê-los. As leis que regem a vida econômica patenteiam que a boa administração financeira há de inspirar-se forçosamente na mesma regra orientadora que disciplina as próprias fôrças da natureza: a procura do equilíbrio.

Com uma compreensão nítida da preeminência do problema econômico, o Presidente Eurico Dutra — elevado ao Govêrno no momento em que a Nação se debatia num desajustamento indisfarçável — logo imprimiu à sua administração financeira as diretrizes que as circunstâncias exigiam e o seu patriotismo lhe inspirava.

Buscou atingir o equilíbrio orçamentário, diligenciou sanear as finanças — assim como, na órbita política, procurava equilibrar e harmonizar as fôrças partidárias, ainda em ebulição, após grande prélio eleitoral.

Empreendeu, assim, tarefa, a um tempo singela e de extraordinária magnitude, visando a vencer as dificuldades sentidas no Brasil, em consequência do desajustamento que assoberba o mundo de após-guerra.

Dentro do corajoso programa que o Govêrno se traçou, é grande o coeficiente de ação que toca ao Banco do Brasil. Além das atividades normais de estabelecimento de crédito, responde por incumbências específicas do Govêrno, cada vez mais amplas e operantes, no que concerne ao incentivo à produção agropecuária e industrial, ao equilíbrio da nossa balança de Importação e Exportação, ao contrôle do câmbio, enfim, ao auxílio e desenvolvimento de nossa economia.

Tão vastas e múltiplas funções impõem ao Banco do Brasil um esfôrço permanente para que corresponda à sua importante missão. Dentre essas funções, destaca-se, sem dúvida, a assistência ao homem do campo, criador da nossa riqueza agrícola e pastoril, base de uma indústria e de um comércio sólidos, indispensáveis ao progresso do País.

Não seria justo esquecer a valiosa cooperação dos Bancos particulares no vasto esfôrço que é mister desenvolver para alcançar aquêles objetivos. São patentes os vínculos que existem entre o Banco do Brasil e os Bancos particulares, no esfôrço comum para o fortalecimento da nossa economia.

Mas êsse objetivo, que congrega o Banco do Brasil e tantos estabelecimentos de crédito, não se poderá atingir sem que o trabalho da Nação seja protegido no seu desenvolvimento pacifico. A tranqüilidade para as atividades de nossas fôrças econômicas, mais do que nunca, é necessária. A confiança, que dela deriva, será precioso coadjuvante de nosso soerguimento.

Os serviços que, ainda nesse particular, presta ao País o Senhor Presidente Eurico Gaspar Dutra, nunca hão de ser assás louvados. Assegurada a tranqüilidade pública, numa delicada transição de regime, conseguida a harmonia política, mercê de incansável ação pessoal do Chefe do Govêrno, basta que a Nação trabalhe e prossiga nesse caminho para que sua recuperação seja facilitada na melhor parte.

Ao eminente homem público, Ministro Guilherme da Silveira, que aqui deixa uma tradição de cultura, operosidade e patriotismo, quero assegurar a certeza de minha mais devotada cooperação, esperando poder contribuir para que a obra, que tão firmemente empreendeu, possa ser levada a bom têrmo.

Envidarei, assim, todos os esforços para, obedecendo às diretrizes do Govêrno, continuar nesta Casa a nobre tradição de trabalho que nela encontro.

Na flutuação dos negócios, na freqüente mutação do aspecto dos problemas, na transformação constante das condições de vida, nesta época de transição, não é possível orientar-nos por princípios inflexíveis: trago para êste novo pôsto o propósito de buscar, em cada caso, a solução que as circunstâncias aconselharem, sem preconceitos doutrinários, e sem idéias apriorísticas.

Neste esfôrço para acertar, conto que hão-de valer-me as luzes dos ilustres colegas da Diretoria, a quem me acho ligado pela admiração e pela estima — companheiros afeitos aos complexos negócios em que se desdobra a atividade do Banco, todos êles com larga fôlha de serviços ao País.

Muito espero, igualmente, da colaboração esclarecida do funcionalismo — tanto da sede, como das agências — cuja capacidade e devotamento constituem motivo de justo orgulho para nossa tradicional instituição. Da cooperação dêsse seleto corpo de funcionários, que me é tão caro, depende grandemente o êxito da administração.

Devo exprimir a Vossa Excelência, Senhor Ministro, e a todos os amigos que aqui se encontram, meus sinceros agradecimentos por esta prova de apreço e solidariedade, assegurando-lhes que tudo farei para corresponder à confiança do Govêrno, e orientar-me na defesa dos verdadeiros interêsses da economia nacional.



O sr. Ovídio de Abreu assina o têrmo de compromisso do seu novo cargo

EM GRANDE VOGA O "PIED-DE-POULE"









SÓ há tecido que venceu totalmente nesta estação, êsse tecido é o "pied-de-poule". Todos os grandes costureiros o incluíram nas suas coleções, obtendo, êsses modelos, um grande êxito. Aqui temos, por exemplo, um amplo casaco de Jacques Griffe, um conjunto de Marcel Rochas, abotoado atrás; um "tailleur" clássico de Charles Montaigne, um modelo de Nina Ricci e uma "echarpe" em "pied-de-poule" sôbre um vestido negro, criação de Bruyère.





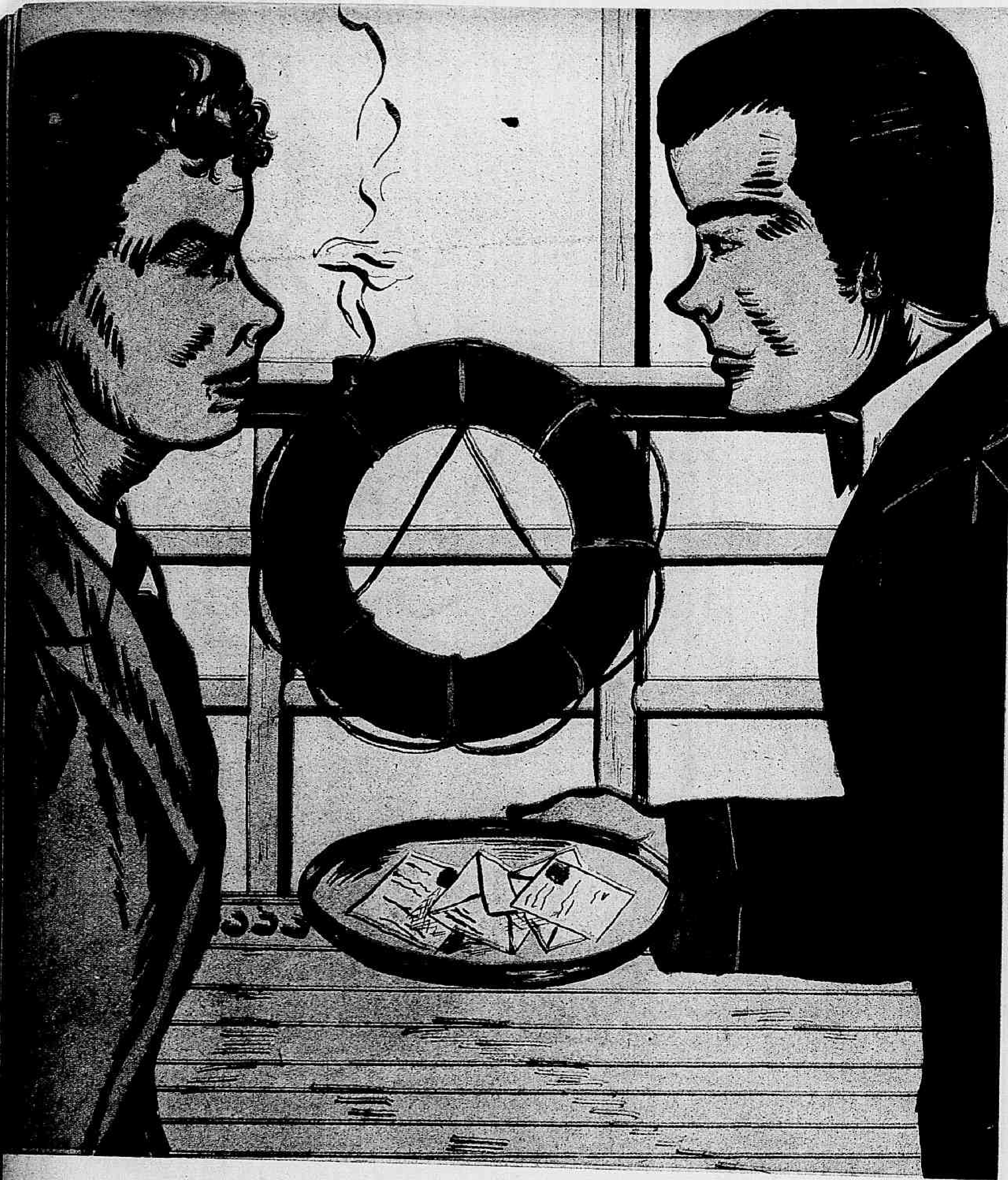


AS BELAS ESPADUAS DRAPEADAS





A echarpe e as estolas continuam em grande moda, tomando as mais variadas formas, como vemos nas criações de Schiaparelli, Pierre Balmain, Jacques Fath, Jeanne Lanvin e Robert Piguet. Estas são as criações mais elegantes, sugestivas e recentes que Paris nos envia para as elegantes cariocas.



A BANDEJA DE PRATA

CONTO DE **VERA MILWARD DE CARVALHO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **LYLIAN**

TINHA dezoito anos quando empreendi aquela viagem ao sul. Era a primera vez que viajava por mar. E estava na fase da existência em que tudo para mim tinha encanto, em tudo achava prazer. Isto porque era ainda caloura na grande escola da vida...

Como eu gozava aquêle pôr de sol, refestelada na cadeira de lona, com os olhos semi-cerrados e sentindo a Natureza em todo o seu esplendor!

A meu lado, minha mãe fazia um trabalho de agulha, interrompendo-o de vez em quando, para fazer-me perguntas como esta:

— Lúcia, não quer um bordado ou uma revista para distrair-se? Como pode você ficar àtoa, assim, minha filha?

Mas, qual! Ninguém me distraía e se divertia mais do que eu, sem fazer coisa alguma.

Minha vista perdia-se na imensidão do mar, que naquela tarde estava deslumbrante na sua côr de esmeralda polida. Depois, olhava o céu. Sob o efeito do crepúsculo, apresentava tons róseos sôbre o azul puríssimo e já algumas estrêlas começavam a brilhar...

Céu e mar, nada mais! E para que mais, se nunca eu presenciara cenário tão belo e grandioso?

— Lúcia, está fresco — disse minha mãe. — Vou para o camarote. Você fica?

— Fico um pouco, ainda — respondi.

Em seguida, minha atenção voltou-se para certo rapaz que veio debruçar-se na amurada. De onde estava, eu o via de perfil, a soltar caprichosas espirais de fumaça... Depois, êle virou-se para meu lado. Tive a impressão de que começou a observar-me.

Instintivamente, compus o vestido, corrigindo a posição um tanto à vontade...

Achei aquêle rapaz muito simpático. Não me lembrava de tê-lo visto antes. Gostaria de conversar com êle.

Mau grado meu, notei que sua atenção voltara-se agora para alguém que se aproximava.

Era um homem uniformizado, com uma bandeja de prata na mão. Já o vira algumas vêzes, indo de um lado para outro, sempre com aquela bandeja, e alguém me explicara "que fazia a entrega da correspondência externa e interna do navio".

Êsse homem parou junto ao rapaz e lhe entregou uma carta.

Então, o moço rasgou o envelope e, enquando percorria com os olhos o papel, leve sorriso lhe aflorou aos lábios... Em seguida, atirou a carta ao mar.

★

Aquêle rapaz me impressionara.

À noite no salão, à hora em que os passageiros se reuniam para jogar ou ouvir música, eu o procurava ansiosamente com os olhos.

Havia me preparado com tanto apuro como jamais o fizera.

Ao lado de minha mãe, que jogava cartas, eu percorria com a vista todos os recantos... Avistei-o, afinal!

Vinha em minha direção. Passou por mim. Senti seu olhar meigo e penetrante, dentro dos meus olhos, e, um súbito calor nas faces. Sentou-se mais ou menos próximo e percebi a sua atenção voltada para meu lado.

Só o vi desviar os olhos, no momento em que passou o homem da bandeja de prata, que, como da outra vez, lhe entregou qualquer coisa...

★

Nos dias que se seguiram, continuamos aquêle idílio platônico, tôdas as vêzes que nos encontrávamos.

Êsse "flirt" perturbava-me de tal modo que, à noite, eu passava horas a fio, com os olhos cerrados, pensando no rapaz mais simpático visto até então, lembrando o seu perfil, lembrando-o encostado à amurada, a lançar caprichosas espirais de fumaça... Depois, punha-me a devanear... Imaginava-o perto de mim, falando-me de amor, acariciando-me...

E só conseguia conciliar o sono, pela madrugada...

Uma noite, como de costume, reunimo-nos no salão de festas.

Minha mãe sentira-se indisposta, de modo que me encontrava só. "Naturalmente, pensei eu emocionada, êle aproveitará essa oportunidade para aproximar-se de mim".

De onde estava, eu o avistei recostado à poltrona, folheando uma revista. Às vêzes, levantava os olhos para mim e esboçava um sorriso...

Passou o homem da bandeja de prata. O rapaz chamou-o. Tirou do bôlso papel e caneta-tinteiro. Escreveu qualquer coisa. Ao terminar, pareceu que me olhava .. O homem da bandeja de prata caminhava em minha direção...

Senti as pulsações fortes e aceleradas. Aquela carta era, provàvelmente, para mim. Com certeza, não tivera coragem para dirigir-me a palavra e preferira escrever. À proporção que aquela bandeja se aproximava, mais perturbada me sentia... Não podia desviar dela os olhos, como que fascinada..

O homem parou. Eu já estendia a mão para a bandeja, quando uma voz suave e com ligeiro sotaque castelhano, fêz-me parar antes de pegar a carta.

— Senhor José, tem algo para mim?

— Sim, Madame.

— Então, dê-me depressa.

Num abrir e fechar de olhos, linda mãozinha se apossou daquilo que julgava destinado a mim.

Logo depois, essa mão procurou o braço do senhor gordo e grisalho que surgira de repente, não antes, porém, que ela, com rapidez incrível, escondesse a carta em baixo do jornal, pôsto sôbre a mesa defronte de nós.

Profundamente decepcionada, não sei como consegui, disfarçando, subtraí-la, enquanto a moça se desmanchava em carícias com o homem gordo, que presumi ser seu pai.

Deixei a sala, ràpidamente, e me dirigi ao camarote, ansiosa para ver o que continha aquela carta ao mesmo tempo contrafeita pela ação que estava praticndo.

Com as mãos trêmulas rasguei o envólucro. Havia escrito o seguinte:

"Querida Lolita, espero-te no lugar do costume, logo que consigas livrar-te do teu gordo e prosáico Michael. Teu, Rogério".

★

Caminhava maquinalmente, no convés, na tarde do dia seguinte.

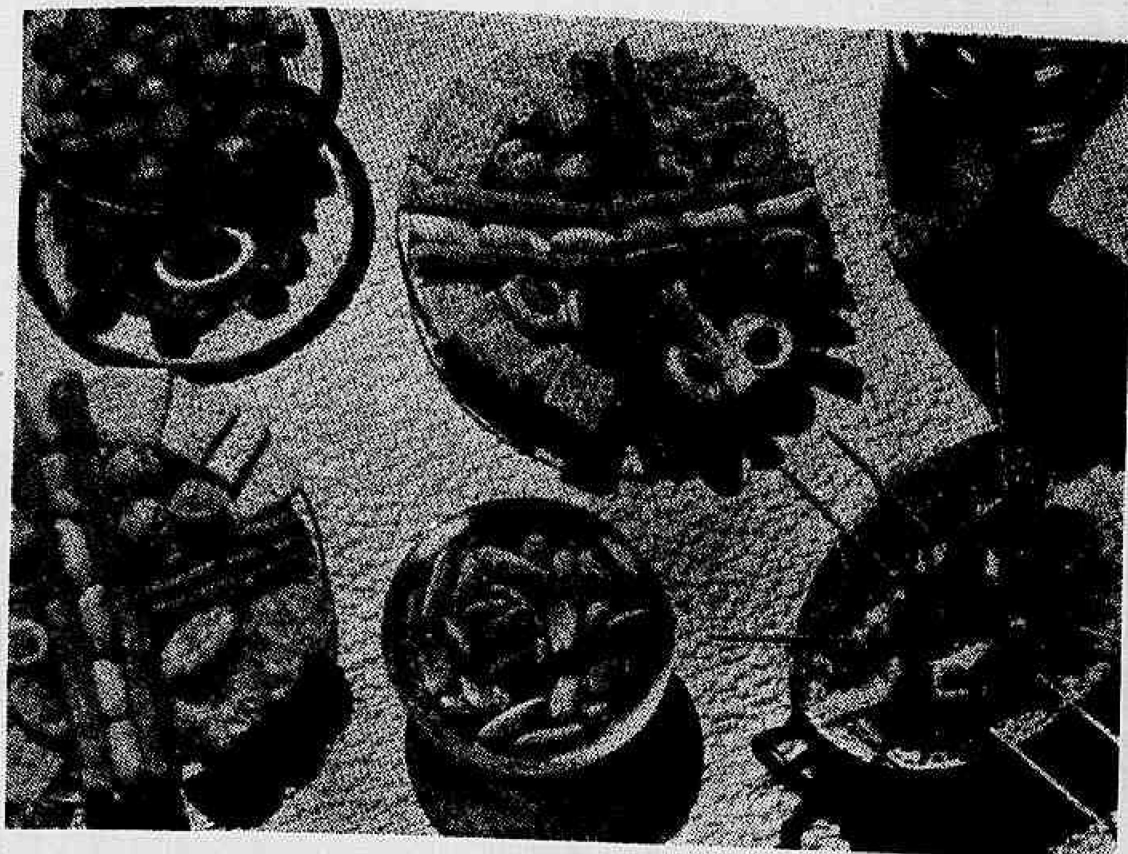
Não sei dizer quanto tempo estive por ali.

Só sei que considerava como pudera achar encanto em cair de tarde como aquêle! Céu e mar... nada mais! Nunca presenciei espetáculo tão triste e melancólico!

Lá vinha o homem da bandeja de prata outra vez... Se pudesse, atiraria aquela bandeja ao mar... aquela bandeja que me dera a primeira lição sôbre a realidade da Vida, que, de um momento para outro, me transformara de menina em mulher, e, me fazia sentir tanta amargura, assim, num cair de tarde...

SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**

week-end NA COZINHA



Os doces e os salgadinhos são indispensáveis a um "cocktail"

BOLINHOS DE BATATAS RECHEADAS

Cozinhe 600 grs. de batatas descascadas, reduza a pirão, junte sal e 2 gemas. Misture bem e divida em 12 bocados e coloque sôbre uma tábua polvilhada com farinha; abra um pouco, deite por cima um pouco de picadinho simples, cubra, enrole como uma bola achatada, passe em farinha de trigo, depois em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite em banha quente sem os deixar furar e deite sôbre papel pardo. Arrume num prato com uma azeitona fincada em cada um e agrião em redor.



FÍGADO EM PALITOS

Parta ½ kl de fígado de vitela em cubos de 2 cm., tempere com vinho e cebola ralada e frite ligeiramente na manteiga bem quente. Tome palitos grandes, enfie alguns alternando pedaços de fígado e bacon. Mergulhe em môlho Bechamel e deite num mármore untado, deixe esfriar bem, passe em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite na banha; ou enfie com cubos de bacon e frite.

OVOS MOLES

Faça uma calda em ponto de fio, com 450 grs. de açúcar, deixe esfriar, incorpore 12 gemas e 6 claras batidas e leve ao fogo fraco, mexendo com colher de pau, até aparecer o fundo da caçarola.

SANDUICHES DE LÍNGUA OU PRESUNTO

Tirinhas de 1 língua afiambrada ou de presunto, misturadas com môlho de maionese, com môlho inglês e pedacinhos de 3 ovos duros. Passar a massa em fatias de pão de forma amanteigadas.

CREME INGLÊS

Bata bem 3 gemas com 125 grs. de açúcar e 1 colher-de-chá de araruta. Ferva 2 xícaras de leite com ¼ de fava de baunilha e vá deitando, devagar, sôbre as gemas. Leve ao fogo e ferva até quando levantar a colher ela fique com uma camada do creme. Retire do fogo e bata até esfriar.

CREME DE MILHO

Passe na máquina o milho escorrido de 1 lata; junte 1 colher de manteiga, 1 colher-de-chá raza de açúcar, sal e 1 xícara de leite. Leve ao fogo e deixe ferver até engrossar.



CHAPÉUS





HA uma nova beleza nos chapéos que atualmente se usam. Agora êles se enterram mais na cabeça, tornando-a menor e mais delicada. Os véos e as écharpes que se lançam ao redor do pescoço, estão em grande moda. Em cima modêlo em feltro cinza com véu negro, em baixo, à esquerda, modêlo de Claude St. Cyr em veludo negro guarnecido com ouro, à direita, elegante creação de Le Monnier em veludo cinza habilmente drapeado.





RECORDAÇÕES DO "PARTIGIANO" DE "PAISA"

Por ROBERTO ROSSELINI

(O talentoso diretor italiano de cinema ROBERTO ROSSELLINI, fixou as suas impressões sôbre algumas das surpreendentes figuras que aparecem na sua película realística "PAISÁ" Com exceção de seis profissionais, nenhum dos atores tinha trabalhado antes no cinema. Foram êles selecionados entre os nativos do lugar. A seguir Rossellini descreve o fabuloso "partigiano", que figura no episódio do Vale do Pó daquela fita).

UM tipo exquisito era Cigolani, êsse "partigiano" cego de um olho. No tempo da ocupação alemã, tinha conduzido através do rio um sem-número de homens: "partigiani", prisioneiros americanos foragidos, espiões, quinta-colunistas, oficiais do O. S. S Durante três meses de dura luta subterrânea, Cigolani arriscou sua vida pelo menos setenta e duas vêzes na tarefa de levar essa gente para o outro lado do rio.

"VOCÊ NÃO ESTAVA COM MÊDO?"

"Você não estava com mêdo?", costumávamos perguntar-lhe. Cigolani olhava então para nós com seu único olho, sacudindo vigorosamente a "Não tenho mêdo de nada".

Era essa sua expressão favorita, mas às vêzes costumava acrescentar: "Só tinha medo dêsse sujeito, Cigolani!". E ao dizer isto, costumava soltar uma gargalhada feroz, batendo o punho contra a mão e fazendo rodar seu ôlho de grifo em volta de si, como se estivesse procurando alguém entre nós para aniquilá-lo.

Em contraste com outros tipos de heróis, quietos e a quem repugna falar sôbre si mesmos, Cigolani era uma tagarela, com tendência para falar com rapidez vertignosa, e tôda vez que tinha bebido mais ou menos um quarto de litro de vinho, começava a narrar suas aventuras no tom legendário das epopéias.



— "E por que você não escreve um livro, Cigolani?"

— "Já escrevi um! Sim, senhor! Três mil páginas, tudo por extenso!"

— "E quem foi que escreveu o livro? Foi você?"

— "Não tenho tempo para êsse assunto. O contador está escrevendo-o. Eu conto para êle o que aconteceu e êle escreve tudo."

Um belo dia apresentou-se, com efeito, aos produtores de "Paisá", com uma coleção de papéis todo amarrotados debaixo do braço. Era o livro. O título era: "Cigolani contra os danados assassinos alemães, ou Encontro inesperado de Cigolani, o homem sem medo, com o Almirante Chefe Americano".

— "E não era êsse um título bonito?"

Pedi, então, a Cigolani, que me lesse o capitulo mais importante de seu livro. Não há dúvida, que a cena mais empolgante dessa história devia ter sido o encontro de Cigolani com o Almirante Americano, e Cigolani, colocando os papéis sôbre os joelhos, começou a ler.

— "Era uma noite muito escura..." E naquela noite das trevas Cigolani estava cruzando o mar Adriático de cima para baixo em seu bote pequenino, de um remo só. De repente ouve uma voz... "Quem está lá?" — a voz lhe pergunta. Aí o bom Cigolani não sabia se responder ou não.

Naquela profunda escuridão, a voz volta a chamar, e Cigolani, encolhendo displicentemente os ombros, resolve responder: Sou eu, Cigolani!"

Mal havia pronunciado essas palavras, quando de repente milhares de luzes são focalizadas sôbre êle, e o homem se encontra defronte a um vaso de guerra "grande como a própria vida". Ouve-se, outrossim, um grande barulho produzido por correria e muita gente gritando: — "Cigolani está! Cigolani está aqui! Chamem o Almirante!" Era o navio do Almirantado da Marinha Americana no Mediterrâneo.

E, de fato, alguns instantes depois, o Almirante fêz a sua aparicão na ponte do navio. — "Que belo tipo, aquêle velho. Olha para mim e diz: — "Então, é você, o famoso Cigolani?". — "Sim, senhor, sou eu" — respondo. E após dizer uma porção de coisas afáveis a meu respeito, acrescenta: "Cigolani, você tem que me dizer como diabo consegue andar por todos os lados com essa pequena embarcação, enquanto eu sou um fácil alvo para todos os navios!"

E com essa desconcertante declaração do Almirantado americano, encerra-se o capítulo do famoso livro de Cigolani.

CINE REVISTA

LUIZ ALÍPIO DE BARROS

nas telas

"LES ENFANTS DU PARADIS"

(O boulevard do crime)

O mais recente filme de Marcel Carné — talvez o mais notável diretor do excelente cinema francês — aparecido no Brasil, "Les enfants du paradis", foi exibido em avant-première pelo Circulo de Estudos Cinematográficos, numa bela sessão realizada no auditorium do Ministério da Educação.

Marcel Carné, que foi funcionário de uma companhia de seguros, crítico cinematográfico e cine-amador, tem como diretor cinematográfico uma obra extraordinária. Desde "Nogent" (1929) o cineasta, que foi ajudante de diretor de Jacques Feyder, mostrou a sua vocação para realizador autêntico e criador consumado. "Jenny" (1936) e "Drôle de drame" (Família exótica — 1937) apresentaram sinais de grande orientação e "Quai des brumes" (Cais de sombras) e "Hotel do norte", ambos feitos em 1938, apresentaram o mestre na sua maturidade artística, esta maturidade, esta sublimação cinematográfica que Marcel Carné iria destacar um ano depois, em uma das maiores obras do cinema em todos os tempos, o admirável "Le jour se lève" (Trágico amanhecer). Em 1942 Carné realizou outro filme muito elogiado pela crítica européia, "Les visiteurs du soir" (Os visitantes da noite), exibido em sessão especial pelo Circulo de Estudos Cinematográficos, e sôbre que falaremos proximamente. Em 1944 apareceu "Les enfants du paradis" e em 1946 Carné preparou "Le portes de la nuit" (ainda inédito no Brasil) e no momento está terminando "La fleur de l'age".



"LES ENFANTS DU PARADIS"
a mímica de Barrault

"Les enfants du paradis" é um filme mais longo do que o comum, contando vinte partes. Ao planejar o filme, Carné tinha a intenção de apresentá-lo em dois episódios, e chegou mesmo a realizar a película em duas épocas, às quais êle batizou de "Le boulevard du crime" (1.ª época) e "L'Homme Blanc" (2.ª época), mas os interêsses comerciais fizeram com que o famoso diretor desistisse da idéia e lançasse o filme em exibição sem a separação de épocas. Mas que representa "Les enfants du paradis" na extraordinária carreira de Marcel Carné? "Les enfants du paradis" é, sem dúvida, a terceira obra prima ("Quai des brumes" e "Le jour se lève" são as duas outras) do famoso diretor. E' um filme definitivo e que nos traz a verdade do grande cinema francês, cinema de mestres e de gênios. O filme é todo uma beleza, uma reprodução magnífica de uma imortal época do teatro francês, quando os funâmbulos faziam rir e chorar "les enfants du paradis", os "filhos do paraiso", tôda aquela multidão que se comprimia nas **torrinhas** dos teatros, aquela multidão que ria e chorava com a mímica extraordinária de todos os Baptistes do "Boulevard du Crime".

Êste "Les enfants du paradis" possui a faculdade das coisas divinas, pois nos transporte para um mundo estranho e diferente, um mundo habitado pela doce e insatisfeita Garrance (Arletty), pelo genial, sonhador e tímido Batiste (Jean-Louis Barrault), pelo arrogante e brilhante Frederick Lemaitre (Pierre Brasseur), ou pela figura estranha de Lacenaire (Marcel Herranda), o mais notável e complexo tipo da história, o Lacenaire corrompido e descrente da humanidade, mas ainda capaz de vingar um amigo, um mundo habitado pela sordidez e pela bandade, um mundo habitado por criaturas infelizes.

Pierre Renoir e Maria Casarés estão no elenco. A fotografia, muito boa, é de Roger Hubert. Pode-se salientar como excelentes a música de Maurice Thiriet e a dialogação de Jacques Prévert. ("Les enfants du paradis", película francesa distribuída no Brasil pela U.B.C.).



"LES ENFANTS DU PARADIS"
Barrault e Pierre Bresseur

DE TODO O MUNDO

Notícias de Marianske Lazne, Tchescolováquia, informam que a indústria cinematográfica soviética foi a única contemplada com os principais prêmios conferidos pela Comissão Tcheca do Festival Internacional de Cinematografia, realizado naquela localidade tcheca. A União Soviética recebeu os rimeiros prêmios pela produção de filmes propugnadores da paz, pelos melhores atores, pelos melhores desenhos e pelos melhores filmes coloridos. A película britânica "Scott of the Antarctic, obteve um prêmio por sua música. A França obteve um prêmio pelo melhor trabalho de produção e o grande Gabriel Figueroa trouxe mais uma vez para o México um prêmio de fotografia.

★

ROMA, 5 (U. P.) — Amigos da atriz cinematográfica Ingrid Bergman e do diretor italiano Roberto Rosselini informaram que os mesmos contrairão matrimônio "tão logo ela possa".

A atriz suéca anunciou ontem à noite o seu propósito de pôr fim ao seu "perfeito matrimônio" com o dr. Peter Lindstroem. Disse, Ingrid Bergman, por intermédio de seu secretário, que iniciará a ação de divórcio imediatamente e que quando terminar a película que está fazendo aqui, retirar-se-á definitivamente do cinema.

Ingrid Bergman resolveu abandonar sua brilhante carreira cinematográfica em virtude do que ela qualificou de "rumores maliciosos" que foram propagados com relação a sua aventura amorosa com Rosselini.

Nem a sra. Bergman nem o seu representante Joseph Steele, quiseram prestar outras informações sôbre os planos da atriz. Entretanto, amigos de ambos, que residem com uma irmã de Rosselini e uma criada numa cabana na Ilha de Estromboli, disseram que Ingrid e Rossellini contrairão matrimônio tão logo estejam em condições de fazê-lo.

Ingrid Bergman e Rosselini têm sido companheiros de viagens há seis meses, as quais tiveram início quase que no mesmo dia em que a artista chegou a esta capital, procedente de Hollywood, para trabalhar num filme sob a direção de Rossellini.

Os amigos dos artistas disseram que as bôdas provàvelmente serão celebradas dentro de um ano. Steele disse que um advogado italiano encarregar-se-á do divórcio da atriz, o qual apresentará a ação a um Tribunal dos Estados Unidos, alegando como causa incompatibilidade de gênio.

Steele indicou que o trâmite judicial para obter o divórcio demorará um ano.

Ingrid Bergman e Peter Lindstrom casaram-se na Suécia em 1937, antes dela conhecer Hollywood e têm uma filha de dez anos, chamada Pia. Êsse casamento era considerado em Hollywood como o "matrimônio mais feliz".

Rosselini casou pouco antes do início da guerra com a atriz italiana de nome Marcela. Em 1940 nasceu seu filho Renzino. Em 1949, Rosselini conseguiu a anulação de seu casamento por parte de um tribunal húngaro.

★

E por falar em Ingrid Bergman, outro telegrama anuncia que ela partiu de automóvel, juntamente com o diretor Rosselini, para as praias perto de Roma, sendo acompanhados por um grupo de amigos. Ingrid e Rosselini foram até um excampo de concentração nazista em Farfa, ao norte de Roma, onde filmaram algumas cenas.

★

Dos jornais: "Fato não comum, êste de uma atriz norte-americana recusar interpretar o papel num filme somente porque deva viver a figura de uma assassina. Esta coisa engraçada aconteceu com Loretta Young, que recusou um ótimo contrato, depois do filme "Acusada", onde interpreta realmente uma assassina, embora involuntária. Hollywood ficou surpreendida, principalmente depois das declarações de Loretta, que afirmou abertamente que não fará novamente o papel de assassina em qualquer outra película. Fala-se de uma crise de consciência, pois a atriz é sumamente religiosa, e tem absoluta convicção dos poderes de sugestão do cinema sôbre a juventude. Loretta acha inconveniente para uma crente como ela, figurar num papel dessa natureza, que iria sugestionar, pèssimamente, os moços..." Verdade ou publicidade?



A ATRIZ LÊ O "SCRIPT"
Fôrça de vontade e consciência profissional



MARIA DELLA COSTA
Bonita como nunca

MARIA DELLA COSTA ENTRE O CINEMA E O TEATRO

DAS novas artistas brasileiras, Maria Della Costa é uma das figuras mais encantadoras e talentosas. Seu desenvolvimento artístico pode ser considerado como uma das mais belas carreiras teatrais e cinematográficas apresentadas por uma atriz nacional. Seu sucesso foi rápido e brilhante. Hoje, Maria Della Costa é uma consagrada atriz de teatro, e uma atriz de cinema que dispensa aqualquer apresentação.

Maria nasceu no Rio Grande do Sul, e veio para o Rio com o coração cheio de esperanças e muitos planos na cabeça. Ela sabia o que desejava, e compreendia também que não era tão fácil tornar-se uma atriz de teatro. Mas ela tinha sonhos, e uma indomável vontade de luta. Foram chegando as oportunidades e Maria lutava para não perdê-las. Estudo. Luta. Obstáculos. Dramas. Mas o seu espírito era forte, e poderosa a sua fôrça de vontade. Os primeiros aparecimentos nos palcos, a viagem de estudos a Portugal, as primeiras grandes oportunidades, os primeiros sucessos, a consagração como atriz teatral. "Vestido de noiva". "Rainha morta". O cinema. A atração da câmera. Convite. Primeira aparição na "tela. Novos sucessos teatrais. "Tobacco road". "Teresa Raquin". Outra vez o cinema. "Caminhos do Sul". Um "Caminhos do sul" esperado, que poderá redimir o que fizeram com a graciosa e inteligente atriz naquele incrível "Cavalo 13" (sem falar no ainda inédito e não muito bem falado "Inocência").

Maria Della Costa vive entre o teatro e o cinema. Grande apaixonada do palco, olha também com profundas simpatias para a câmera. Escolher entre um e outro é seu drama maior. Maria no momento anda lá pelo Rio Grande do Sul, com a companhia teatral a que pertence. Mas aqui no Rio, Fernando de Barros pensa em uma história para a atriz cinematografica Maria Della Costa, exclusiva dos "Artistas Associados". Maria vive entre o cinema e o teatro. E' uma atriz consagrada. Mas sabe que é preciso fazer mais. Porisso, Maria não deixa de estudar, de trabalhar, de lutar. Ela tem uma consciência profissional. O que não deixa de ser uma grande coisa numa atriz.



DEPOIS DO TRABALHO
Um cigarro faz muito bem

Nesta página, apresentamos três fotografias de Maria Della Costa, tiradas quando das filmagens de estúdio de "Caminhos do Sul". Fotografias feitas durante momentos de descanso.

NOTÍCIAS

"Também Somos Irmãos", da Atlântida, focaliza o problema do negro. Dirigiu José Carlos Burle e interpretam Vera Nunes, Agnaldo Camargo, Grande Otelo e Jorge Dória, além de Agnaldo Rayol, a grande revelação juvenil do Cinema Brasileiro. ★ De "Vítimas da Tormenta" ("Sciuscia"), apresentação da Eagle-Lion, disse Lubitsch: — "Um filme verdadeiramente magnificente. Um realismo raras vêzes conseguido no cinema". Direção de Vittorio de Sica. ★ "Os Sapatinhos Vermelhos" ("The Red Shoes"), romance musical tecnicolor, foi escolhido como um dos "dez melhores filmes de 1948", pelo National Board of Review, que representa os organismos cívicos, escolares e religiosos dos Estados Unidos. ★ Gilda de Abreu, que dirigiu "O Ébrio" e agora produz "Coração Materno", apresentando "Um Pinguinho de Gente", declarou dedicar o filme "às crianças de 8 a 80 anos". A produção Cinédia será um dos próximos lançamentos da U.B.C. ★ Walter Wanger, reconhecido como um dos mais corajosos produtores de "épicos" de Hollywood, apresenta, através da Eagle-Lion, "A Sombra da Guilhotina" ("The Reign of Terror"), história dramática dos dias que se seguiram à Revolução Francesa, quando a França mergulhava em sangue. A direção é de Anthony Mann. ★ "O Boulevard do Crime" ("Les Enfants du Paradis"), já foi classificada pela crítica como "um excepcional, belo e maravilhoso filme. Dirigido por Marcel Carné, a produção Pathé-Cinema apresentada pela U.B.C. inaugurou, como se sabe, as exibições de arte oferecidas pelo Circulo de Estudos Cinematográficos, do Rio.

Cada dia, há mais Kolynos-istas*

IDA LUPINO, a bela estrela do cinema, é tambem Kolynos ista e entusiasta do golfe, seu esporte favorito.





Gôsto de hortelã e frescor de orvalho!

Três essencias naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradavel a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos

agrada mais

Seja Kolynos-ista
Conserve seus dentes divinos
Visite o dentista
Prefira Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de oleos vegetais — comumente denominado sabão — neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, agindo contra as manchas, e limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

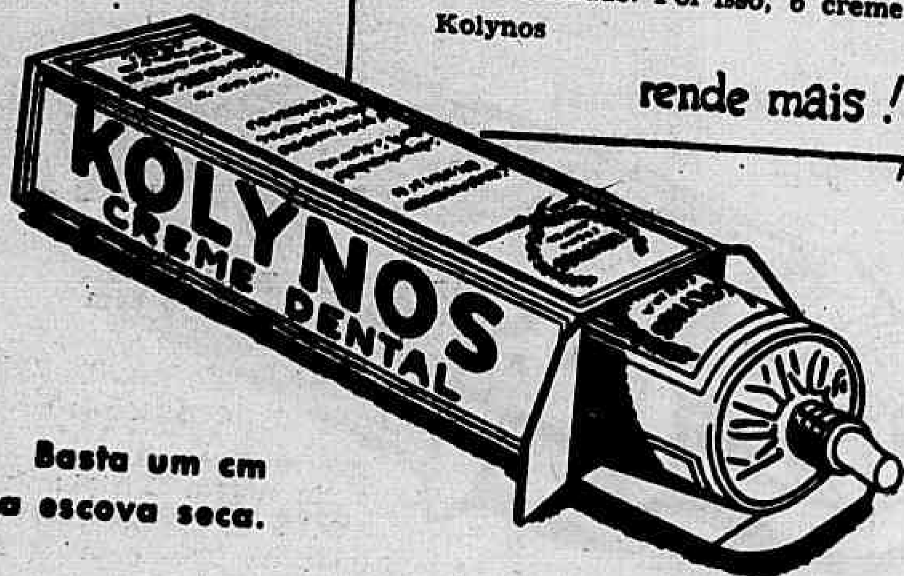
limpa mais

Em cada hora, mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

E esta preferencia, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!

McCann



Basta um cm na escova seca.

*USE KOLYNOS. SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA!



BÔDAS DE PRATA COM A ÓPERA ★ A CARREIRA DE LAWRENCE TIBBETT ★ BASTIDORES E VAIDADES ★ PROVA DE RESISTÊNCIA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

ARTISTAS, funcionários e diretores do Metropolitan Ópera House, de Nova York, reuniram-se para homenagear um membro da companhia que completou vinte e cinco anos de permanência contínua no elenco do grande teatro: o barítono americano Lawrence Tibbett.

Além dele somente três outros conseguiram manter seu pôsto entre os elementos contratados durante um período tão dilatado; e, entre êstes, só dois ultrapassaram o prazo de um quarto de século: Scotti e Louis d'Angelo.

Nos discursos daquela noite de festa, não faltou quem acentuasse, além dos méritos e das realizações artísticas de Tibbett, o sentido de sua carreira: a luta do cantor nacional que, vencendo todos os preconceitos, se impôs pelo talento cultivado com persistência.

BASTIDORES E VAIDADES

Nascido no "far-west", êle quis ser ator, fêz parte de várias companhias e ganhou, ali, uma preciosa experiência, porque, mais tarde, quando ingressou no teatro lírico, a segurança e a naturalidade com que se apresentava, no palco, valeram-lhe como credenciais raras num meio dominado por cantores mais preocupados com a voz, o canto, do que com a parte dramática. Justamente por reunir qualidades vocais e excepcionais dotes de ator é que Tibbett teve oportunidade de se destacar entre os seus colegas.

Depois de passar por diversas companhias do interior, êle chegou a Nova York e conseguiu, afinal, uma audição do então diretor do Metropolitan, Gatti Casazza. Foi um fracasso... O nervosismo, a apreensão impediram que provasse o seu valor. Casazza deu-lhe uma resposta vaga: assim que houvesse uma oportunidade, o jovem Mr. Tibbett seria chamado...

Lawrence esperou, em vão, a "oportunidade"...

Mas, enquanto aguardava, conheceu Frances Alda, àquela época principal soprano do Metropolitan e, além disso, espôsa de Gatti Casazza. Alda ouviu o rapaz e convenceu o marido de que era necessária uma outra audição. O resultado desta foi um contrato...

Mas, como a história de Tibbett não é fantasia e sim uma história real de trabalho e progresso, êle não atingiu a celebridade do dia para a noite. Seu primeiro contrato marcava um salário pequeno. Sua estréia não despertou comentários especiais.

Um dia, porém, adoecendo, subitamente, o barítono que ia desempenhar o papel de Valentim, no "Fausto", Tibbet foi procurado pela direção do Teatro. Sabia o papel? Êle pensou: ali estava a oportunidade que esperava. E mentiu: sabia, sim. E, numa noite, decorou a parte de Valentim. Já no outro dia estava pronto para ensaiar...

Mas ainda não foi desta vez que obteve o sucesso que tanto ambicionava.

Somente quando Scotti resolveu cantar o "Falstaff", de Verdi, Tibbett conseguiu se destacar. O maestro Tullio Serafin escolhera-o para desempenhar o papel secundário de Ford. Acontece, porém, que, conquanto uma figura de segundo plano na ópera, Ford ganhou de Verdi uma ária belíssima, de efeito seguro, se o cantor souber extrair-lhe todo o rendimento artístico. Nos ensaios, Tibbett provocou a ira de Scotti: ia bem de mais... E somente a insistência do regente Serafin impediu que Scotti conseguisse afastá-lo do papel. Tal foi o ambiente de tensão nos bastidores que Tibbett, na hora do espetáculo, nervoso, sem saber se seria ou não substituído na última hora, esperava o maior fracasso de sua vida. Quando enfrentou, porém, o público, na grande cena de Ford, sentiu-se subitamente calmo, seguro e interpretou o monólogo do marido traído com tal fôrça dramática que, ao terminar, recebeu a maior ovação que registra a história do teatro. De pé, a assistência saudava o jovem artista americano. No final do ato, quando Scotti aparecia para receber os aplausos, afastando o competidor, o público reclamava: "Tibbett! Tibbett!". E, quando êle surgia, as palmas faziam um ruído ensurdecedor. O indescritível entusiasmo daquela noite ecoou na imprensa. Porém ainda contra as expectativas dos que pensam que a vida de um cantor é um tecido de sucessos e dinheiro, êle não ganhou contratos fabulosos no dia seguinte... Só muito mais tarde obteve um merecido aumento nos sessenta dólares semanais que recebia.

PROVA DE RESISTÊNCIA

Contudo, se a carreira de Tibbett não se transformou numa suave ascensão, em sucessos e rendimentos, seu prestígio desenvolveu-se continuamente. Cresceu a confiança do público no cantor que transformava os personagens mais conhecidos do repertório internacional, em apresentações novas, intérprete e — mais do que isso — criador. Os problemas mais difíceis, cênicos e vocais, foram resolvidos por Tibbett, corajosamente. E a direção do teatro, os compositores, o público se habituaram a vê-lo realizar proezas como a que lhe foi imposta por Louis Gruenberg, autor de uma ópera baseada na peça de Eugene O'Neill, o "Imperador Jones", na qual, durante dez longos quadros, Tibbett, no principal papel, fica quase que continuamente em cena e há trechos de mais ou menos uma hora de canto, sem interrupção.

Depois de vinte e cinco anos de Metropolitan, Tibbett ainda afirma que a vida de um artista é de constante aperfeiçoamento, que, perdida a pura resistência física, a robustez da voz de sua juventude, êle está aperfeiçoando as qualidades técnicas que permitem extrair maior rendimento, manter a doçura do timbre a firmeza da emissão. "Não entendo essa comemoração como o fim de uma carreira — explicou êle. — Estou começando um novo período".

TEATRO

JOSÉ FOMM

APÓS uma vitoriosa excursão pelo norte do País, "Os Artistas Unidos" retornaram a essa capital para uma rápida temporada no Teatro Carlos Gomes. Essa representação, a preços populares, conta com todos os sucessos da Companhia liderada por Henriette Morineau. Começando com "Frenesi", prossegue com "A governanta", "Uma rua chamada pecado", "O casaco encantado", "Elizabeth de Inglaterra", "Pecado original".

Há pouco tempo Flora May desligou-se de "Os Artistas Unidos", ficando assim o "cast" feminino desprovido de uma artista. Dessa forma, Henritte Morineau, contrariando sua vontade, permitiu o ingresso de sua filha Antoinette no palco. Êsse fato, naturalmente, despertou o maior interêsse nos meios teatrais. Antoinette é brasileira, contando apenas 18 anos. Sua educação foi elaborada de maneira adversa ao palco, e agora, quase inesperadamente, aparece em cena num difícil papel.

Como era de se esperar, a jovem filha de Morineau herdou o talento, o grande talento de sua mãe, conforme comprovou em sua atuação em "Cristina", de "A governanta", que foi felicíssima, onde a debutante não o demonstrava ser, revestindo tôda a sua interpretação com segurança e sobriedade. Assim, Henriette Morineau não apresentou nenhuma novidade em seu repertório, mas presenteou o Teatro Brasileiro com uma verdadeira atriz.



Antoinette Morineau

★

Maria Fernanda revelou-se em "Hamlet", quando da primeira apresentação pelo Teatro do Estudante, no Fênix, encarnando "Ofélia". Êsse seu trabalho foi unanimemente aplaudido pelo público e pela crítica. Apesar do êxito, Maria Fernando continuou estudando, sem tomar os ares pomposos tão frequentes em artistas. Trabalhou em "Terra violenta" e foi a principal personagem na peça de Rabindranath Tagore "O carteiro do rei", traduzida pela poetisa Cecília Meireles, mãe da jovem atriz.

Agora, Maria Fernanda conseguiu uma bolsa de estudos do Conselha Britânico para estudar arte dramática na Inglaterra, e para isso seguirá dia 25 dêste mês para Bristol, onde ficará treinando na escola do Old Vic, companhia mundialmente famosa, à qual pertencem Laurence Olivier, Ralph Richardson, etc.

Diante do aplauso da imprensa brasileira, o Old Vic distinguiu a jovem atriz brasileira, permitindo que iniciasse o curso já no segundo ano da escola.

★

DO ESTRANGEIRO



Cena de "Miss Liberty", com Allyn McLerie, Ethel Griffies, Eddie Albert, e Mary McCarty, vista por Hirschfeld

Estreou em julho, no Imperial Theatre de Nova York, a revista musical "Miss Liberty", com canções de Irving Berlin e libreto de Robert E. Sherwood. A idéia dêsse musical surgiu quando Sherwood entrava na baía de Hudson, no "Queen Mary", como único civil, durante a última guerra. A exclamação dos militares doante da estátua da Liberdade, abriu-lhe os olhos para êsse tema, e assim começou a escrever o "show".

Em "Miss Liberty" é narrada a história da rivalidade entre os dois jornais "The New York World" e "The Herald", o primeiro pertencendo a Joseph Pulitzer e o outro a James Gordon Bennet, em 1885 aproximadamente. Pulitzer havia conquistado grande popularidade fazendo a campanha entre aos cidadãos para o pedestal da estátua Por seu lado, Bennet conseguiu grande prestígio, trazendo a Nova York uma mocinha que um fotógrafo de seu jornal encontrou no atelier de Bartholdi (o escultor da famosa estátua), suposta modêlo da estátua da Liberdade. Também figura no musical o Baile dos Polícias, onde ferveu a rivalidade entre os dois grandes homens de imprensa, causando sérios aborrecimentos a todos envolvidos na história.

Tomam parte nesse musical Eddie Albert, Allyn McLerie, Mary McCarthy, Ethel Griffies, Charles Dingle e Philip Bourneuf.

CASA ROLAND

UM NOME... UMA GARANTIA...

1200 — Linda e útil caneta-tinteiro, penas e adornos folheados a ouro Cr$ 40,00
Idem, como acima, em prata Cr$ 30,00

1201 — MARAVILHOSO colar de pérolas da Tchecoslováquia, com lindos fechos de segurança, cravejados de águas-marinhas (garant...
1 volta .... Cr$ ...
2 voltas .... Cr$ ...00
3 voltas 200

1202 — Excelente despertador — Fabricação suiça — Máquina resistente e muito durável. O que existe de melhor (oferta especial). Tamanho 15x13 — Cr$ 125,00

1203 (ÚLTIMA MODA) — Elegante bracelete em prata portuguêsa, c/chapa para gravação de duas iniciais grátis. Em grande moda
Para Senhoras e Meninas .... Cr$ 60,00
Para Senhores e Garotos .... Cr$ 70,00

1204 — Elegante relógio de pulso para senhora, 17 rubis, folheado a ouro, pulseira de plaquê, garantido por 20 anos .. Cr$ 920,00
Idem c/pulseira cordonnet sêda .... Cr$ 529,00

1205 — Deslumbrante relógio suiço, 15 rubis, p/senhora, folheado a ouro, vidro lente abaulada, pulseira cordonnet de sêda (com certificado de garantia). Quadrado ou redondo .... Cr$ 495,00
1205-A — O mesmo artigo, porém cromado .... Cr$ 335,00

1206 — Cronógrafo, o relógio 100% de precisão, fabricação suiça, 17 rubis, folheado a ouro, marcando até décimos de segundos Cr$ 780,00
1206-A — O mesmo artigo sendo cromado .... Cr$ 580,00

1207 — 15 rubis, folheado a ouro, c/certificado de garantia, pulseira plástica .... Cr$ 275,00
1207-A — O mesmo artigo em aço, prova dágua e luminoso Cr$ 235,00

1208 — Deslumbrante anel, ouro 18 quilates, p/senhora, c/linda cravação em safira branca, rubi, ametista ou topázio (preço especial) Cr$ 275,00

1209 — Notável anel, para senhoras e cavalheiros, ouro 18 quilates, cravação belíssima de rubi, água marinha, safira branca, ametista, topázio ou qualquer outra pedra desejada pelo freguês .... Cr$ 210,00

1210 — Magnífico anel, ouro 18 quilates, todo confeccionado em alto relêvo, lindas cravações em rubi, topázio ou safira branca Cr$ 555,00

CASA ROLAND

REEMBOLSO POSTAL PARA TODO BRASIL

CASA ROLAND — ESCRITORIO E EXPEDIÇÃO PARA TODO O BRASIL RUA MEXICO N.º 41 — 3.º ANDAR — SALA 308-A — NÔVO ENDERECO — RIO DE JANEIRO

BLUSAS Esporte

Cambraia francesa — Cotiné suiço
Peau D'ange — Papeline inglesa
casaquinhos de lã
Conjuntos de casaco e blusas de lã

VISITEM NOSSAS EXPOSIÇÕES

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/56

Vendas pelo Crédi-Mesbla

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

ATENÇÃO!

Já está a venda "Eu Sei Tudo" de Agosto

Contendo entre outros assuntos sensacionais:

A VERDADE SOBRE O SUICIDIO DE JAMES FORRESTAL:

Numa sensacional e dramática revelação de Drew Pearson, o reporter que ganha 48 contos por semana para falar ao microfone a 30 milhões de ouvintes e mais 38 contos, também semanalmente, para escrever uma coluna, reproduzida por 600 jornais norte-americanos!

QUE ESCONDE O CÉU, AINDA? — Uma reportagem, vertiginosa sôbre o que se conhece e se conhecerá, brevemente, graças ao "ôlho ciclópico" do Observatório de Palomar.



A FESTA DE N. S. DO OUTEIRO DA GLÓRIA, com o seu histórico e gravuras das diferentes épocas dêsse tradicional festejo religioso.



Na mesma edição: DOIS ROMANCES
QUATRO CONTOS
CONHECIMENTOS ÚTEIS OU CURIOSOS
TUDO SE EXPLICA
NARRATIVAS HISTÓRICAS
A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS
VIDA NO CAMPO
REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS
NO MUNDO DOS SELOS

CARICATURAS — INFORMAÇÕES — NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA — ENCICLOPÉDIA POPULAR — CHARADAS — ETC.

TUDO FARTAMENTE ILUSTRADO EM CEM PÁGINAS

COMPRE HOJE MESMO O SEU EXEMPLAR

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.° andar
— Sala 217 — Fone: 6-6718

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

Dúvida

(Cont. da pág. 31)

tira à dor... Tóxico fulminante, suicídio! Aproximou-se lentamente o criminoso; Angela jazia fria, o semblante angustiado, aquela mesma expressão de receio e susto com que sempre lhe indicava o bom caminho. Sentou-se a seu lado, chamou por ela, beijou-lhe a face branca, alisou-lhe os cabelos louros, graciosamente desfeitos sôbre a testa e, com um lenço, limpou num canto dos lábios da jovem morta um fio do veneno mortal que escorrera... Chamou-a ainda com carinho. Em vão. Só então compreendeu que amava aquela mulher; amava e fôra amado! Perdera para sempre aquêle tesouro!

Oh! Destino! Agora que se resolvera a viver bem. Com Angela seria feliz, teria tudo: amor, alegria, tranquilidade. Sò agora a compreendia. Tarde demais! A estrada do passado apresentou-se juncada de erros graves, delitos, crimes. Nada de útil construira na comunhão dos homens de bem. Passara pela vida sem viver com dignidade! Sua consciência bradava-lhe inexorável: "Que fizeste da tua mocidade?"

Do jardim entrava pela janela um cheiro suave de vegetais germinados; a natureza pareceu-lhe engalanada, nos lares vizinhos, quietos, havia paz e liberdade; e Angela, a sua Angela, estava morta! Morrera por êle, como estava escrito naquele papel. Lembrou-se do pelotão de fuzilamento.

Com o coração confrangido e a face compungida transportou-a para o leito. Delicadamente, com intensa ternura, cobriu de beijos suas mãos geladas e ficou longo tempo a contemplá-la.

Ergueu-se depois, resignado, de uma gavetinha retirou cigarros, acendeu um. Olhou em tôrno. O quebra-luz iluminava fracamente os móveis, os adornos, o cândido rosto de Angela, tudo. Nas gavetas havia jóias e dinheiro suficiente; lá em baixo permanecia o carro, poderia fugir, homisiar-se nas florestas, ir para longe, bem longe; improvisaria uma arma, por preço algum venderia a existência, atingiria a fronteira...

Mas, não! Sentou-se novamente. Recordou-se do dia em que a conhecera; as alegrias, as horas felizes, seus ralhos e súplicas, seus cuidados e apreensões, seu sorriso acolhedor, sua voz compassiva. Quatro anos de devotamento...

A dor vergava-o como uma haste de junco batida pelo vento. Um pranto intermitente agitou o condenado. Lembrou-se do promotor público. Certamente seus juizes não o condenariam se o vissem naquela desoladora situação. O Destino bem pudera ter esperado mais um pouco... Ia, prometera a Angela, deixar para sempre a carreira do crime. Por que não abandonara a idéia do assalto planejado? Nunca mais ouviria a sua voz, não mais o esperaria, aflita, à janela; de longe jamais vislumbraria sua figurinha impaciente nem seus olhos iluminados de alegria. Pura e inocente cansara-se de esperá-lo.

Beijou-a ainda muitas vêzes. A noite ia alta. A abstracão de Eugênio foi quebrada por vozes e ruidos.

Seus perseguidores, depois de enérgicas batidas por tôda a cidade, localizaram o carro parado em frente ao apartamento e subiam apressdos. Os perdigueiros sentiam o cheiro da prêsa...

O condenado deixou a morta e, sem a menor resistência, desceu, com um cigarro na boca, acompanhado de seis policiais. Ao entrar no carro olhou ainda uma vez, a última, para a janela do apartamento...

Sentia, agora, que há, necessàriamente, regendo a humanidade, um poder, uma entidade suprema, uma coisa, um valor, talvez um Deus, uma potência!

Perdera a liberdade, malbaratara o amor e o Destino caprichoso fizera-lhe a última concessão, tirando-lhe a dúvida, mas aumentara-lhe o infortúnio.

O carro rodou rumo à Casa da Morte. O converso não viu mais a luz de um novo dia. Três horas depois se daria a execução.

Vertigem

(Cont. da pág. 18)

tremo esfôrço, tossiu e pousou os olhos em mim, caindo novamente sôbre o tapete. Ainda levantou as pálpebras, uma ou duas vêzes, como se estivesse surpreendida. Depois seu rosto ficou sereno e impassível como o de uma criança. Soltou um breve suspiro e ficou quieta como se dormisse.

Um minuto se passou sem que eu me movesse. Minhas mãos tremiam. Fiz esfôrço para serenar meu espírito. Depois me aproximei da janela e examinei minha roupa. Nenhum vestígio. Só em meu ante-braço se via uma pequena mancha de sangue. Era necessário limpar imediatamente.

Fui imediatamente ao banheiro e tudo ficou em ordem.

A saúde do bebê

(Cont. da pág. 24)

O oposto também pode ocorrer, naqueles casos em que a criança, recebendo uma alimentação demasiado rica em albumina, uma taxa elevada de gorduras, oferece o aspecto da **superalimentação**.

Mais comum é o quadro da sub-nutrição, como no aleitamento natural em que a secreção do leite materno é insuficiente e a criança está passando fome.

Noutras vêzes a distrofia é devida a um aporte insuficiente de substâncias minerais ao seu organismo, mediante a alimentação, pobre de sais minerais e vitaminas, o que, quase sempre, acontece acima do sexto mês, quando o regime lácteo da criança se prolonga, sobrevindo a anemia, sofrendo a embebição normal da célula, sobretudo em falta de ferro, vitamina C e cálcio alimentar.

As distrofias da criança se traduzem em quadros vários a que não são nunca extranhas certas particularidades próprias das condicões individuais da criança. Umas crianças têm mesmo uma particular tendência a reter água em excesso em condições que a isto favoreçam, porém, com a mesma facilidade a perdê-la, perdendo em algumas horas de diarréa ou mesmo febre a maior parte de seu próprio pêso.

Se, todavia, condições peculiares da criança favorecem extraordinàriamente os efeitos verificados nas distrofias, não há dúvida, porém, que elas são a afirmação, sempre, de um êrro alimentar que é preciso corrigir.

O que faz a gravidade nas distrofias é que elas, expressam, ao mesmo tempo, uma diminuição das resistências naturais da criança no que diz respeito a seu mecanismo de defesa contra as infecções, principalmente porque o comum é, nesses casos, subsistir o "deficit" de vitaminas na alimentação e estar alterada a própria constituição do sangue da criança, deficiências essas que comprometem sèriamente as suas defesas durante a infecção.

No que diz respeito ao aparêlho gastro-intestinal, dá-se, no geral, uma grande mudança, que prepara o terreno para as infecções, mais tarde, causadas, às mais das vêzes, pelo coli-bacilo, que passa a ser o germe dominante naquele aparêlho. Quando, no seguimento de uma distrofia, instala-se o processo intestinal bem caracterizado, deve-se ter como presente o coli-bacilo, máxime se as fezes revelam o **estado catarral** do intestino.

Se, em geral, ocorrem mais as distrofias graves na alimentação artificial, a causa está justamente aí, pois, na alimentação natural o intestino da criança não oferece esta mudança quanto ao elemento infeccioso, mas nela predomina uma flora especial, absolutamente inofensiva.

Não é raro, porém, encontrar-se o **distrófico**, entre crianças alimentadas ao seio, seja por excesso de alimento, seja, ao contrário, por escassez do leite materno. Nesta última hipótese, o que se passa, em última análise, na criança, é o estado de **fome crônica**; como no excesso de leite materno, o estado de excesso nutritivo da criança, que tanto pode levar ao estado de pletora da criança (criança superalimentada) como ao próprio estado dispéptico, com cólicas, ventre timpanoso e túmido, e até vômitos, pêso parado.

Agora tinha que ir-me. Para sair teria que dar de cara novamente com ela e isso me pareceu arrepiante. Mas... Elena já estava morta e não iria eu encontrá-la a esperar-me no sofá, diante do fogão. Foi, pois, com satisfação que verifiquei que ela estava ali estendida, morta, tal como a havia deixado. Uma mancha escura se estendia lentamente no tapete.

Aproximei-me do sofá, abri a caixa e retirei algumas fôlhas de papel. Se fôsse prêso, se tivesse que pagar por êsse crime, ao menos daria ao público algo que falar. Não seria um assassino comum. Em cada página ou lauda de papel havia escritas a máquina coisas como estas: "Assim se vai o tempo, branqueando as velhas igrejas da cidade". Assim dizia uma. Isso daria o que pensar. Noutra lauda havia textos da epístola de São Paulo aos romanos acêrca de Sodoma e Gomorra. Pensariam que o assassino era um louco. Os jornais abririam grandes manchetes e eu poderia ser salvo como um demente.

Tudo estava escrito com tipos de uma máquina que havia numa casa do gênero no centro da cidade. Fingi que ia comprar uma e escrevi aquelas coisas, levando comigo as tiras. Era difícil identificar o papel e a máquina em que foram escritos.

Enrolei as fôlhas, inclinei-me ante o corpo e introduzi uma em cada narina da morta, e, entre os dentes a terceira. Feito isso, retirei-me. Dez minutos depois tinha eu pressa de chegar ao ponto do ônibus que me trouxera. Por sorte não esperei muito. Começava a cair o crepúsculo naquele dia hibernal e sombrio.

Sentado no ônibus repassei mentalmente meus planos. Possuía eu um bilhete, cujo número estava anotado no registro da estação ferroviária, numa de suas agências da cidade. O empregado do escritório juraria que m'o havia entregue. Êste bilhete era justamente o que eu ia usar agora. O trem das 3,57 me levaria ao centro demasiado tarde para reunir-me com Mabel em casa dos Carlés, mas suficiente para encontrá-la no trem das 6.05 e explicar-lhe que me haviam retido no escritório. Previ que essa circunstância dos assuntos que me tinham retido no escritório era um ponto frágil, em meu favor; mas faria eu duas rápidas visitas de maneira a provar que, naquela tarde, estivera eu no centro. Mabel poderia dizer que chegara no trem de 1.52 e meu bilhete se encontraria entre os do dia em Paddington. Salvo se faziam as coletas depois da chegada de cada trem.

Além de tudo, ninguém sabia aonde havia ido Elena. Suas empregadas testemunhariam que esa saíra às três. Se eu fôsse acusado ficaria provado que eu não teria tido tempo para cometer o crime, e isso vinha a meu favor.

O trem das 3.57 chegava ao centro a um quarto para as cinco. Daí por diante podia eu fazer que várias pessoas me vissem. Não podia haver ninguém que me acusasse, salvo se alguém me viu na sala de espera ou sair depois que o trem de Mabel se foi. Mas eu estava certo de que ninguém me vira.

— Viu a senhora êste punhal entre as coisas pertencentes ao seu espôso? — perguntaria a polícia à minha espôsa e ela, com certeza responderia que não.

Com efeito, aquêle punhal jamais tinha sido visto por ela. Eu o comprara, fazia muito tempo, numa loja de curiosidades e sempre o guardara entre minhas coisas íntimas. Ou deixariam de interrogar às espôsas quando os maridos estavam submetidos a juizo? Eu não sabia bem.

Quando chegámos à estação eu procurei envolver-me em capote e baixei a aba do chapéu, suportando com ansiedade os minutos de espera do trem. Aquêles instantes me pareciam anos de vida. Por fim chegava o trem. Entrei e comprei um jornal, eu estava intranquilo Não me sentia bem. Quando o combóio chegou a Paddington, procurei um carro de praça e lhe dei uma direção em Notting Hill, onde um amigo possuía um pequeno escritório dirigido por êle mesmo e onde eu esperava encontrá-lo. Logo que chegámos, subi correndo as escadas. À porta havia um letreiro que dizia: "Favor esperar-me. Voltarei em cinco minutos". Entrei e voltei a ler meu jornal. Passei dois ou três minutos sem saber se estava a ler o mesmo jornal do trem.

Ouvi passos na escada, e entrou o proprietário do escritório, desculpando-se da demora. Ao reconhecer-me exclamou:

— Oh! És tu?... Sinto tê-lo feito esperar. Retiveram-me mais tempo do que eu supunha. Penso que não me esperou muito.

Olhei o relógio.

— Não... apenas uns vinte minutos.

— Céus! Desculpe-me! Não podia ter a idéia de que me iam fazer demorar tanto!

— Ora! Não tem importância. Não há mal nenhum nisso. Fingi um pretexto qualquer e disse que também passara pelo escritório de Baines, mas o encontrara ausente.

— E' verdade, êle está fora. Também o procurei inutilmente.

Fiquei radiante. Isso me serviria bastante. O homem me estendeu uma cigarreira, dizendo:

— Felizmente me encontrou. Embora com um pouquinho de atraso...

Depois daquilo pareceu que não era necessário fazer outras visitas. Meu "alibi" estava bem arranjado. Fui encontrar-me com Mabel e ainda passei por dois outros escritórios conhecidos..

Minha espôsa me entregou uns embrulinhos e ficou contente por ver que eu viera buscá-la para nossa casa.

Sentado numa das cadeiras, eu olhava para fora do trem. Achei esquisito o modo por que todo mundo no carro balançava com a cabeça. Que bobos! Eu fui entregando todos os meus pensamentos à lembrança do meu crime. Estaria ela morta? Chegariam a saber que o assassino era eu? Levar-me-iam prêso? Minha consciência dizia repetidamente: Sim, sim, sim. O trem corria na escuridão. Passei a olhar um jornal que um senhor lia ao meu lado. Mabel estava com os olhos cerrados.

Por fim, chegámos a casa. Achei que Mabel me olhava como se olha para um animal raro. Mas isso era minha imaginação. Era a consciência...

Entrei na alcova e deixei ali os pacotes de Mabel sôbre a cama. Ela deixou também ali sua bôlsa, tirou o chapéu, e se mirou ao espêlho do toucador. Depois saiu do quarto sem falar.

Quanto mais se passavam as horas mais eu me sentia nervoso, trêmulo, covarde. Sentei-me na cama de meu quarto e passei a mão pela fronte. Estava com os lábios secos. Era horrível. Horrível o que eu fizera. Senti uma espécie de alívio quando notei que minha espôsa estava no banho. Eu sentia uma espécie de remorso quando ela me dirigia o olhar. Quando saiu do banheiro, eu me sentei e cerrei os olhos. Esperava a todo momento que ela gritasse, que me chamasse aflita e acusadora. Eu era um criminoso e ela me censuraria. A luz foi acesa. Eu me ergui e saí meio louco em direção da escada. Parecia que ali havia um cadáver. Mas não havia nenhum corpo. Ri. Ri com uma gargalhada estúpida. Mabel me olhava surpreendida e meio aflita.

— Que se passa contigo, Armando?

— Comigo?...

— Sim... que se passa contigo?... Teu procedimento durante tôda esta tarde tem sido estranho. Terás bebido?

— Não! Não bebi. Que se passará comigo?...

— Todos estavam intrigados com o que se passava contigo.

— Todos?! Quem todos?...

— Ora quem! Os Carlés, por exemplo. Não falaste com ninguém a não ser uma vez, e esta mesma foste grosseiro com o coronel Douglas.

— Eu?! Grosseiro com os Carlés? Não sabes o que dizes, Mabel!

— Por Deus, Armando! Que se passa contigo?... Que estiveste a fazer durante tôda a tarde? Armando, meu querido!...

Comecei a rir. A princípio baixinho. Depois mais alto e a tremer. Em seguida eu gritava, soluçava, angustiado.

Abracei-me com ela e escondi minha cabeça em seu seio.

— Vamos, Armando, meu amor. Nada há que temer.

Compreendi a verdade. Eu estava fora de mim. Tôda aquela tarde eu pas-



Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGRÊDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba





Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Agua de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, líquido,
vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
A VENDA EM TODA PARTE

Laboratório do SABÃO RUSSO
FUNDADO EM 1830
MANOEL LUIZ GARCIA
Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

NÃO SOBRÁRA NADA!
Os Magos da Culinária
• Pudera! Tão saborosos... E aqui está o segrêdo de alimentos deliciosos, apetitosos • de fácil digestão:
AMIDO DE MILHO MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS
Verifique o acampamento índio em cada pacote
À "MAIZENA DURYEA" 49-11
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus
USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.° andar — Sala 217



Recente enlace da sta. Ilza, filha do sr. Teixeira Novais Júnior e espôsa, com o tenente Germano Lima, filho do sr. Sílvio Pereira Lima e senhora



No dia 1.º do corrente, realizou-se o almôço com que as firmas filiadas ao Sindicato das Emprêsas de Publicidade Comercial festejaram o primeiro aniversário da instituição. Falaram os srs. Walter R. Poyares, Roberto Gray, ambos muito aplaudidos, num ambiente da mais franca cordialidade. A foto é um flagrante da brilhante festa

sara fora de mim, como que alucinado, como um autômato, enquanto minha consciência havia estado ocupada... Tôda aquela história, os detalhes, a realização do crime haviam sido a lógica fantástica de minha mente enfêrma. Em imaginação eu havia matado Elena. Meu Deus! Se isto era mentira...

— Sabes? Pensei que... — mas me interrompi. Já tinha tido muitas contrariedades. Para que repetir? Mas prossegui a medo: aquêle punhal... eu o dei de presente há muitos anos, não é verdade?

— Sim, meu amor... E' exato. Não te preocupes mais.

Mabel me disse que eu precisava de repouso. Pobre Mabel! Estava assustada, horrivelmente assustada e procurava ocultar com um semblante maravilhosamente animado. Fui sentar-me com ela ao sofá. Rodeei-lhe a cintura com os meus braços. Suspirei profundamente e lhe segredei ao ouvido:

— Não te assustes, meu amor... tudo já passou. Foi uma alucinação... uma vertigem...

Quatro irmãos

(Cont. da pág. 28)

— Mal... — e despejei a história.

— Leve êste cartão meu, mas — veja lá o que vai fazer desta vez, hein? — só entregue na mão do diretor!

Assim fiz, depois de vencer as resistências de costume. Em quinze minutos fiquei regente da Nacional. Agora a resistência era dos colegas, compositores e regentes já feitos... Entre a lealdade de poucos, a sujeira e o cabotinismo de muitos e o desprêzo de quase todos, fui indo... Quando terminou a guerra, eu estava com uma Sinfonia da Vitória composta há tempo. Os companheiros da Nacional não quiseram executá-la. A iniciativa coube a outra emissora, concorrente. Ganhei um bruto prestígio com a Sinfonia, mas... perdi o emprêgo. Felizmente a coisa já era agora um pouco melhor para mim... O resto — terminou Walter Schultz Pôrto Alegre — você sabe.

Sim, o resto eu sabia. Êle é hoje um nome continental, como compositor e regente. Conversávamos em sua casa de família, na Capital gaúcha, onde — de passagem — deu um concêrto. Dentro de uma semana estaria regendo nos teatros do Prata. Ainda que próximo, já vai longe o tempo da carroça. Agora o negócio é de verão... De qualquer forma, diz que ganharia mais dinheiro vendendo macarrão do que fazendo música. Eu acredito. Naquele domingo estávamos reunidas umas vinte e tantas pessoas ao redor de sua mamãe, aplaudida cantora da geração passada, para comermos a macarronada que Walter preparou pessoalmente.

Uma delícia. O dia marcava um acontecimento excepcional para a família: pela primeira vez, em dez anos, se reuniam os quatro irmãos na casa materna. Já falamos de Walter. Viggo, o mais jovem, é especialista em línguas. Alarich é botânico e professor universitário. Harald é etngrafo.

Viggo domina aceitàvelmente o português, o alemão, o inglês, o francês, o espanhol e o dinamarquês. Além disso, "vai" com o italiano, o norueguês e o latim... Ufa? Mas seu forte está mesmo nas três primeiras. Raro "scholar" do Rio Grande, segundo afirma um de seus mestres, terá penetrado tão a fundo no espírito do idioma inglês, persinalidade curiosa: trabalha no comércio, tem o "hobby" dos peixinhos raros (aquário com pequena bomba elétrica para dosagem de oxigênio, aquecedor — também elétrico! — e termômetro). Anda de motocicleta. Isto é, andava. Porque há pouco tempo um transporte do corpo de bombeiros, contra o sinal, lhe arrebentou a máquina e o deixou três dias desacordado no Pronto Socorro. A perna direita, quebrada, encurtou alguns centimetros e ainda está no gêsso. Não calcificou até agora, apesar do forte tratamento por hormônios. Quando está à vontade, veste bombaixa e chapelão gaúcho, que contrastam exòticamente com as muletas. Rapaz culto, tem terrores primitivos: acredita plamente na feitiçaria. Atribuiu tôdas as desgraças atuais ao azeite de dendê e aos "serviços" que aparecem de manhã lá no jardim.

Alarich Schutz é bastante diferente de Viggo. Como êste, tem formação universitária. Graduou-se em Marburg. Distinção na tese de doutoramento. Leciona na Universidade do Rio Grande do Sul, na Universidade Católica da mesma Capital e é chefe do gabinete de identificação micrográfica de madeiras, do Instituto Tecnológico do Estado. Dá a impressão de ver tudo pelo ângulo científico. Parece um comandante prussiano — quando sentado ao microscópio — a calcular o tiro pelo telêmetro. E' um cientista frio e excelente professor. Aquelas aparências enganam. E' praça de boa paz, é ótimo amigo. Banco da família, com quem todos se desapertam, como diz Vigo. E na sua especialidade, podem crer que não se encontram muitos no Rio Grande nem no Brasil. Quase perdeu as cadeiras que rege num episódio de ópera-bufa. Teve de registrar o diploma no Ministério de Educação, que pegou fogo na seção exata onde se encontrava o processo com o canudo. Estávamos em guerra com a Alemanha. Marburg, onde se doutorou, fica lá. O curioso e o trágico é que o inspetor federal, do próprio Ministério de Educação, cumprindo as normais legais, o aperreava para que provasse ter diploma devidamente registrado, sob pena de exclusão! Só um segunda via, remetida por um amigo generoso, depois da guerra, viria aliviar a situação. E os arquivos da flora meridional do Brasil que o professor Schultz vem fazendo? Maravilha, de classificação e de fotografia. Mas preciso poupar espaço. Ainda tenho pela frente o etnógrafo. Toca a vez de Harald.

Vocês podem imaginar um homem quarentão, grande, louro, com oitenta e dois quilos de pêso, e que dá a impressão dos vinte anos? Pois êsse é Harald. Exímio fotógrafo, conquistou o Serviço de Proteção aos Índios de câmara em punho. Manêja tão bem as fotos a prêto e branco, como em côres ou ainda a máquina de filme cinematográfico. Hoje é assistente do Museu Paulista, enquanto passa pelos cursos da Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo. Discípulo de Herbert Baldus e de Curt Nimuendajú, já falecido. Eu o conheci durante suas conferências em Pôrto Alegre, quando vi desfilarem várias tribos de índios brasileiros, com seus tipos e costumes. Excepcional documentário, não só pela narração e observação, mas especialmente pelas ilustrações fotográficas e cinematográficas, com som e côr. Depois, naquele almôço de família, conversamos uma parte da tarde. Aí vai a reprodução do diálogo, no trecho que me parece mais interessante:

— Quem era mesmo, e como era êsse discutido Curt Nimuendajú?

— Um alemão, que se chamava realmente Curt Unkel. Apaixonado pelos estudos de etnografia e de etnologia, embarcou para o Brasil muito jovem. Aqui viveu e aqui morreu, pelos nossos índios. Deixou-nos, como legado, uma centena de publicações sôbre êles. Foi só o que deixou, além de uma grande veneração entre os indígenas. Tanto, que em vida lhe deram o cognome — êle o adotou para sempre — de Nimuendajú.

— Mas que quer dizer "Nimuendajú"?

— Uma vez êle me falou sôbre isso. Não posso lembrar exatamente o significado. Mas sei que quer dizer algo como "o reconstrutor da casa ou o construtor da nova casa". Talvez se faça alusão.

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1542

ANEMIA
DEBILIDADE
CLOROSE

O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA
GRANADO

Preparado com Hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº .....
NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

CASPA
QUÉDA DOS CABELOS
CALVICIE
JUVENTUDE ALEXANDRE
Faz cessar a quéda dos cabelos
Evita os cabelos brancos
Evita a prematura calvicie

A beleza ao seu alcance

LEITE Belvitan

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

com isso, à sua dedicação pelas culturas indígenas.

— E essas afirmativas desabonatórias que se propalaram sôbre Nimuendajú? Dizem respeito a certas experiências sexuais com os índios, que êle viria fazendo em sigilo e que só os seus arquivos, após sua morte, revelaram.

— Pelo que conheci de Nimuendajú, posso garantir que não são verdade. Não é possível que um homem, com seu devotamento e sua inteireza, além da infinita bondade, incomensurável bondade para com os indígenas, fizesse isso. Absolutamente não creio nessas versões.

— Em sua atividade pessoal nas aldeias dos índios, como trabalha?

— Sigo a lição de Nimuendajú e a experiência dos bons investigadores nesse campo. Ando sempre sozinho. Ao penetrar no território de qualquer tribo, de brancos só vou eu. Apenas, geralmente consigo guias dentre os próprios índios que quero documentar. No mais, não há regras fixas. Cada caso é um novo problema, que a intuição, a experiência, o tato ou a inteligência têm de resolver.

— Mas por que isso de andar sozinho?

— E' simples. O branco, o estrangeiro, é um corpo estranho dentro da tribo. Para se poder penetrar na sua intimidade, é necessário que a gente como que se anule, se dissolva no grupo. Para o investigador de alguma classe isso é perfeitamente possível. Já para dois ou mais, muito difícil, senão impossível, em face do próprio número...

— Há pouco falou num caso difícil...

— Tremendo. Mas, são cavacos do ofício. Certa vez eu estava sozinho como sempre, entre os índios Umutina, acima da Barra dos Bugres, à margem direita do Rio Paraguai, em Mato Grosso. Vivem num reservado, a umas sete léguas dum pôsto do S.P.I. Bravos, ainda refratários à civilização, nada se tinha até o momento sôbre suas cerimônias fúnebres. Toquei-me para lá com um completo equipamento fotográfico e cinematográfico. A contínua redução de suas terras, que os colonizadores vão expoliando quanto podem, fêz a caça rarear cada vez mais. Os Umutinas viviam um período difícil. Quase não havia carne e o alimento era pouco. Mesmo assim iniciei os trabalhos. Infelizmente, durante a coleta de mitos e da história da tribo, falou-se no assassinato do pai de Kupo, o meu guia e amigo Umutina. Há muitos anos atrás os brancos o haviam matado a tiros. Ao relembrar o fato Kupo se tornou sombrio. Eu lhe emprestava uma de minhas carabinas, para caça grossa, de dois canos para chumbo e um para balas. Enquanto eu trabalhava na aldeia, frequentemente êle caçava para nós. Sua mulher cozinhava para mim. As refeições eu as fazia na casa deles. Cada vez mais arredio, Kupo certa vez desapareceu com a carabina. Sua mulher mentiu-me, afirmando que Kupo fugira levando a arma. Fiquei danado e esbravejei: estava só com uma espingarda de pequeno calibre para resolver o cruciante problema da carne! No fim do dia reconheci pelos estampidos a carabina perdida. Deixei o trabalho e me dirigi para a casa de Kupo. Encontrei-o tirando o couro de um veado. Além disso, felicíssimo na caça, havia também outro animal de porte. Falei-lhe e me sentei perto dele. Brinquei e disse que, abatidos com minha arma, os animais eram meus. Kupo trabalhava sem responder, sinal evidente de zanga. Naquele momento, eu estava de calção curto, alpargatas e chapéu de cortiça. Nada mais tinha comigo. Quando eu falava calmamente a Kupo, de repente, sem uma palavra, êle se atirou sôbre mim. Descarregou tremendo golpe no meu ombro esquerdo, com um facão de três palmos de lâmina. O sangue jorrou. Mesmo que eu quisesse, não teria podido reagir. A fúria ancestral contra o branco matador de seus irmãos e de seu próprio pai se reacendia de inópino no coração de Kupo. Não tive outro caminho senão fugir, deixando o chão marcado por um rasto vermelho. Enveredei para uma roça atrás da casa, mas logo diante tropecei e caí de ventre para cima. Kupo, junto de mim, levantou o facão terrível. Instintivamente encolhi as pernas e as joguei para a frente, num derradeiro esfôrço para a vida.

Meus pés atingiram o peito do índio, que cambaleou e deixou cair a arma. Arrastei-me rápido e me adonei dela. Levantei-me para intimidá-lo e êle recuou. Em seguida, foi direito à casa. Percebi num relance que era chegada a minha hora: ia buscar a carabina pesada... Reapareceu já com a espingarda à cara. Corri de novo, mas o terreno era plano. Eu era um ótimo alvo à mercê de sua pontaria excelente. Enxerguei um pequeno tronco de árvore cortada e me abriguei muito mal atrás dele. Quase todo o meu ficava à mostra. Enquanto Kupo apontava, eu tinha uma vontade louca de viver. Lembrava especialmente minha filhinha, a uma distância de milhares de quilômetros. Ouvi um estampido e imediatamente uma mancha de sangue borbulhou no meu peito. Kupo carregou de novo a arma. Era de repetição e eu contava as balas. Ainda faltavam cinco! A ânsia de escapar à morte era tão grande que eu, pràticamente morto, tinha esperança, apesar de tudo. Novo tiro. O braço esquerdo, tenso pelo esfôrço emotivo, arriou sôbre o corpo: estava fraturado. Eu já perdia sangue por três ferimentos. E ainda contava as balas... Foi quando a arma engasgou. Tive fôrças para erguer-me e correr mais uma vez. Embrenhei-me por um bambuzal abrindo caminho a facão, que me saltou da mão e perdi. Parei longe, debaixo de uma árvore, branco, esvaído, à espera dos sucessos. Se Kupo viesse, não poderia mais mover-me. Já não tinha fôrças. Positivamente era o fim. Kupo não veio. Desacordado, fui recolhido por dois índios amigos e enrolado numa esteira imunda. Carregaram-me para uma choça. Quando voltei a consciência vi que me haviam lavado as feridas com ervas. Pedi minha pequena farmácia. Tentei fazer os índios prepararem uma injeção anti-tetânica, mas quebraram a ponta da seringa de vidro. Já era noite. Nenhum queria, mas consegui que dois deles fôssem até o pôsto do S.P.I. levar aviso do que havia acontecido. Passei mal a noite. Menos pelas feridas do que pelas ameaças que Kupo me transmitia por outros. Afinal amanheceu. Os índios puderam enfim ajeitar o adaptador à seringa. Injetei-me parte de uma ampola, que se perdeu quase tôda. Perto do meio-dia chegaram dois homens do pôsto. Sete léguas numa esteira passada por um pau, ao ombro de dois abnegados, vários meses de hospital, e aqui estou eu para outra...

— Bem, digo, essa é demasiado dramática para um fêcho de reportagem. Tenha paciência, mas conte outra. E que seja alegre.

— E' a segunda, das experiências que recordo. Foi entre os índios Croá, uma bela gente. Cordial, e com um tipo físico dos mais bonitos que tenho visto na selva. No fim de minha estada na aldeia deles, sem que eu soubesse e com raro tino político, me elegeram conselheiro. E' uma das mais altas dignidades da tribo. Com isso não só me festejavam, mas tambem pediam que os defendesse, na civilização, das acusações de que roubavam o gado dos fazendeiros vizinhos. Nada me custa e me é grato fazê-lo, pois, realmente, não são ladrões. Pelo contrário: têm uma moral muito rigorosa. Além disso, são simpáticos e alegres. Curioso é o ritual com que investem os dignitários da minha classe.

— Como foi?

— Uma grande festa que começou ao amanhecer. Fui acordado pela bulha da aldeia. Carregaram-me em triunfo ao redor da praça central, pintados garridamente, parando à porta de cada casa. De momento a momento estouravam os tiros das pica-paus, as espingardas de carregar pela boca, geralmente a única arma de fogo que possuem. Uma alegria infernal. E eu, feliz e meio sestroso...

— Pelos tiros?...

— Não. E' que eu ia nos ombros deles. Um por um, os homens me carregavam montado em seu pescoço. Depois, imagine, com êste corpo, chegou a vez das mulheres. Tôdas as mulheres me carregaram também, nos ombros, uma de cada vez.

— E daí?

— Daí, que eu tinha de cumprir o ritual. Durante todo êsse tempão — compreendeu? — eu estava... nu!

★

Abramos um parentesis para dizer algo sôbre os "Umutina". Nessa tribo é

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"
envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA
AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

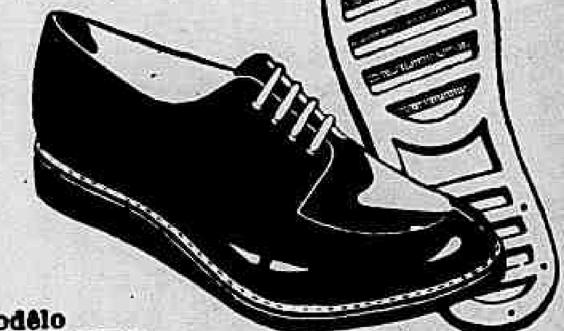


Modêlo BALLET-ZEFERINA
À prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 38 - Preço: Cr$ 129,00



Modêlo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr$ 145,00

Modêlo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilhona, havana e marron, selado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr$ 129,00



Modêlo NORMANDO
Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha.
Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 165,00



Modêlo CASTELO
Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44
Preço: Cr$ 120,00

Modêlo SIDNEY
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. De ns. 36 a 44: Preço: Cr$ 100,00



E VAREJO
ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA
"A POPULARÍSSIMA"
ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!

★

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

costume que os maridos venham coabitar a casa da espôsa. Cada família ocupa determinado espaço na casa comum, tendo seu fogo de cozinha, seus lugares de trabalho e de dormida. Na maior casa da aldeia "Umutina" residiam cinco gerações. Todos os habitantes femininos são parentes consanguíneos. Os filhos permanecem na casa materna até ao dia do camento. Depois pertencem à nova família, à da espôsa. Os filhos são educados pelos pais. Em caso de morte da mãe, o marido, viuvo, querendo contrair novas núpcias deixa a casa da espôsa falecida e de seus filhos que serão "educados" pelos parentes femininos da falecida espôsa

Outrora, os "Umutina" eram tão temidos como ainda hoje o são os "Chavantes". O pequeno grupo ainda residente nas matas da margem direita do alto rio Paraguai, atém-se tenazmente às velhas tradições. Não querem tornar-se índios "civilizados", o que para êles significa índios degenerados física e psiquicamente. Índios que não são mais nem índios nem neo-brasileiros. Gente que não sabe mais vergar o arco pesado dos "Umutina" e enfrentar as agruras da luta pela vida na mata. Gente com costumes viciados, que substituiu a educação rústica dos índios da mata pela moleza da gente civilizada. Gente que contraiu, além dos vícios, numerosas doenças asquerosas desconhecidas dos "Umatina" livres. Enfim, não querem que êles e seus filhos se tornem tão asquerosos como para êles são os néo-brasileiros. Mas, o tempo marcha a favor da civilização ocidental; não tardará o dia em que o último remanescente da soberba tribo dos "Umutina", que souberam defender heroicamente as suas matas, seja vencido pela civilização.

Antigamente usavam couros de onça sussuarana, jaguatirica, ariranha, lontra, e macacos noturnos como plastrão sôbre o peito e o dorso, defendendo-os contra os tiros certeiros de arqueiros inimigos, e, talvez contra as garruchas dos invasores brancos. Hoje o costume tem somente outro significado, perdendo o guerreiro. Quando o velho Yarepá deseja visitar o seu irmão que reside a umas centenas de metros em outra cabana na floresta, coloca os couros de onça por êle mesmo morta, nas costas, adorna sua fronte com um lindo e vermelho diadema de penas de arara, toma arcos e flecha na mão direita e uma pesada clava em forma de gládio na esquerda, e só então se dirige cerimoniosamente a casa de seu irmão. Ainda outro sentido têm os couros de animais esticados e ostentados sôbre as costas. Crêem os "Umatina" que as almas de seus parentes falecidos reincarnam em animais, especialmente aves, bem como em objetos de origem animal.

Os couros tornam-se portadores da alma de seus parentes mortos, por isto tomam lugar de destaque durante os festejos de culto aos mortos, que realizam uma vez por ano por ocasião do amadurecimento do milho.

Parece o mundo às avessas entre os "Umutina", pois são as mulheres que usam o cabelo cortado rente, enquanto os homens o usam comprido, atando-o em cima da cabeça com uma corda de tucum enrolando-o com uma faixa de algodão.

O algodão fiado manualmente é tecido num tear primitivo. A saia não demonstra nem princípio nem fim. E' uma espécie de tubo que, dobrado, prende-se por flexão sôbre as nádegas. Tingem-na de vermelho com urucu. Mesmo crianças recém-nascidas já recebem uma minúscula sainha de algodão.

O milho é o alimento básico dos "Umutina". Cultivam-no em extensas roças que, anualmente, preparam nas matas ribeirinhas do rio Paraguai. Conhecem várias qualidades de milho, especialmente o milho mole, sendo que algumas amadurecem muito antes do milho plantado pelos sertanejos daquelas regiões.

Ao lado do milho é a mandioca que tem papel especial na sua alimentação. A caça é muito reduzida, graças à ganância dos néo-brasileiros que, invadindo os seus territórios a dizimaram, abatendo-a somente para tirar-lhe o couro deixando os cadáveres apodrecendo na mata.

Sabem preparar vários alimentos simples do milho e da mandioca. Fazem grandes e saborosos pães de farinha de milho, beijus de mandioca, sopa de milho e mingau. Ao milho juntam o peixe muito abundante ainda nos numerosos lagos marginais do Paraguai e no próprio leito do rio. A mata lhes fornece o mel silvestre e grandes quantidades de frutas conforme a estação do ano. Cultivavam além disso, cará, inhame, feijões, pimenta, um pouco de arroz, cana de açúcar, muita melancia, banana, algodão, etc.

No mês de janeiro realizam uma grande festa em homenagem aos antepassados e aos recém-falecidos. Com longas canções convidam os espíritos dos falecidos para participar das festividades que consistem em dezoito danças rituais diferentes em coreografias e indumentárias.

Cada dança requer preparativos cultuais e materiais meticulosos. Os homens se dedicam ao preparo dos primeiros, enquanto as mulheres se dedicam durante vários dias ao preparo das iguarias que oferecem aos dançarinos após cada dança ritual.

Os preparativos demoram entre dois a quatro dias, enquanto a própria dança-ritual, algumas vêzes, somente leva uns poucos minutos.

Constroem uma "casa dos espíritos" na mata, em cuja frente estende-se um pátio oval de uns 25x35 metros, e na outra extremidade se encontra a grande casa das famílias.

E' vedada às mulheres a entrada na "casa dos espíritos". Nelas os homens preparam suas máscaras de dança e vestem as indumentárias. Dizem servir, além disso, como moradia aos espíritos convidados.

Cada homem que tomou parte em algum funeral (e são somente os parentes que nele podem participar) figurará como dançarino. Êle se tornará portador da alma de algum parente falecido durante as festividades que duram de 5 a 6 semanas.

★

D. Joaninha Rasmussen Schultz é a mãe da interessantíssima família, cuja vida enche estas páginas. Em suas veias corre sangue dinamarquês. Foi mulher belíssima, violinista e excelente cantora admirada por tôda a passada geração do Rio Grande do Sul. Foi ela quem iniciou Walter Schultz Pôrto Alegre nos estudos de música.

Viuva, bela e jovem, Dona Joaninha lutou dia e noite para educar os garotos. Disse ao reporter:

— Meus filhos não sabem ganhar dinheiro...

— Preferiria que soubessem, sem ser o que são?

— Nunca! — protestou ela com brilho de luta e de orgulho nos olhos. E terminou categórica:

— Mil vêzes não!

E olhando para uma mesa:

— Nesta mesa trabalhei anos a fio, das sete da manhã às duas da madrugada. A casa é velha e modesta, mas foi comprada com dinheiro ganho honestamente com o meu trabalho... Abandonei o canto por causa do coração, a conselho médico. No entanto, nunca vi ninguém arrebentar cantando, com as cigarras...

Dona Joaninha tem hoje setenta anos. E ainda ornamenta mesas para casamentos, aniversários... Cada criação sua tem um nome liricamente enobrecedor: "A Ponte da Felicidade", "Festa no Gêlo"... Diz ela:

— Às vêzes eu não sabia como arranjar dinheiro para o pão do dia seguinte. Não sou lá muito religiosa. Mas parece que Deus me ajudou mesmo: hoje os guris estão homens e retribuem o que fiz por êles. São o meu orgulho!

Dona Joaninha confessa:

— Temo pela vida de Harald, tenho saudades de Walter, que não gosta de escrever nem de ler cartas compridas, e sofro com todos suas penas, assim como vibro com seus triunfos e sua felicidade.

Confessa e sorri num riso aberto e cordial.

Bendita mãe! Cumpriu com rara beleza, e de maneira inexcedível, o seu papel. Se não tiver ganho o céu, quem o ganhará?

Ampliando as diversões...

(Cont. da pág. 16)

ram as sociedades locais de atores amadores. Sob êste novo ímpeto, os artistas locais recebem estímulos, enquanto os talentos que tem oportunidade de ver de vez em quando podem auxiliá-los a melhorar e avaliar sua própria capacidade.

As orquestras, cuja fama chega além da Grã Bretanha, e que já fizeram notáveis contribuições nesse campo das diversões cívicas, incluem a Filarmônica de Londres e a Halle, sendo esta última, de grande valor artístico, mais conhecida no norte da Inglaterra sob a batuta notável de Sir John Barbirolli. Esta orquestra é o orgulho da grande cidade industrial de Manchester.

Uma diversão cívica menos custosa, e frequentemente de gôsto mais popular, está sendo organizada em jardins e parques. Na grande cidade de Birmingham, no Midlands, foi fundado no ano passado um teatro de verão a fim de apresentar peças de Shaw, Maugham e Goldoni, num palco ao ar livre. O êxito foi imediato e deverá ser repetido anualmente no programa de festejos da cidade. Em Battersea Park, Londres, realizou-se no verão último uma exposição de escultura, incluindo obras de Epstein, Rodin e Henry Moore. Cêrca de 150.000 pessoas assistiram e obteve-se um lucro de 950 esterlinos.

O teatro cívico, diversão não menos cara que a das grandes orquestras permanentes, está surgindo por tôda parte. Alguns são formados por grupos já existentes, tal como o de Andra van Gyseghen, que agora atua na cidade de Nottingham, e o do Teatro Adelphi, o qual recebeu uma garantia de 400 esterlinos da municipalidade da pequena cidade de Macclesfield, famosa por suas sedas. Além do mais, porém, temos os teatros cívicos propriamente ditos, cujas companhias atuam em teatros subvencionados pelas municipalidades. Um dêsses teatros foi aberto neste ano na cidade de Chesterfield, onde um apêlo público para aumentar a subvenção produziu 5.400 esterlinos. O conselho municipal consignou 13.000 esterlinos e o Conselho de Arte Britânico (organismo independente de tôda espécie de administração pública) contribuiu com mais 3.000 esterlinos. Estas doações possibilitaram o ter sido mantidos os preços entre quatro xelins e um xelim e seis dinheiros, havendo respondido o público com a casa cheia.

De tôdas essas maneiras está aumentando o campo de influência das diversões cívicas na Grã Bretanha, esperando-se que até 1951, quando a nação celebrará o grande Festival da Grã Bretanha, quase tôdas as municipalidades tenham programas próprios para seus habitantes e turistas. Atualmente, os conselhos municipais estão atarefados com o equilíbrio orçamental e estudando os métodos de outros organismos que iniciaram vias novas pelo campo das diversões públicas. Um orçamento típico dêsses conselhos é o de Hackney, em Londres. Êste burgo conta com uma população de 175.000 almas e suas despesas totais para diversões, em 1948-49, foram de 4.625 esterlinos. A renda obtida no mesmo ano, com êsses projetos elevou-se a 3.775 esterlinos. Os concêrtos produziram pesadas perdas, mas a municipalidade está satisfeita, bem como a das outras cidades britânicas em que as diversões cívicas não são consideradas meio de renda, mas dever para com o povo.

Nº 19

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

AQUI ESTÃO ELAS. PUXA, SÃO ALINHADAS...

CANTAX CAMERAS

CANTAX CAMERA CO.

PRONTO. HUNKY, FOI TUDO O QUE ENCONTREI.

OK. DESÇA!

NÃO É FACIL DESCER... OHHH...

HEY!

MALIGNANT ESTÁ EVIDENTEMENTE INTERESSADO. ENQUANTO ISSO, HUNKY ESTÁ NOS FUNDOS DO EDIFICIO

AQUI ESTÃO VINTE DOLARES PARA ENTORNAR UM COPO D'AGUA NAQUELA GAROTA. BRIGAREI COM VOCE...

POR MAIS 20 DOLARES ERTORNARIA A SOPA.

OOOPS

CLANG

SERÁ DESPEDIDO, DESASTROSO!

SINTO MUITO MAS...

A MOÇA FICARÁ EM MINHA MESA.

QUE BONDADE!

NÃO PRECISAVA AFOGAR-ME PARA CONHECER-ME.

ESPERTINHA, EIN... ESTAVA DISFARÇADO, MISS...?

ALIZIRIN... BONITO NOME! ESTÁ MUITO ELEGANTE. TRABALHA?

NAO SEJA INTROMETIDO. NÃO NASCI ONTEM. SEI ME DEFENDER.

DÊ O FÓRA, GAROTO. ESTOU OCUPADO.

PUXA, MALIGNANT, APANHAMOS AS CAMERAS. MAS JOE CAIU E PARECE MORTO.

QUE PENA! MAS FICA MAIS PARA VOCÊ. TRINTA CAMERAS DÁ TREZENTOS DOLARES. TOMAREI CONTA DE SEU AMIGO. VOLTE AMANHÃ.

OH, OBRIGADO. QUANTA GRANA!

ENQUANTO ISSO, SANDY...

ONDE ESTOU? OH, ESTOU TODO DOLORIDO!

FRAGIL

ESTÁ AO SEU ALCANCE ESTE MARAVILHOSO INSTRUMENTO!





SCHWARTZMANN oferece uma magnifica oportunidade para adquirir o piano consagrado pelos grandes artistas, pela sua alta classe. Visite suas lojas e exposições ou, se possivel, sua fábrica, para apreciar a sonoridade perfeita e o primoroso acabamento dos pianos **SCHWARTZMANN.** Peça detalhes sobre o seu plano de vendas a prazo, pessoalmente ou por carta, por intermedio do cupão abaixo.

DUPLA REPETIÇÃO
TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PÉDAIS - CORDAS CRUZADAS



SCHWARTZMANN

Fábrica e Escritório central:
Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • SÃO PAULO



Pianos SCHWARTZMANN
Avenida Agua Branca, 524 — São Paulo
Peço enviar-me detalhes sobre seus planos de venda.

Nome: ....

Rua: ....

Cidade: ....

Estado: ....

Lojas e Exposições:
RIO: Av. Rio Branco, 257-A
Fone: 32-7522
S. PAULO: Av. Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478
R. Xav. Toledo, 272 • Fone: 4-1459

Publitéc-06

DEVASSANDO A FORJA DOS MILHÕES

(Cont. da pág. 6)



A primeira tentativa redundou em fracasso. Deficiência de maquinário, desconhecimento de certos detalhes

e três anos de atividade. O fato chocou-o. Por isso, passava as manhãs no Campo de Santana, contemplando o secular casarão e, à hora do almôço, desembrulhava a marmita, fazendo sua costumeira refeição, tal como se estivesse na ativa. Após êsse ato, acenava para a janela que dava para sua seção e, com os olhos marejados de lágrimas, lá se ia rumo de casa. Infelizmente, não durou muito essa cena, porque ao completar seis meses de aposentadoria sucumbiu à saudade do trabalho.

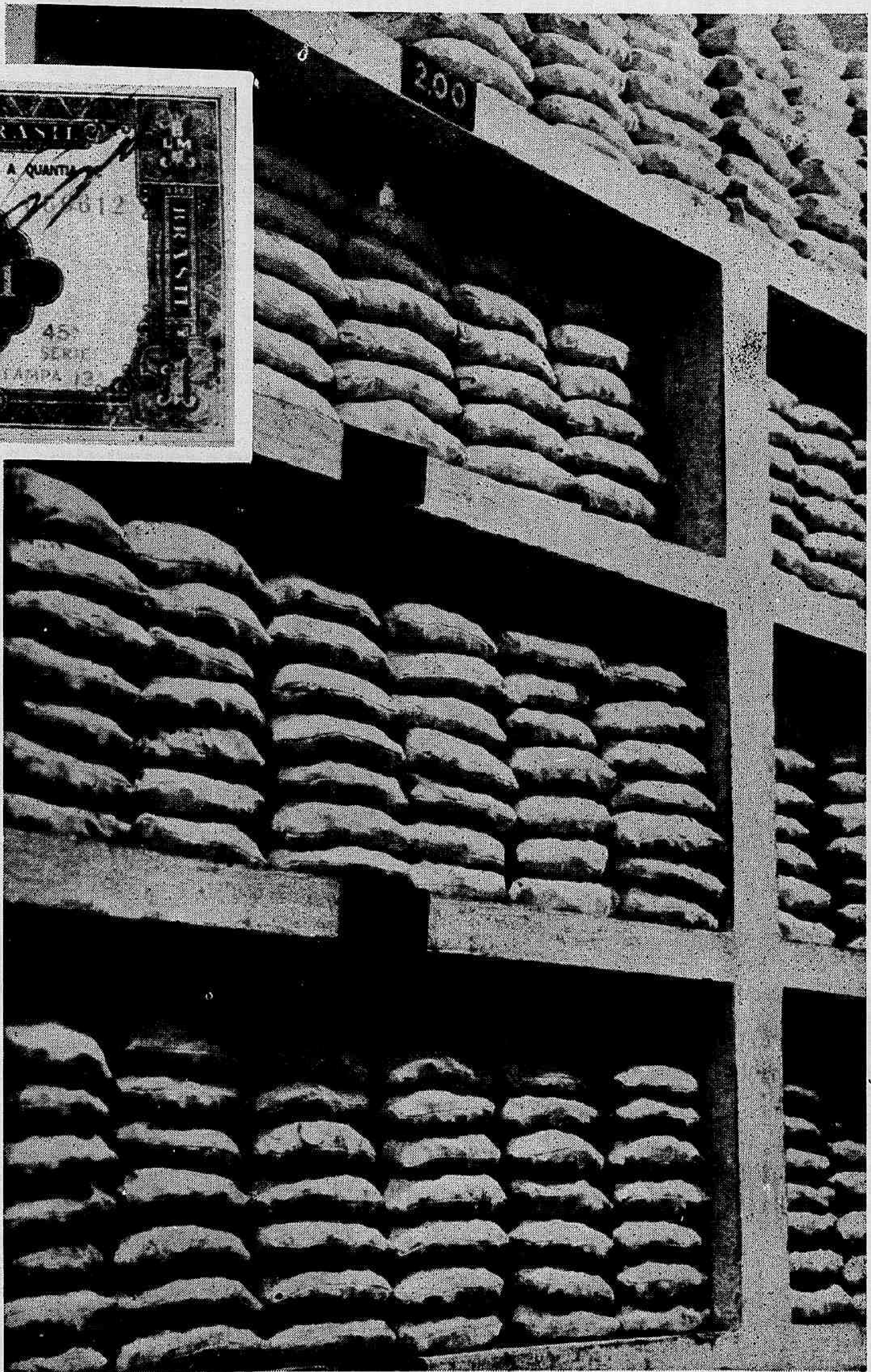
Outro veterano, que já dobrou a casa dos cinquenta anos de serviço, anota num caderninho o nome daqueles que lhe falam em descanso, a fim de não voltar a conversar com os mesmos.

E' nesse mundo de milhões onde centenas de operários tanto produzem, que melhor se pode compreender o sentido da palavra "honestidade". Tendo diante dos olhos moedas dos mais diferentes valores, êsses fabricantes de dinheiro, muitas das vêzes, recorrem ao próprio diretor para conseguir a passagem, porquanto estão com a carteira vazia. É dizer-se que na Casa da Moeda nada-se em cruzeiros...

Disciplinados e compreensivos, tudo dando para que o suprimento de moedas divisionárias, selos e estampilhas não sofra solução de continuidade, êsses artistas anônimos às vêzes deixam-se ficar nos locais de trabalho até as tantas da noite, para que não seja ferida a reputação do estabelecimento. E quando assim o fazem é por conta própria, tão cônscios se acham da responsabilidade que lhes pesa sôbre os ombros.

Com êsse espírito de honestidade e culto às tradições, êsses mil e trezentos operários, todos os anos, no dia de "Corpus Christi", organizam uma coleta para oferecer as cem primeiras moedas cunhadas no ano, além de oferecerem os resultados do trabalho em louvor da Padroeira da Casa Nossa Senhora de Santana.

Mesmo assim, nesse ambiente de tranquilidade e concórdia, já houve um fato que, durante alguns dias, deixou em sobressalto a quantos ali desenvolvem suas atividades. Foi por ocasião da administração Mansueto Bernardi. O gravador Valter Toledo, que por sinal é congregado mariano, utilizando suas iniciais para identificação de seus trabalhos, ocasionou verdadeira celeuma em certo órgão da imprensa, que no mesmo viu uma disfarçada propaganda integralista. Foi o bastante para que a diretoria dêsse estabelecimento fosse prêsa, enquanto o pobre gravador sofria tôda sorte de interrogatórios. Felizmente, tudo se esclareceu e a paz voltou a reinar no seio da Casa da Moeda!

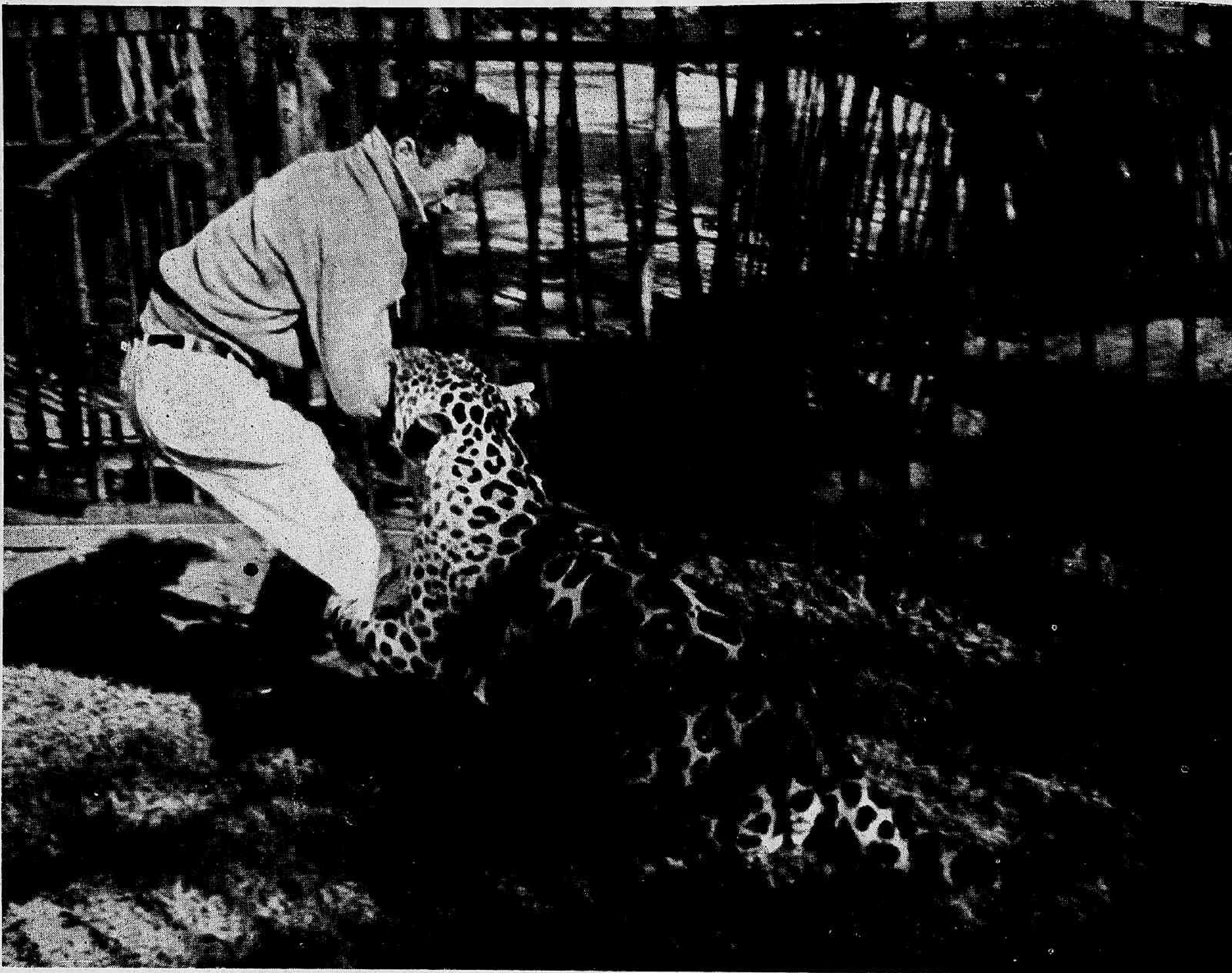


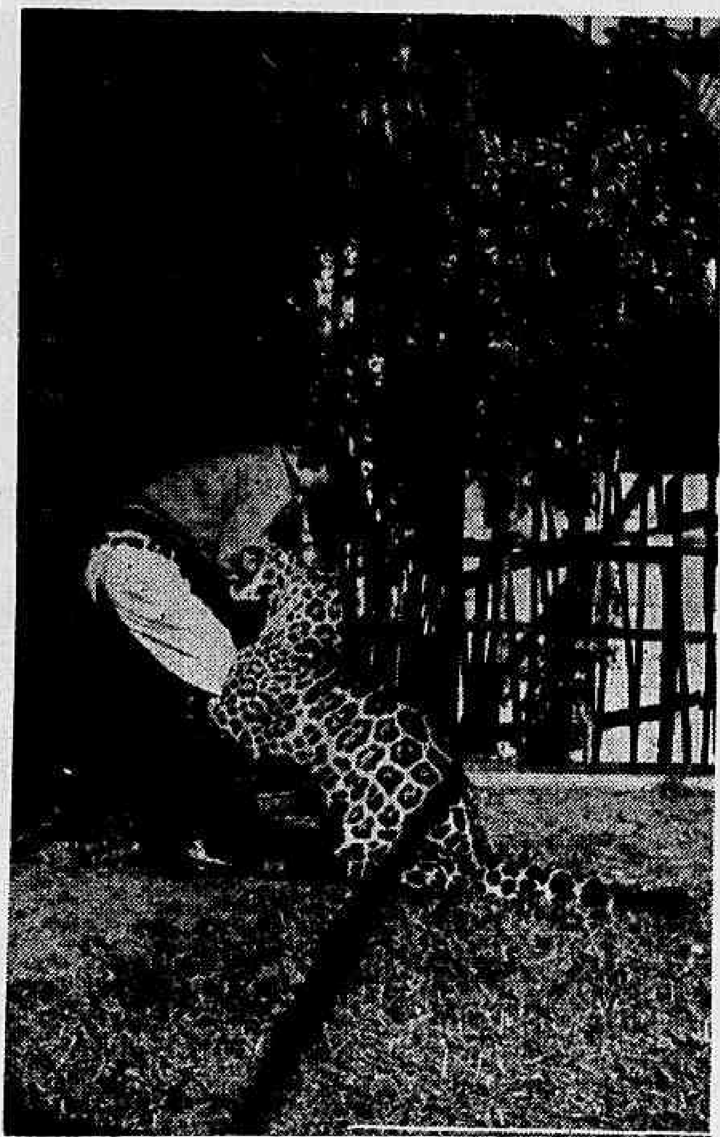
Por fim, a arrumação em escaninhos seguros, de onde sairá para distribuição em todo o território brasileiro

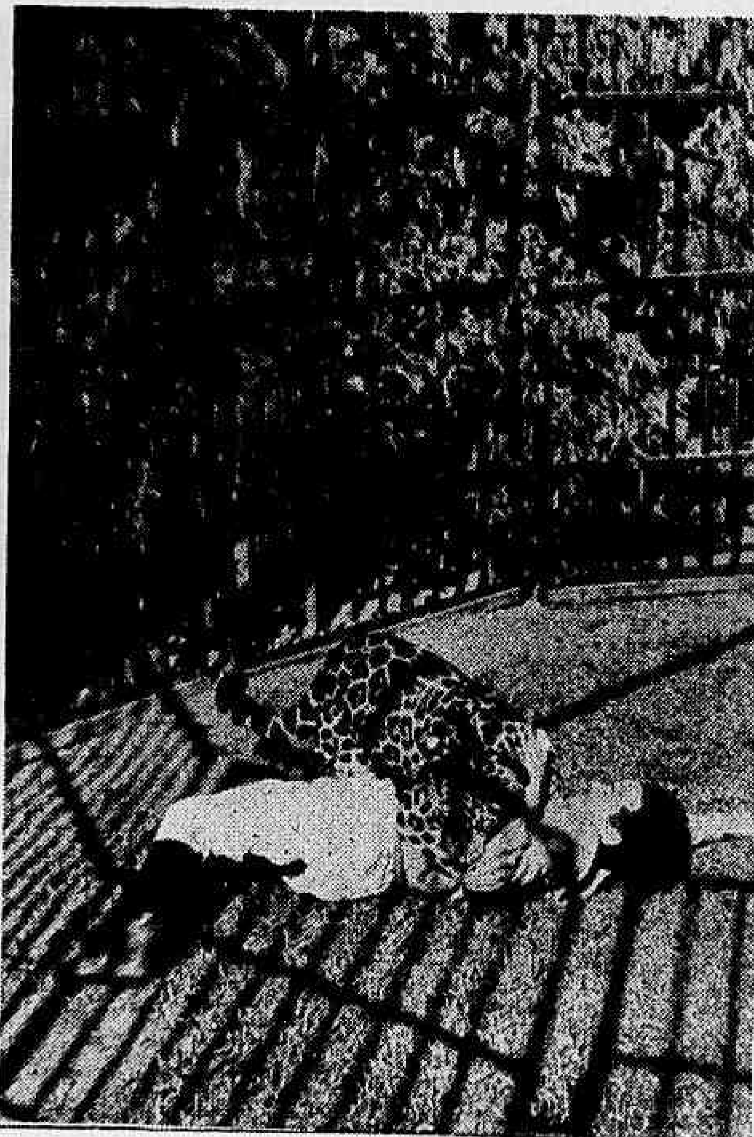




Com dois séculos de atraso, mais uma tentativa fracassada, conseguiu a Casa da Moeda, graças aos esforços de seu diretor, fabricar o papel-moeda. Esta, é uma prova da eficiência do estabelecimento da Praça da República









ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Por **Hélio Fernandes**
Fotos **Augusto Valentim**



FURIOSA, olhar mais feroz que um cowboy do cinema americano, ela atira-se desesperadamente contra as grades. Tem cara de leão, corpo de leão, mas como na canção popular, também não é leão. Pelo menos lá está o cartaz esclarecendo que se trata de uma onça pintada, ferocíssima, originária das selvas africanas. Seus urros assustam mesmo os que não se encontram muito perto, visitando habitantes mais càlmos dêste exclusivo mundo zoològico. Mas parece que há por aqui alguém que não se atemoriza com tanto berro e que não liga para tanta ferocidade.

Tem apenas 1,49 de altura, um nome — Pacífico Soares — de fazer rir ao mais feroz dos animais, um olhar de anjo fugido às presças do Paraíso, mas é considerado o maior domador brasileiro. Com 19 anos dessa estranha profissão, é domador de fato e de direito, embora na carteira funcional tenham conseguido burocratizá-lo lindamente, colocando-o em não sei que referência ou padrão para efeito de recebimento de um modestíssimo salário.

Sem dizer palavra êle encaminha-se para a jaula, abre a porta, e coloca-se frente à fera.

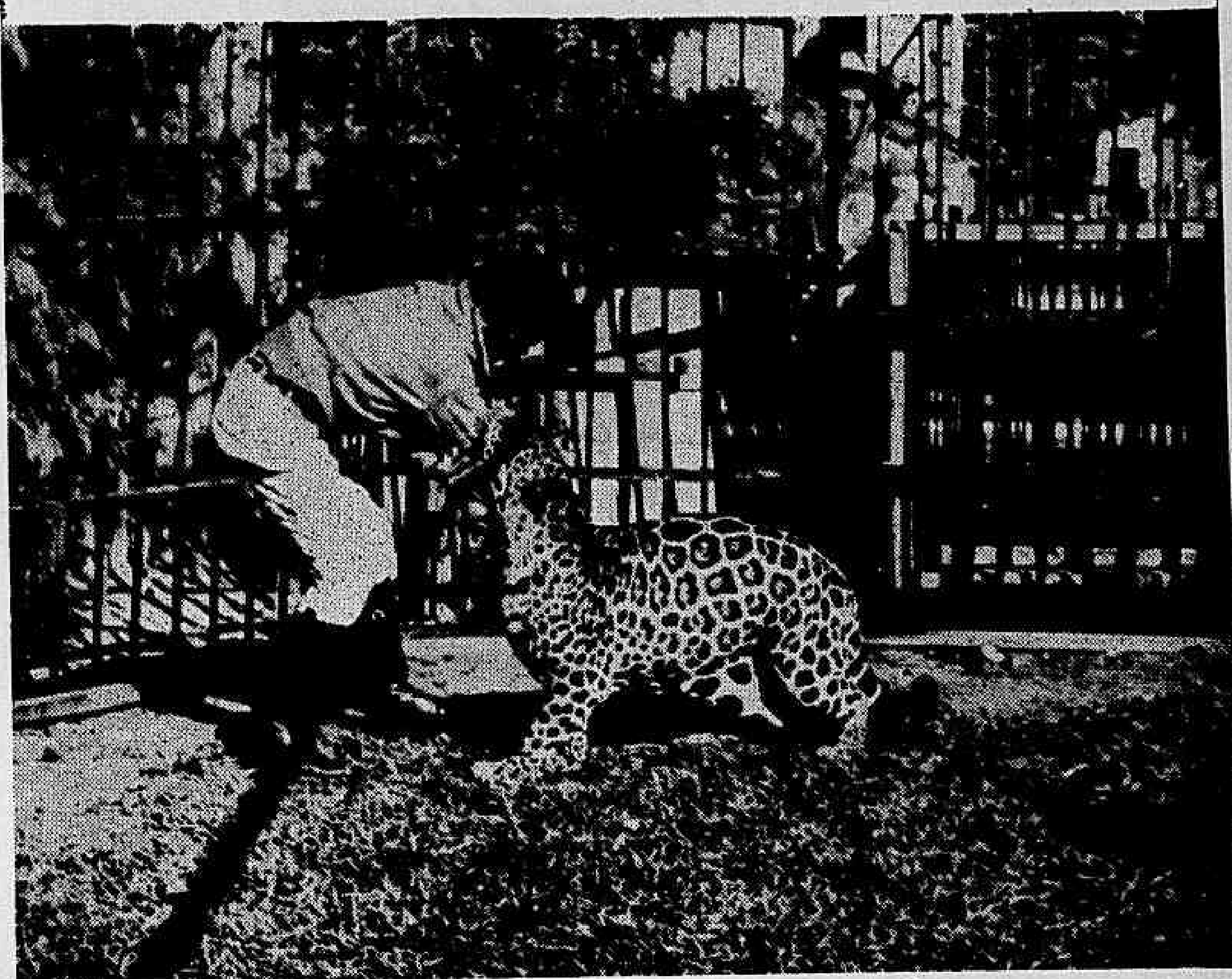
A princípio ela retrai-se, como que instintivamente respeitando êsse que se atreve a enfrentá-la. Mas logo estica o corpo, arma um bote, e eis a fera e o homem rolando pelo chão num abraço selvagem e emocionante.

Dura mais de trinta minutos êsse combate desigual, e quem pensar que se trata de simples brincadeira de domador, ou que "a onça não deve ser tão feroz assim", que vá experimentar de perto. Mas se não tiver coragem para tanto, venha verificar o resultado da luta no corpo do jovem domador. Lá estão as marcas das prêsas do animal documentando a sua sêde de sangue, apenas obstada pela habilidade extraordinária dêsse rapaz de 30 anos, de fala mansa e agradável, e parecendo tão feliz como se fosse o Aga Khan em pessoa.

★

— "Nasci no Rio Grande do Sul — diz êle — e tinha 11 anos de idade quando entrei pela primeira vez numa jaula. Sozinho e sem ninguém por perto. Apanhei o chicote e o ferro e fiz exatamente como via meu pai fazer. Lá dentro não me aconteceu nada. Mas cá fora é que o negócio ficou feio, pois quando o velho soube deu-me uma surra tão grande que me manteve afastado da jaula por um longo período. Mas depois, vendo que não adiantava nada, êle mesmo foi me ensinando uns truques, levando-me para dentro da jaula com êle, até que me deu inteira liberdade.







Mas só alguns anos depois, aí pela casa dos 17, foi que eu resolvi abandonar tudo e ingressar num circo que passara por Pôrto Alegre. Viajei para a Argentina, Uruguai, corri quase todo êste imenso país e vim terminar no Rio de Janeiro como zelador do Jardim Zoológico. Daqui não pretendo mais sair."

— Os animais sempre se comportam bem? — perguntamos.

— "Quase sempre. Mas uma vez, quando trabalhava num circo em S. Paulo, escapei de morrer. O leão enfureceu-se por qualquer motivo e não houve jeito de acalmá-lo. Não houve chicote nem ferro capaz de contê-lo. Vi a morte de perto naquele dia. Foi preciso matá-lo a tiros de revólver e passei 4 meses no hospital em tratamento. Mas não fiquei aborrecido, e até hoje só me sinto bem mesmo quando estou lidando com os animais.

★

Aproxima-se uma jovem simpática, e Pacífico apresenta-a. Chama-se Teresa, é bilheteira do Jardim Zoológico e dentro de alguns meses estarão unidos perante Deus e os homens, até que a morte os separe. Conheceram-se há dois anos e resolveram casar.

Com um ar bastante sério, ela diz para o repórter:

— "Depois do casamento, Pacífico não vai lutar mais com essa onça. Nem vai entrar na jaula do leão. Êle pode muito bem continuar trabalhando aqui sem arriscar-se diariamente."

Mas Pacífico parece que tem idéias próprias sôbre o assunto, e diz maliciosamente:

— "Você foi a única fera que ainda não consegui domar. As outras já não me podem causar mal."

ENFRENTANDO OS MAIORES PERIGOS, O Sr. CONDE DE SALAMALEQUES DESVENDA OS MISTÉRIOS DA ÁFRICA!

— SENHOR, TENHO FOME -- DISSE O MENDIGO PARA O MÉDICO. ÊSTE, COMO BOM PROFISSIONAL, RETRUCOU COM ÊNFASE: -- BOM SINTOMA, BOM SINTOMA

BARRETO PINTO E' UM PLAGIADOR!

MICRO-REPORTAGEM do Barão do Buteco

Desde que se espalhou pelos quatro ventos cardiais a notícia de que um deputado e revistógrafo brasileiro de nome Barreto Pinto havia lançado a moda muito cômoda e pitoresca de andar-se de cuecas e casaca, esta redação foi procurar o Sr. Conde de Salamaleques para saber se havia alguma novidade nisso.

O enciclopédico fidalgo, porém, não nos póde atender por estar fabricando uma guitarra com a qual ia competir arduamente com a Casa da Moeda num concurso para a escolha do melhor dnheiro falso a ser lancado aqui e além.

Pediu-nos êle que deixássemos para ocasião mais oportuna, pois ia dar busca em seus arquivos prehistóricos e o viesse a furo daria para um furo de reportagem.

E chegou o momento culminante e angiosamente esperado. O Sr. Conde nos enviou de sua excursão forçada à África uma foto obtida há oitenta anos numa reunião elegante do potentado africano "Ras" Gadoinfundos, quando palestrava com o seu primo o "Ras" Gadinho da Silva e uma linda "miss" cujo nome a traça parece que comeu.

E' de notar-se esta curiosidade. Enquanto os cavalheiros usam cuecas com casacas, as mulheres usam calças. Desta forma fica cabalmente provado que muitos antes das cuecas legislativas, que tantos comentários provocaram nos meios financeiros do Brasil, já em outros povos civilizados êsse costume era vulgar de Lineu e outros centistas.

O caso é muito simples. A preocupação já não é de cuecas, e sim do tipo das tangas. Aquêle que mais depressa montar uma casa dêsse artigo do dia, ficará rico... de tangas!



Essa é a foto que nos mandou o Conde. Note-se que há um fato interessante: as cuecas têm bolsos

ATENÇÃO!

O CONSULTÓRIO DE GRAÇA DO BARÃO PASSARÁ A SER CARTAS À REDAÇÃO

TIPOS QUE OLHOS CIVILIZADOS JAMAIS VIRAM!

REPORTAGEM EXTRA...VAGANTE DO CONDE DE SALAMALEQUES NO INTERIOR DAS SELVAS AFRICANAS

OS HOMENS-MACACOS!

Sem dizer nada a ninguém, o digno fidalgo que dirige esta publicação seguiu clandestinamente no nariz de um dos grandes "Constellations" da "Panair" até as costas quentes da África disposto a fugir de cadáveres impertinentes que exigiam com ameaças uns miseráveis cruzeiros já um tanto atrasados.

Mas Deus escreve certo por linhas tortas, como dizia Adão diante da serpente, ao servir um cálice de parati com caju da serra de Maranguape.

E assim foi. O Sr. Conde, aproveitando a passagem do avião por Dakar, saiu habilmente aproveitando a penumbra da madrugada e se pôs a caminho em procura de um canibal que o acolhesse em sua taba hospitaleira.

Andou, andou o dia inteiro sem ver pé de gente, até que viu um pé de palmeira. Era um oásis. Estava salvo! A séde era terrivel e o bravo descendente dos Salamaleques de aquém e de além mar de Espanha correu para saciar a séde que o devorava de dentro para fora e de fora para dentro.

Mas, oh! espanto! Ao aproximar-se do oásis, ouviu umas vozes estranhas, entre sons humanos e guinchos macacóides. Então, sofreando a séde em prol da ciência antropológica, êle, o admirável e invencivel fidalgo, abaixou-se e passou a andar como um verme, "para não ver-me", disse êle com os seus botões.

Quando chegou bem pertinho do oásis, já nem mais se lembrava da séde, pois maior era sua séde de saber. Erguendo um pouco a majestosa cabeça cuja conformação é um simbolo de sabedoria e ciência dos Faraós do Egito, êle viu uma coisa espantosa. Sentados à beira da fonte que alimentava aquelas palmeiras do deserto africano, e conversando sôbre a sucessão, estavam dois vultos esquisitos. Que seriam? Dois homens ou dois animais?

Imediatamente o Sr. Conde de Salamaleques passou a recordar todos os autores de antropologia e história da civilização citando mentalmente os seus nomes, suas obras e as gravuras dos livros aliás comprados em sebos e alguns ainda por pagar.

Mas tudo o que se sabia até hoje era pinto diante daquela descoberta sensacional e assombrosa.

O Sr. Conde ficou com o ouvido atento. Percebeu que os estranhos antropóides falavam sôbre assuntos politicos, pois de quando em quando êles riam muito e faziam sinais com a mão na barriga.



Unica foto conseguida pelo Conde, justamente quando estava agachado

Então o explorador fingiu que estava doente e começou a gemer, estorcendo-se no chão. Os dois bichos ergueram-se de orelha em pé como "Carrasco" ao ganhar o "Sweepstake", e se atiraram sôbre o Conde, que não teve medo algum, embora sentisse que o sangue lhe fugia das veias e saia de calça abaixo, não se soube nunca por que. Mas isto é outro capitulo.

Imediatamente os homens-macacos ou macacos-homens o arrastaram para a beira da água e lhe deram de beber, citando um versiculo da Biblia que fala na Samaritana. O Sr. Conde ficou admiradissimo. Bebeu água até desfalecer. Quando acordou estava num reino encantado. Os homens-macacos ou vice-versa afiavam facas e lambiam os beiços. O Sr. Conde sabia que iam comê-lo com fritas; porém não se deixou abater. Começou a falar em linguagem de apóstolo e, como é homem habilissimo em escamoteações que a vida lhe ensinou, propôs um "garden-party" ao Soba velho de guerra, em troca de sua liberdade. E foi um sucesso. O Soba terminou por lhe oferecer Miss Tura, a mais linda da Taba, mas o Sr. Conde preferiu trocá-la por um cavalo de raça que correria agora se não houvesse a politica da má vizinhança. Fez estudos cientificos e trouxe fotos como a dêste par de idiotas, dois "bentões" africanos de raça que é um segrêdo, uma lança em África à disposição do descobridor.

LEIA ESTA LINHA, DEPOIS VIRE DE CABEÇA PARA BAIXO

LEIA ESTA LINHA, DEPOIS VIRE DE CABEÇA PARA BAIXO

SUCIAIS

O maior acontecimento da semana que passou em branca nuvem para muita gente que não recebeu prêmios de corridas de cavalo e outros animais amigos do homem, foi o do enlace matrimonial do estimadissimo banqueiro e tocador de gaitas Sr. Irondino Palha de Coqueiros com a prendada senhorita (está um pouco velhinha mas ainda é senhorita) — com a prendada senhorita, repetimos, Germaniana Godofredina de Aço e Pantuflas, rica filha do famoso barão de Pantuflas de Agarraopecombico e neto de Carlos Magno, fundador do Grande Império da Alemanha Ocidental.



Os recém-casados deixando o altar

O solene evento arrastou ao solar do noivo o que de mais chic havia nas favelas aristocráticas daquela capital, tocando várias bandas de música e cantando diversas primas donas o "tico-tico no fubá", peça musical da estima e admiração de Godofredina que chorava de comoção cerebral.

O cortejo parecia um mar de gente faminta e sedenta louca para que chegasse a hora do banquete que já estava demorando tanto que, quando uns meninos passaram vendendo fogareiros com amendoim hipoteticamente escondido em tubinhos de papel, muitos avançaram e comeram até as brasas.

Já ia tarde a noite e a lua merencória lá no alto dos céus parecia também chorar de fome e raiva, quando um criado grave e solene anunciou à multidão dos admiradores do novo par, que êles sentiam muito mas o padeiro mandava dizer que fiado nem mais um centavo. Correram então uma vaquinha e, com três cruzeiros e tanto, resolveu-se passar um um telegrama de felicitações ao novo casal Paina-Aço.

Desaparecido — Comunicamos a todos os habitantes da cidade e dos subúrbios, dos montes e vales, dos morros e das pontes, dos bancos de jardim e das soleiras das portas mais ou menos largas e sem vigia; dos que moram sob os andaimes e os que vivem comodamente à sombra das casas em ruinas modernas, que desapareceu de um dos quarenta e nove circos que afrontam a chuva e os ventos contrários, o perigoso "Homem-Lobo", ou "Lobo-Homem", aproveitando-se de uma distração do porteiro que fôra conferir sua lista de jôgo do bicho.

Quando deu por falta dessa espécie que não está na roda, deu o alarma! Todo mundo procurou trancar-se a sete chaves e a subir em árvores. O "Lobo-Homem" ou vice-versa — o que dá no mesmo sempre — anda sôlto, trazendo isso grande perigo especialmente para as senhoras que usam peles de raposa.

Para maior facilidade de identificação do animal, damos nesta coluna ática uma fotografia do mesmo, que não deve ser confundido com nenhum dos tubarões que andam soltos por aí.



O MUNDO MANCA E A MULA MORCHA

BONECOS DE RAFAEL ★ DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES

★★★ PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS. ARTE, MANHA, DIVERSÕES ★★★

QUALQUER SEMELHANÇA E' MESMO SEMELHANÇA



Muita gente que tem ido ao Circo Quase Sarrasani tem escrito a esta redação perguntando, maliciosamente, se uma das focas que ali se exibem gloriosamente é parenta do nosso companheiro e cientista Sr. Barão do Buteco, o eminente Conselheiro de várias gerações.

Notamos que as perguntas, se bem que muito gentis e corteses, trazem nas suas entrelinhas, um pouco tortas, a malevola intenção de ridicularizar o sublime fidalgo que responde a todas as consultas. Não gostamos de indiretas, pois somos homens que só olhamos de frente, exceto quando olhamos de soslaio, quando bebemos um pouco mais ou quando falamos com um vesgo.

Nada têm os nossos mesquinhos criticos a temer. A foca número um daquele circo e de outros nas mesmas condições zoológicas são da mesma estirpe do Sr. Barão do Buteco. Apenas, por uma questão de antrolobiologia comparada que os cromosomas-somáticos e multiplicativos atestam mesmo sem sê-lo, coube ao Sr. Barão a felicidade de falar e pensar como gente, enquanto a foca age como um animal polar que polariza as atenções dos povos.

Entretanto, se compararmos as linhas fisionômicas do Sr. Barão com as dela, verificamos que são parentes próximos. Sempre haverá focas na imprensa.

ASSUNTOS DIVERSOS

Do interior — Segundo anunciou o vulcão Aconcagua, o seu irmão Katopaictecl está reunindo todos os elementos ígneos e fumacentos para fazer uma visita à parte exterior da Terra prometendo salvar muitas emprêsas cinematográficas com essa manifestação cordial.

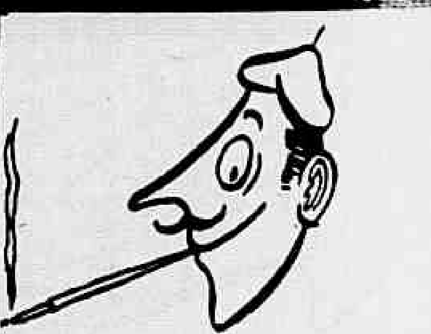
Do interior mais interior ainda — Por uma questão de mando o Inferno está novamente em convulsão. O Partido Solidariedade Diabólica não se conforma com a ingerência em assuntos administrativos pelo Partido Semeando Provocações, razão porque está procurando unir-se à União Diabos Nocivos, ao Pratiquemos Traições Novas, ao Pequeno Redobradamente e outros infernais. Graças a Deus o Reino dos Infernos ainda continua muito distante da crosta que nos defende dêsses brutos condenados por Deus, pelo que o caso só interessa ao nosso povo como notícia histórica. Façamos nossas preces ao Criador de tudo e de todos, para que jamais as fronteiras dêsses sêres repelentes venham a confinar com as nossas, e que lá muito em baixo, no mais interior do interior, não venha a haver crise de habitação a ponto de os diabos de tantos partidos perigosos e anti-humanos se verem na contingência de mudarem seus escritórios eleitorais aqui mais para cima. **Vade retro, Satanás!**

Do Exterior — O mundo continua em paz, embora haja muita dor de cabeça e ventos fortes arrancando ninhos de rolinhas e outros pardais inocentes do seus galhos. Os poetas estão lançando várias obras de poesias de variados feitios que são procuradas ansiosamente pelos amantes da poesia, que vão ali escolher um verso bonito para deixar à namorada no dia do suicídio com formicida. Os produtores cinematográficos também estão animados e esperam bons proveitos de filmes que anunciam para breve, nestes cinco ou seis anos. Porém mais tempo demorou o templo de Salomão, o sábio e riquissimo rei que mantinha em serviço 19? mil operários. Que pode fazer o nosso cinema se todos só procuram desesperar? Daí o chôro

AQUÊLE HOMEM ERA TÃO AZARADO, MAS TÃO AZARADO, QUE MESMO QUANDO JÁ IA RECEBER A SORTE GRANDE E ESTENDIA A MÃO PARA ENTREGAR O BILHETE PREMIADO, FOI ROUBADO.

MON CANTINHO

por JAQUE ESTADE XAFIQUE



Segunde falave em semane passé ... vai agorra inicié las consultes de ... ecomparfade e cientifique pour tutes ... cicas de êste belissiue e acolhedor pei...

A primerra carte recebide fui qui de ... prezade amique le done de Penson ... reside há trois semenes e um dio ... qui je quer qui non conte mé êle quer ... conte. Vá lá.

Done de Penson — je veje clarre q... nheur vai experimentier breviman une ... dv prrejuice avec un senheur estr... muite simpátique e bien vestide m... san arjan. Seuleman avec mile cruzeres ... un pouquinhe mais je poderré evite... prrejuice de senheur até fin du mês. Je ... melheur qui senheur done de penson ... entreguê mile cruzeres a mon quarte ... faite até die canze, parra evitê grrande p... juice. Está bien?

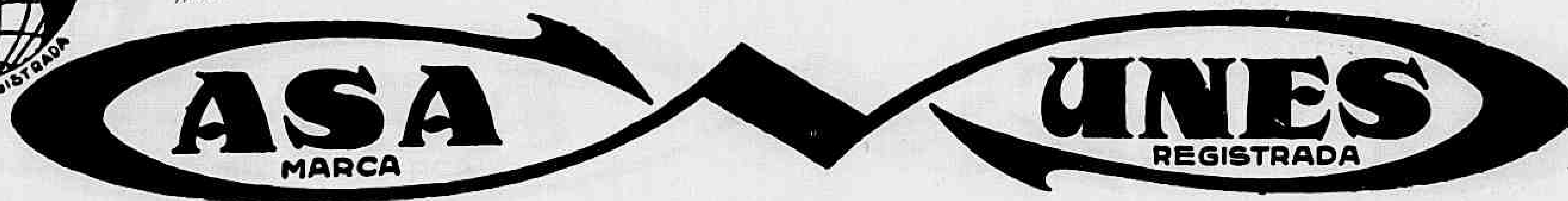
Candidate — Je vi la pedre cristale ... future, sim senheur. Je panse qui est ... muis acertade qui senheur vem pers... man en mon residance de manere qui p... je et senheur palestrer animademan av... calme e finesse en relacion avec cerre ... qui non est possible falê assim en ... Há un proverbe en mon pei qui diz ... "Mate tem olhe et parrede tem ouvide". ... si falande entre parredes a gente ... sujeite tudinho a ser ouvide par ... san vergonhe, muite pior est qui falar ... jearnale muite lide au pove de une grand... capitale come éste de Rio. Je quer ... mon dinheirre, mé honestemon, si possible. Si nom... qui vou fazê? La sorte quer ... dance avec la musique... Est bien?

CALMA! NÃO FIQUE NERVOSO. ESPERE MAIS UM POUCO PELA "VIDA INTIMA DE UM TUBARÃO"



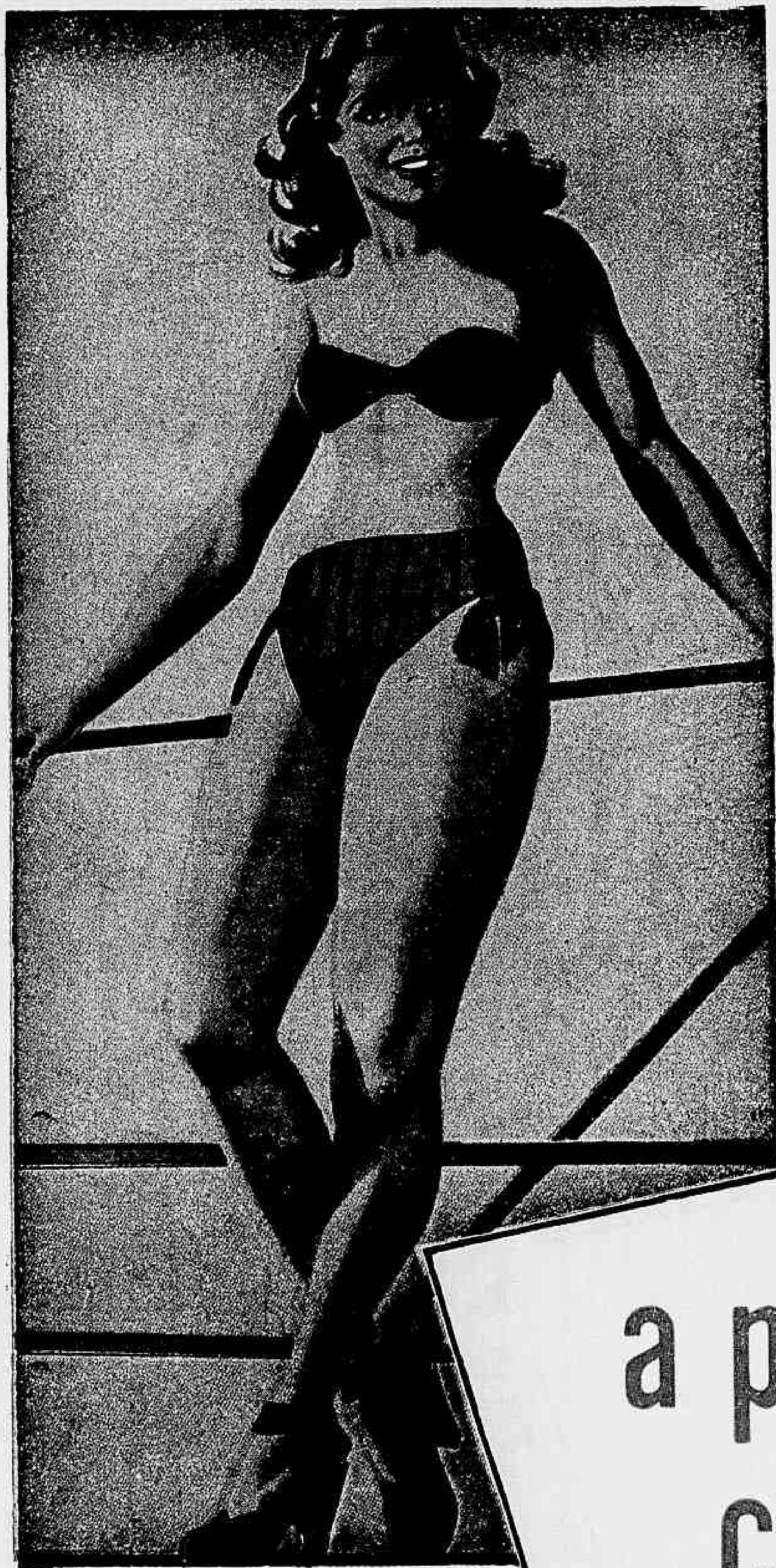
Encantadores. . .
os novos tipos e desenhos de **TAPETES** e **PASSADEIRAS** com **FLORES**, que acabamos de receber da Inglaterra.





Orçamentos
GRATIS

65 — Rua da **Carioca** — 67 — **RIO**



o estilo dos maillots modifica-se...



...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos

Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil



Lisos ou com ponteira

Sim — o tamanho dos maillots torna-se cada vez mais reduzido... porém a popularidade dos cigarros Continental permanece inalterada. Continental é o cigarro que soube manter **uniforme** a sua suprema qualidade. Hoje, Continental é melhor do que nunca — e um público cada vez mais numeroso dá sua preferência a Continental — o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

— uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**